

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
MESTRADO EM TEOLOGIA SISTEMÁTICA

ALINE AMARO DA SILVA

**CIBERGRAÇA:
Fé, evangelização e comunhão nos
tempos da rede**

Prof. Dr. Érico João Hammes

Orientador

Porto Alegre
2015

ALINE AMARO DA SILVA

CIBERGRAÇA:
Fé, evangelização e comunhão nos tempos da rede

Dissertação apresentada à Faculdade de Teologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia, Área de Concentração em Teologia Sistemática.

Orientador: Prof. Dr. Érico João Hammes

Porto Alegre
2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586c Silva, Aline Amaro da

Cibergraça : fé, evangelização e comunhão nos tempos da rede / Aline Amaro da Silva. – Porto Alegre, 2015.
139 f.

Diss. (Mestrado em Teologia) – Faculdade de Teologia,
PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Érico João Hammes.

1. Religião. 2. Ciberespaço - Aspectos Religiosos.
3. Cristianismo e Cultura. 4. Internet - Aspectos Religiosos.
5. Evangelização. 6. Comunhão. I. Hammes, Érico João.
II. Título.

CDD 261

**Ficha Catalográfica elaborada por
Vanessa Pinent
CRB 10/1297**

ALINE AMARO DA SILVA

“CIBERGRAÇA: FÉ, EVANGELIZAÇÃO E COMUNHÃO NOS TEMPOS DA REDE”

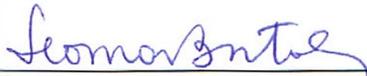
Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestra pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovado em 11 de março de 2015, pela Banca Examinadora.

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Érico João Hammes - PUCRS
(Orientador)



Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin - PUCRS

Prof. Dr. Manuel Gilberto Hurtado Durán - FAJE

Porto Alegre
2015

Dedico este trabalho à Santíssima Trindade, à Virgem Maria, à Fraternidade N. Sra. da Evangelização, à minha família. À todos os nativos digitais que são o presente e o futuro da Igreja. Em especial, à minha sobrinha Maria Eduarda, espero que este estudo ajude a construir uma Igreja onde ela, uma nativa digital, se sinta em casa, acolhida e amada.

AGRADECIMENTOS

Senti o chamado de fazer o mestrado em teologia durante uma palestra que assisti em 2012 e após ter conversado com o palestrante, o sacerdote jesuíta Antonio Spadaro. Agradeço ao Padre Antonio pela simplicidade e disposição em responder meus e-mails, os conselhos e direcionamentos que me deu ao longo da pesquisa. Agradeço a Lígia Maria Bublitz Oliveira que me incentivou e ajudou a discernir a vontade de Deus para a minha vida.

Agradeço ao Pe. Ladislau Molnár, meu pai na fé, diretor espiritual e fundador da minha comunidade, por me permitir dar mais esse passo na vida intelectual. Agradeço às minhas irmãs e meus irmãos de comunidade pelo apoio e compreensão. Em especial, à Jaqueline T. Machado que revisou todo o trabalho, ao Pe. Neto pelas observações, ao Pedro Tiago, à Dilce, e à minha mãe pela ajuda em algumas traduções. Agradeço minha família por sempre incentivar e dar suporte aos meus estudos.

Agradeço a todo o PPG de Teologia, professores, colegas, secretárias. Agradeço ao Pe. Leomar Brustolin, por ter permitido meu ingresso em seu grupo de pesquisa sobre Antropologia Teológica ainda quando estava cursando o jornalismo e, com essa experiência, me abriu o horizonte da teologia. Ao Frei Luis Carlos Susin pelas sugestões e correções no projeto. Ao Pe. Manuel Hurtado por todos os ensinamentos e por aceitar fazer parte da banca.

Em especial, agradeço ao meu orientador, Pe. Érico Hammes, pela coragem de me aceitar como orientanda, por toda a atenção e tempo disponível para me ensinar, orientar e ajudar na pesquisa. Agradeço a CAPES a oportunidade de fazer o mestrado e a todas as pessoas citadas e não citadas que fizeram parte dessa história e que foram de várias maneiras instrumentos de Deus na minha vida.

RESUMO

A presente dissertação examina os efeitos da invenção da internet na teologia e sociedade, definindo o que é ciberteologia a fim de descobrir qual sua contribuição para melhor compreender e inter-relacionar a cultura, a fé e o ser humano contemporâneo. Delimita-se o tema em cibergraça, entendida como a comunhão entre as pessoas nos tempos da rede. Primeiro, apreende-se o ciberespaço como um lugar profundamente antropológico onde se pode refletir teologicamente. O estudo também busca verificar como a rede afeta ou potencializa a relação de comunhão entre as pessoas, em especial com a juventude, público predominante no ciberespaço. Além disso, analisa o valor eclesiológico da internet na missão de evangelizar todos os povos, construindo a relação entre evangelização e comunhão na era digital. O trabalho utiliza basicamente os métodos de pesquisa exploratória, bibliográfica e documental. A dissertação se fundamenta principalmente nas obras e artigos de Antonio Spadaro, autor do livro e do campo teológico “Ciberteologia”, pano de fundo deste estudo. Para fundamentar a análise sociológica e cibercultural do primeiro capítulo, faz-se uso de autores como Manuel Castells, Pierre Lévy e André Lemos. Na teologia trinitária destaca-se a contribuição de Gisbert Greshake e John Zizioulas. Também o trabalho se inspira no pensamento científico-teológico de Teilhard de Chardin seja diretamente ou indiretamente através de autores como Jennifer Cobb, com sua obra “*Cybergrace*”.

Palavras-chave: Ciberteologia. Cibercultura. Cibergraça. Internet. Evangelização. Comunhão.

ABSTRACT

This dissertation examines the effects of the invention of the internet in theology and society, defining what is cybertheology to find out what their contribution to better understand and interrelate culture, faith and the contemporary human being. Wraps up the theme in cybergrace, understood as the communion of persons in the network times. First, seize up cyberspace as a profoundly anthropological place where you can reflect theologically. The study also aims to verify how the network affects or enhances the relationship of communion between people, especially youth, predominant public in cyberspace. Furthermore, it analyzes the ecclesiological value of the internet in the mission of evangelizing all people, building the relationship between evangelization and communion in the digital age. The work uses basically the methods of exploratory, bibliographical and documental research. The dissertation is based mainly in books and articles by Antonio Spadaro, author of the book and the theological field "Cybertheology" background of this study. In support of sociological and cybercultural analysis of the first chapter, makes use of authors such as Manuel Castells, Pierre Lévy and André Lemos. In Trinitarian theology highlights the contribution of Gisbert Greshake and John Zizioulas. Also the work is inspired by scientific and theological thought of Teilhard de Chardin either directly or indirectly through authors such as Jennifer Cobb, with her work "Cybergrace".

Keywords: Cybertheology. Cyberculture. Cybergrace. Internet. Evangelization. Communion.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EG – *Evangelii Gaudium*

GS – *Gaudium et Spes*

JMJ – Jornada Mundial da Juventude

LG – *Lumen Gentium*

PASCOM – Pastoral da Comunicação

TIC – Tecnologia da Informação e Comunicação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 CIBERTEOLOGIA: TEOLOGIA NOS TEMPOS DA REDE	15
1.1 O ciberespaço formando cultura e comunidade globais	15
1.2 O ciberespaço como espaço humano	19
1.3 O ciberespaço como espaço sociopolítico	21
1.3.1 Os movimentos sociais na rede	23
1.3.2 O ciberespaço como espaço ético	25
1.4 O ciberespaço como espaço sagrado	28
1.5 A visão da Igreja sobre a rede: de João Paulo II a Francisco	33
1.6 A internet como lugar teológico	37
1.7 Teologia como ciberteologia	43
2 CIBERGRAÇA: COMUNHÃO PARA ALÉM DO ISOLAMENTO E DA MASSIFICAÇÃO	50
2.1 Ciberpecado: o inferno da rede	50
2.1.1 Conceito de pecado.....	51
2.1.2 O ciberpecado	55
2.1.3 Consequências do pecado na rede	58
2.1.4 Ciberguerra	61
2.1.5 Existe reconciliação na <i>web</i> ?.....	63
Concluindo	64
2.2 Onde abunda o <i>ciberpecado</i>, superabunda a <i>cibergraça</i>	66
2.2.1 A internet na Bíblia: o poço de Jacó e o ciberespaço	66
2.2.2 Conceito de graça	71
2.2.3 Cibergraça: entre tecnologia e espiritualidade.....	74
2.3 Pessoas em comunhão: Igreja e internet	81
2.3.1 Ser pessoa: da Trindade à internet.....	81
2.3.2 Comunhão: um conceito em transformação	87
2.3.3 A espiritualidade comunal da rede	94
Concluindo	96
3 IMISSIO: O DESAFIO DE EVANGELIZAR E VIVER A FÉ NA ERA DIGITAL	99
3.1 Igreja como comunhão de pessoas em tempos de internet	100
3.2 A evangelização do Novo Mundo	104

3.3 Os nativos digitais: bárbaros ou cidadãos de uma nova cultura?.....	106
3.4 Evangelizar é comunicar	111
3.5 Em busca de uma nova linguagem teológica e cibernética	115
3.6 O resgate do método apostólico e pistas de ação.....	121
CONCLUSÃO.....	127
REFERÊNCIAS	131

INTRODUÇÃO

Esta dissertação analisa as implicações da criação da internet na teologia e sociedade, determinando um novo campo teológico, a ciberteologia: pensar a fé cristã na era da cultura digital. Com isso, deseja-se compreender e inter-relacionar a cultura, a fé e o ser humano contemporâneo. Delimita-se o tema em cibergraça, entendida como a comunhão entre as pessoas nos tempos da rede. O tema escolhido tem por objetivo inicial mostrar a rede como um lugar onde se pode refletir teologicamente. Busca-se também mostrar que não existe dualismo entre mundo real e digital, ambos fazem parte de uma mesma realidade. Relendo conceitos teológicos, o estudo pretende verificar o papel do Cristianismo na reconstrução da consciência pessoal, social e comunitária do ser humano hiperconectado.

O trabalho baseia-se nos métodos de pesquisa exploratória, bibliográfica e documental. A dissertação se fundamenta, sobretudo, nas obras e artigos de Antonio Spadaro, autor do livro e do campo teológico “Ciberteologia”, pano de fundo deste estudo. Na sustentação da análise sociológica e cibercultural do primeiro capítulo, utilizam-se autores como Manuel Castells, Pierre Lévy e André Lemos. Na teologia trinitária ressalta-se o aporte de Gisbert Greshake e John Zizioulas. Além disso, a pesquisa sofre influência do pensamento científico-teológico de Teilhard de Chardin de forma direta ou indireta, através de autores como Jennifer Cobb, que contribui para a reflexão com a obra “*Cybergrace*”.

Desde a popularização da internet e dos meios digitais, a cultura e a sociedade estão mudando significativamente. Se fala não apenas em uma época de mudanças, mas também em uma mudança de época. Como aborda Inácio Neutzling: “Vivemos um período de uma grande transformação tanto socioeconômica [...] quanto ético-cultural, que se expressa na cultura simbólica, especialmente na esfera dos valores”.¹

A era digital possui uma cultura e uma civilização própria: os nativos digitais. Tratam-se de crianças e jovens que já nasceram em contato com o mundo digital. Antes de aprenderem a falar, muitos deles já souberam como utilizar um *tablet*. Esta é a realidade de quem nasceu em meio a cibercultura, para a qual é possível ver crianças recém chegadas à escola com seus

¹ NEUTZLING, I. Uma época de mudanças. Uma mudança de época. Algumas observações. *Convergência*, Ano 43, n. 409, março de 2008, p. 107.

iPhones e *iPads*. Dessa forma, o indivíduo inicia bem cedo seu ingresso no universo on-line. A maioria os jovens passam horas conectados nas redes sociais e acessam infinitas informações na internet. Mesmo em trânsito podem estar interligados com seus amigos através das mídias móveis. Esta é a era da mobilidade.

Essas questões devem ser discutidas a fim de se encontrar soluções para problemas novos, causados por esta nova realidade ainda não bem refletida pela consciência humana, a aceleração do mundo contemporâneo. Hoje não há mais tempo para crescer e adquirir maturidade. Os acontecimentos passam na velocidade da luz e não se consegue assimilá-los para gerar conhecimento e ensinamento de vida. Poucos pensadores procuram olhar o horizonte digital e tentar entendê-lo. Existem pesquisas consideráveis nas áreas de sociologia, de filosofia e de comunicação, mas na teologia é quase inexistente.

O fenômeno dos movimentos sociais pela rede, em proporção e diversidade cada vez maior e mais global, demonstra a relevância do tema abordado para a teologia e a sociedade. No mundo inteiro pululam manifestos físicos e digitais, alguns sem resultados, mas outros com vitórias nunca antes imagináveis como quedas de regimes opressivos, denúncias a sistemas de comunicação, governos e corporações poderosas. Em 2013, no Brasil não foi diferente, também surgiram movimentos sociopolíticos. Iniciaram com os protestos contra o aumento das passagens de ônibus em Porto Alegre e se transformaram em manifestações nacionais por melhorias nas demandas básicas da sociedade: educação, saúde, transporte público, saneamento básico, aumento de salário, diminuição de gastos com a Copa, extermínio da corrupção e reforma política, levando milhões de cidadãos às ruas das principais capitais do País.

A Igreja já se confrontou com diversas épocas e ideologias. E agora na era digital, como ela está respondendo a toda essa transformação da sociedade? Principalmente na área da comunicação, percebe-se o vertiginoso crescimento da atenção eclesial ao fenômeno digital. É visível o interesse da Igreja nas últimas mensagens papais para o Dia Mundial da Comunicação e em eventos de comunicação. Como exemplifica o 4º Encontro Nacional da PASCUM, ocorrido de 24 a 27 de julho de 2014 em Aparecida, São Paulo, que teve por tema: Comunicação, desafios e possibilidades para evangelizar na era da cultura digital.

As transformações do mundo interconectado apontam para a necessidade humana de relação, de pertença, de unir-se em prol de um objetivo, de uma comunidade, de uma comunhão. Revelam também a verdadeira essência do ser humano como comunhão. Diante disso, a proposta desta dissertação é percorrer um itinerário espiritual no ciberespaço. Pretende-se refletir teologicamente sobre a rede e a “sociedade em rede”, a partir de um olhar da teologia para a realidade atual. Tem-se como hipótese a internet não apenas como a rede mundial de

computadores, mas principalmente a rede mundial de pessoas, isto é, afirma-se a rede como um lugar antropológico, conseqüentemente um espaço sagrado. Mais ainda, tem como hipótese a internet como lugar teológico. Acredita-se que a rede, dentro do plano salvífico de Deus, é chamada a facilitar a comunhão entre as pessoas humanas e divinas.

Outra hipótese é que a rede não somente está transformando o pensamento, a linguagem e a comunicação humana, mas também modifica e expande a dinâmica e o impacto tanto da graça quanto do pecado cometido ou divulgado na rede, podendo qualificá-los de cibergraça e ciberpecado. Diante da universalidade e interconectividade de pessoas característica da rede, propõe-se que a espiritualidade própria da rede é comunal. Dessa forma, fundamenta-se que a Igreja do terceiro milênio deve ter como base uma eclesiologia de comunhão que reflita isso em sua ação evangelizadora. Assim, constrói-se a hipótese de que evangelizar não é anunciar uma doutrina, mas é comunicar-se, isto é, entrar em diálogo, relacionar-se, viver em comunhão com Deus para poder testemunhar com autenticidade Àquele em quem se crê e entrar em comunhão com outras pessoas.

Esta pesquisa iniciou-se em 2011, tendo como primeiro resultado a produção monográfica em jornalismo: “Igreja e cultura digital: a nova evangelização dos nativos virtuais”. Seguiu em 2013, primeiro ano de mestrado em teologia, com dois artigos comunicados em congressos: “Teologia e Comunicação Digital: a nova evangelização dos nativos virtuais” e “Cibergraça: a comunhão do Espírito nos tempos da rede”. Em 2014, teve ainda o artigo comunicado no 27º Congresso Internacional da SOTER: “Bem comum, conexão e comunhão: Movimentos sociais e espiritualidade do ciberespaço”. Como parte dessa pesquisa, estes quatro documentos serão citados em vários momentos do trabalho.

O fio condutor de todo o estudo é uma perspectiva teológica integral e trinitária. Busca-se seguir o método ciberteológico de Pe. Antonio Spadaro – *experiência, reflexão, ação e avaliação* – semelhante ao método ver, julgar e agir. A dissertação foi desenvolvida em três seções. Desta forma, na primeira seção chamada “Ciberteologia: teologia nos tempos da rede”, que trata da *experiência* na rede, delinea-se o panorama do ciberespaço com as características que o definem como espaço humano, sociopolítico, ético, sagrado e teológico. Desta nova ambiência surge uma nova cultura e comunidade globais, além de um novo campo teológico, a ciberteologia.

A segunda seção intitulada “Cibergraça: comunhão para além do isolamento e da massificação”, que realiza a segunda etapa do método ciberteológico, a *reflexão*, é o núcleo teológico do trabalho. Aborda em três partes o pecado, a graça e a teologia trinitária de comunhão relacionando-os com o contexto digital. A primeira parte discorre sobre o conceito

de pecado aplicado na rede, isto é, o ciberpecado, constatando novas modalidades de pecado humano pessoais e sociais, como a ciberguerra. Reflete também sobre as consequências destes pecados cometidos via internet, bem como o desafio da reconciliação em um universo que não “perdoa”, quer dizer, em que nada é esquecido. A segunda parte tematiza a graça que habita neste espaço antropológico, vislumbrando a rede como dom de Deus para a humanidade, como um lugar onde pode se encontrar a Deus, mais ainda, uma morada de Deus entre os homens. A terceira parte trata da comunhão entre as pessoas humanas e divinas nos tempos da rede e da espiritualidade que emerge das interações humanas na *web*.

A terceira seção denominada “*iMissio*: o desafio de evangelizar e viver a fé na era digital” atinge a terceira fase do método: a *ação*. Assim, busca responder como essa comunhão gera e se manifesta na ação missionária da Igreja, considerando a evangelização como comunicação. Comparando a situação atual com o contexto latino-americano do séc. XVI, aborda os nativos digitais, a linguagem teológica e cibernética, o método apostólico e pistas de ação. A conclusão fica com o encargo final do método: a *avaliação* de todo o caminho percorrido, elencando os principais resultados da pesquisa sobre a graça que age no ser humano, mediante a fé, que o leva a evangelizar e a comungar da vida das pessoas humanas e divinas nos tempos da rede.

*E o Verbo se fez carne e habitou entre nós;
e nós vimos a sua glória. (Jo 1, 14)*

1 CIBERTEOLOGIA: TEOLOGIA NOS TEMPOS DA REDE

A máxima de McLuhan – “O meio é a mensagem”² – sintetiza a revolução que a internet causou na civilização pós-moderna e a metamorfose que ainda provocará. Esta famosa afirmação explicita a capacidade que as mídias e tecnologias possuem de moldar a forma como os seres humanos se comunicam, se comportam e se relacionam. Os meios de comunicação, que podem ser entendidos como extensões do ser humano, geram consequências sociais e pessoais.³

Por essa razão, as tecnologias digitais desenvolveram ambiente, linguagem e cultura próprias. Uma vez que a cultura e a linguagem afetam diretamente o modo como os seres humanos se expressam e raciocinam, a cultura digital está mudando também a forma como pensamos e vivemos a fé. Diante disso, é necessário repensar o fazer teológico na era cibernética, conforme o primeiro passo do método ciber-teológico, a partir de dentro da *experiência* da rede. Ciberespaço, cibercultura e ciber-teologia são frutos da experiência humana na internet e objetos de estudo deste capítulo.

1.1 O ciberespaço formando cultura e comunidade globais

Vive-se atualmente num mundo interconectado pela rede mundial de computadores, onde se tem a impressão que a Terra diminuiu de tamanho, onde o próximo pode não ser o vizinho do apartamento ao lado, mas o amigo que mora em outro continente. A sociedade humana sempre foi tecnológica, pois desde o início o ser humano começou a manipular elementos da natureza dando-lhes outros significados e funções, transformando-os em objetos que auxiliavam na sobrevivência humana. Tecnologia “representa todas as ferramentas, técnicas, qualquer processo, equipamento físico ou métodos necessários para fabricar produtos e capazes de ampliar a capacidade de ação do homem”.⁴ Por exemplo, no momento em que o homem utilizou uma pedra para golpear um animal, a pedra passou a ser também um artefato humano, isto é, uma ferramenta que aumenta a capacidade de ação do homem e que auxilia em sua sobrevivência. Técnica e tecnologia provém do termo *techné* que significa fabricar, produzir, construir. A palavra tecnologia agrega ainda a expressão *logos*, isto é, razão. Etimologicamente, a técnica consiste na prática, no saber fazer, e a tecnologia é o raciocínio da

² MCLUHAN, M. *Os meios de comunicação como extensão do homem*, p. 23.

³ *Ibidem*, p. 21.

⁴ VIDOSSICH, F.; FURLAN, O. *Tecnologia. Dicionário de novos termos de ciências e tecnologias*, p. 290.

técnica, o estudo do saber fazer.⁵ À medida que o raciocínio humano foi se complexificando, as tecnologias foram sendo aprimoradas.

Segundo essa visão da história humana e tecnológica, tecnologia é “um conjunto de saberes inerentes ao desenvolvimento e concepção dos instrumentos [...] criados pelo homem através da história para satisfazer suas necessidades e requerimentos pessoais e coletivos”.⁶ Por abranger um conjunto de diferentes conhecimentos científicos, empíricos e intuitivos, a tecnologia possibilita a reconstrução constante do espaço das relações humanas.

Sabe-se que a tecnologia é elaborada para suprir novas demandas e, por isso, modifica uma série de costumes e valores da sociedade agregando-se à cultura. No entanto, a internet marcou a civilização contemporânea de tal maneira que é possível chamar o momento atual não apenas de uma época de mudanças, mas ainda de uma mudança de época. Tamanha transformação é comparada aos grandes acontecimentos da história humana que fizeram eclodir um mundo novo cheio de possibilidades, como a descoberta do fogo e da roda.

Uma nova revolução das relações sociais foi iniciada com o surgimento da *web* sem data para acabar. A primeira fase denominou-se *Web 1.0*, caracterizada pela eclosão de sites estáticos de comércio, de universidades, de livrarias e bibliotecas digitais. Vivencia-se hoje a segunda fase dessa revolução, a *Web 2.0*, isto é, a invenção das redes sociais que transformaram a “sociedade midiática” na “sociedade em rede”. Como Antonio Spadaro escreve, essa na verdade é uma revolução antiga, pois almeja saciar demandas profundas e antiquíssimas do ser humano que são o anseio de se comunicar, se relacionar e conhecer.⁷ O novo está na facilidade que as tecnologias da informação e comunicação (TIC's) proporcionam para saciar estas demandas da humanidade.

O prefixo *cyber*, tão usado no vocabulário atual para criar neologismos relacionados ao computador e à internet, é uma abreviação de *cybernetics*. A palavra vem do termo grego *Kybernetikes* que significa timoneiro ou aquele que governa. Platão e mais tarde os franceses, em 1830, utilizaram a palavra para designar a arte de governar. O termo foi retomado, em 1948, pelo matemático americano Robert Wiener para descrever sua nova teoria de comunicação. Para Huaiiss, cibernética é a ciência que estuda comparativamente os sistemas de controle automático, regulação e comunicação nos seres vivos e nas máquinas.⁸

⁵ VERASZTO, E.V. et al. Tecnologia. *Prisma.com*, p. 62.

⁶ *Ibidem*, p. 78.

⁷ SPADARO, A. *Ciberteologia*, p. 16.

⁸ BARBOSA, E. Cibernética. *Dicionário a origem das palavras*.

Inicialmente, entendeu-se a internet como um novo meio de comunicação e ainda hoje essa concepção vigora na maior parte das mentalidades. Contudo, é perceptível que este conceito é insuficiente para descrever toda a natureza da rede. É necessário definir melhor o que é a rede, a internet, o ciberespaço. A fim de padronizar a semântica, as palavras ‘internet’, ‘rede’ e ‘ciberespaço’ serão utilizadas como sinônimo.

A rede não se configura apenas como um instrumento de comunicação. Na verdade, é uma nova ambiência de comunicação e de relacionamento humano que está dentro do mundo real. Por ser um ambiente desterritorializado, o ciberespaço está em todos os lugares e perpassa nossa vida cotidiana. Dessa forma, não existe dualidade entre mundo físico e digital, ambos fazem parte de uma mesma realidade.⁹

De acordo com André Lemos, o ciberespaço é um espaço sem dimensões, um universo de informações navegável de forma instantânea e reversível, caracterizado pela ubiquidade, pelo tempo real e pelo espaço não-físico. É um espaço transnacional que não é desconectado da realidade, mas um complexificador do real, isto é, uma entidade real, parte vital da cibercultura, que, como uma lupa, aumenta nossa percepção sobre a realidade.¹⁰

Assim como a eletricidade teve papel fundamental no estabelecimento da sociedade industrial, a tecnologia digital é fator essencial, porém não suficiente, para a construção de um novo modelo social organizado em redes. Apesar da frequente inversão de papéis, é importante ter claro que a tecnologia está a serviço da humanidade e não o ser humano a serviço da máquina. Isto significa que a tecnologia não é determinante da organização humana, mas tal estrutura é impensável sem ela. Conforme Castells, não é a tecnologia que determina a sociedade, mas é a sociedade que manipula a tecnologia segundo os interesses pessoais e comunitários. O sociólogo demonstra que foram os próprios usuários da internet que em parte a projetaram e a aperfeiçoaram de acordo com o uso que dela faziam.¹¹

A sociedade global formada pelas redes de comunicação digital que transcendem as barreiras espaços-temporais é conceituada como a ‘sociedade em rede’. É relevante frisar que essa sociedade globalizada em expansão é seletiva, isto é, só participa dela quem possui os recursos tecnológicos para tal vivência. Então, a sociedade em rede ainda exclui a maior parte da humanidade, “embora toda a humanidade seja afetada pela sua lógica, e pelas relações de poder que interagem nas redes globais da organização social”.¹²

⁹ SILVA, A. A. Cibergraça. *Anais do IV Congresso da ANPTECRE*, p. 498-500.

¹⁰ LEMOS, A. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*, p. 128.

¹¹ CASTELLS, M. *A sociedade em rede: do conhecimento à política*, p. 17.

¹² *Ibidem*, p. 18.

Há dois pontos de vista contraditórios, mas ambos reais, sobre o fenômeno da rede global. Por um lado, existe a ideia romântica do progresso humano, fruto do iluminismo e posteriormente robustecida pela ideologia marxista, que vê a humanidade em marcha, dirigida pela razão e munida da tecnologia, rumo à perfeição do ser humano e da sociedade. Por outro lado, da mesma forma que o progresso moderno não foi capaz de evitar os holocaustos de Hitler e Stalin, a revolução digital não soluciona o processo de autodestruição humana que tem como consequência o aquecimento global, as novas pandemias, a degradação da natureza, as atrocidades, conflitos e guerras, inclusive cibernéticas, que assombram mais uma vez o mundo. Isto demonstra que a sociedade em rede pode ser uma via de construção do humano ou de desumanização. Cabe aos cidadãos da cidade digital escolher que caminho trilhar.

Na concepção de Castells, a ‘sociedade em rede’ é uma estrutura social que se baseia em redes operacionalizadas por tecnologias de comunicação e informação, formando redes digitais que geram, processam e distribuem a informação que se encontram nos nós dessas redes. “As redes são estruturas abertas que evoluem acrescentando ou removendo nós de acordo com as mudanças necessárias dos programas que conseguem atingir os objetivos de *performance* para a rede”.¹³

A rede, em termos estruturais, consiste num sistema de pontos ou nós interligados. Cada ponto dessa rede é uma pessoa, e cada pessoa possui conexões próprias com diferentes outros nós. Então, cada pessoa é uma rede social. Por isso, quando se fala na rede se remete ao conjunto dessas redes, a rede de redes que compartilham dados entre si. A força da internet está na sua descentralização. Por ter milhões de interconexões, não existe um ponto crítico único. Se um caminho fica indisponível, seus dados seguem por outro segmento. Na cooperação mútua, todos os internautas fazem a rede acontecer. Sendo assim, a internet é um acontecimento humano.

Papa Francisco partilha dessa mesma linha de pensamento ao afirmar que a internet pode ser um lugar rico em humanidade, pois a rede não é constituída por fios, cabos, aparelhos, mas por pessoas humanas.¹⁴ Também Spadaro pondera que o ambiente digital não é um ambiente frio e metálico, mas quente e humano, uma vez que a tecnologia apenas expressa as relações já vividas. “A rede é um contexto antropológico, ou como definiram os bispos italianos, um novo contexto existencial. Portanto, a experiência da rede é a experiência de relações e não simplesmente uma experiência com *iphones, tablets*” (informação verbal).¹⁵ A

¹³ CASTELLS, M. *A sociedade em rede: do conhecimento à política*, p. 20.

¹⁴ FRANCISCO. *Mensagem para o 48º Dia das Comunicações Sociais: Comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro*.

¹⁵ Conferências e Seminários ministrados por Antonio Spadaro no 4º Encontro Nacional da PASCUM, de 24 a 27 de outubro de 2014, em Aparecida do Norte, SP.

atenção dada atualmente à rede de relações está ocasionando uma reflexão mais aguçada sobre as relações em geral. Isso é importante porque também fez com que as relações eclesiais e de fé entrassem novamente na pauta da Igreja.

Castells desmitifica a ideia de que, na sociedade “enredada”, a interação face a face vai terminar e crescerá o isolamento dos indivíduos diante do computador. Suas pesquisas em diferentes nações revelam que a maioria das pessoas que navegam na internet são mais sociáveis, possuem mais amigos e são ainda mais ativos na política e na sociedade do que os que rejeitam a rede. A geração net quanto mais interage pela *web*, mais realiza encontros face a face. “A sociedade em rede é uma sociedade hipersocial [...]. As pessoas integraram as tecnologias nas suas vidas, ligando a realidade virtual com a virtualidade real, vivendo em várias formas tecnológicas de comunicação [...] conforme as suas necessidades”.¹⁶

O sociólogo alemão Simmel escreveu que a vida social é feita de agregações e separações, coletividade e individualidade sucessivas e simultâneas. Lemos adapta a metáfora da ponte e da porta de Simmel para explicar que o ciberespaço é uma ponte de pontes através da qual se conectam todos a todos. Mas também é uma porta pela qual a pessoa se separa do mundo, resguardando sua singularidade.¹⁷

O fazer sociedade sempre se deu nesta dialógica entre a ponte e a porta. O mesmo acontece hoje com o ciberespaço: indivíduos isolados em seus quartos, com a porta bem fechada, buscam, ao mesmo tempo, individualizar e socializar, fazendo pontes e fechando portas na sua relação com o outro e com o mundo. No ciberespaço como em toda vida em sociedade, “separação e religação são dois aspectos do mesmo ato”.¹⁸

Assim, é possível pensar a rede como um espaço profundamente humano, onde nossas capacidades comunicativas e de isolamento se intensificam. Isso mostra a necessidade de uma reflexão que ajude a humanidade a construir seu equilíbrio e discernimento na era digital.

1.2 O ciberespaço como espaço humano

A *Gaudium et Spes*, nº 36, afirma que todas as coisas criadas possuem consistência, verdade, bondade e leis próprias que o homem deve respeitar. Esse reconhecimento evita a interpretação meramente utilitarista do ciberespaço. Sobre a identidade e essência da internet, Spadaro acredita que:

¹⁶ CASTELLS, M. *A sociedade em rede: do conhecimento à política*, p. 23.

¹⁷ LEMOS, A. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*, p. 140.

¹⁸ *Ibidem*, p. 141.

As recentes tecnologias digitais não são mais somente *tools*, isto é, instrumentos completamente externos ao nosso corpo e à nossa mente. A Rede não é um instrumento, mas um ambiente no qual vivemos. Talvez até mais, sendo um verdadeiro tecido interligado da nossa experiência da realidade.¹⁹

Para Margareth Wertheim, o ciberespaço é irredutível a seu substrato físico, pois sua estrutura é parcialmente física e parcialmente não. Ela relembra que William Gibson, inventor do termo ciberespaço, escreveu em *Neuromancer* que a essência do ciberespaço não está em suas conexões materiais, mas nas conexões lógicas ou linguísticas. Assim, Wertheim garante que o ciberespaço não é uma mera rede física, é acima de tudo uma rede lógica, um novo espaço de existência global.²⁰

No entanto, pretende-se ir mais além no entendimento do que de fato é o ciberespaço. A internet não é somente a rede mundial de computadores, mas a rede mundial de pessoas. Spadaro faz uma afirmação espantosa: “A internet não existe. O que existe são as pessoas. Ela somente se torna viva por meio de nós” (informação verbal).²¹ A rede são pessoas interconectadas através de aparatos tecnológicos digitais. Expressando de outra maneira, a internet é o conjunto de nativos digitais. Isto é, a rede é constituída por pessoas que utilizam da tecnologia disponível para interagirem, se informarem, se comunicarem e se relacionarem, quebrando as barreiras territoriais e temporais para estarem, de certa maneira, juntas. Como Wertheim comenta, o ciberespaço é exaltado como um espaço onde a conexão e a comunidade podem ser promovidas, enriquecendo a vida dos seres humanos como seres sociais. Nessa perspectiva, o ciberespaço transforma-se num lugar propício para estabelecer comunidades que transcendam as limitações de distância, de língua e de cultura.²²

O “eu” sozinho não é a rede. A rede só existe *com* “nós”, *em* “nós” e *através de* “nós”, no duplo sentido que o termo pode significar: “nós” como primeira pessoa do plural e “nós” como os pontos de interligação da rede. Isso remete ao conceito de pessoa e à teologia trinitária, pois só existe pessoa quando existe “nós”, isto é, não há pessoa isolada, apenas comunidade de pessoas. Sendo assim, o ciberespaço é um espaço existencial e essencialmente antropológico, formado por pessoas em conexão que desenvolvem diversos tipos de relações, mas que buscam no mais íntimo sua identidade e semelhança com Deus, ser comunhão.

¹⁹ SPADARO, A. *O Mistério da Igreja na era das mídias digitais*, p. 05.

²⁰ WERTHEIM, M. *Uma história do espaço*, p. 221-222.

²¹ Conferências e Seminários ministrados por Antonio Spadaro no 4º Encontro Nacional da PASCUM, de 24 a 27 de julho de 2014, em Aparecida do Norte, SP.

²² WERTHEIM, M. *Uma história do espaço*, p. 207.

O ciberespaço pode ser pensado à luz da teoria da noosfera de Teilhard de Chardin. Embora não tenha recebido apoio da comunidade científica na década de 50, época em que este conceito foi criado, a ideia da noosfera retornou com força no campo acadêmico atual como uma excelente metáfora para a rede.²³ Segundo Chardin, noosfera é a camada invisível da consciência humana que, virtualmente, engloba todo o planeta. Para o paleontólogo jesuíta, a noosfera seria a fase terrestre de desenvolvimento ou evolução do espírito. A noosfera é o tecido feito por todas as consciências humanas onde “a Terra faz uma nova pele. Melhor ainda, ela encontra a sua alma”.²⁴

Então, o ciberespaço seria essa rede digital global de consciências através da qual ideias, dados, opiniões e conhecimentos são compartilhados formando assim uma inteligência coletiva, conforme Lévy, ou uma inteligência conectiva, de acordo com Spadaro. Ainda segundo Lévy, as TIC's que estruturam o ambiente cibernético podem ajudar na circulação do saber, isto é, auxiliar na criação da inteligência coletiva. Sem dúvida, o ciberespaço é o lugar dos dados, das informações, das discussões plurais que precisa se tornar o espaço do saber, da troca de experiências, da reflexão crítica produzida de forma coletiva.

O ciberespaço é [...] um ecossistema complexo onde reina a interdependência entre o macrossistema tecnológico [...] e o microssistema social [...], construindo-se pela disseminação da informação, pelo fluxo de dados e pelas relações sociais aí criadas. Em oposição a um sistema hierarquicamente fechado, o ciberespaço cria, pelas comunicações multidirecionais [...] um sistema complexo [...]. Podemos notar, na prática daquilo que se convencionou chamar de comunidade virtual, uma certa efervescência micropolítica, diária, dirigida aos problemas do dia-a-dia.²⁵

Como Lemos mostra, é importante ver o ciberespaço como um ambiente propício para debates públicos, pois resgatou o espaço da praça pública, fundamental para a reflexão e articulação do povo em questões de interesse público. Diante disso, é importante refletir sobre o aspecto político e social da internet.

1.3 O ciberespaço como espaço sociopolítico

A rede reorganizou as estruturas sociais, digitalizando os sistemas públicos e privados. A internet oferece amplas oportunidades para pesquisa e divulgação de estudos em todas as

²³ LEMOS, A. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*, p. 134.

²⁴ TEILHARD DE CHARDIN, P. *O fenômeno humano*, p. 179.

²⁵ LEMOS, A. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*, p. 137.

áreas de conhecimento. Além disso, informações pessoais são encontradas com facilidade nas redes sociais, o que pode aproximar as pessoas, mas também causar exposição demasiada e dados pessoais podem cair em mãos erradas. Segundo Lemos, o ciberespaço é um espaço relacional de comunhão, que reúne pessoas do mundo inteiro por interesses comuns. “Mais do que um fenômeno técnico, o ciberespaço é um fenômeno social”.²⁶

As palavras conexão, bem comum, comunidade, comunhão, são familiares à linguagem contemporânea, pois expressam o espírito tanto de nossa cultura e sociedade quanto do modo de viver a espiritualidade e o engajamento político atual. Manuel Castells descreveu que, sobrepujando as barreiras ideológicas, religiosas, étnicas, culturais, geográficas, além da preguiça, do medo e do conformismo, as pessoas em nível global se uniram para reivindicar seus direitos e recordar seus deveres. Teve início na internet, mas em seguida alastrou-se pelas principais cidades do mundo. Então, aconteceu o que parecia impossível: queda de ditaduras, denúncia de governos e políticos, descrédito da mídia.²⁷

A internet pode ser vista como a versão 2.0 da ágora, a praça em que os atenienses discutiam e decidiam questões de interesse público. Dessa forma, consideramos o ciberespaço um lugar sociopolítico que oferece espaço para os cidadãos se envolverem nas ações políticas locais e globais. Por dar força de expressão a diversas tribos e sujeitos, a rede proporciona um ‘empoderamento’ político àqueles que possuem maior capacidade e determinação de desfrutá-la.²⁸ Peter Ferdinand²⁹ conceituou ‘ciberpoder’ como “o meio pelo qual indivíduos ou grupos na sociedade usam a internet para alcançar seus objetivos”.³⁰

Para Colin Hay³¹, o termo ‘poder’ denota a capacidade dos atores sociais de surtirem efeito sobre o contexto que produz as oportunidades de vida das outras pessoas, dividido em três dimensões. A primeira se refere ao poder daqueles que tomam as decisões políticas. A segunda diz respeito ao poder de agendar as decisões mais urgentes. Por último, o poder de obter a preferência por determinadas políticas.³² Segundo Ferdinand, o ‘ciberpoder’ possui maior potencialidade para cultivar preferências políticas e para agendar os temas a serem tratados pela opinião pública, *agenda setting*, obrigando certos assuntos a entrarem como pontos prioritários do governo. Como foi o caso das manifestações que ocorreram entre 2013 e

²⁶ LEMOS, A. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*, p. 138.

²⁷ CASTELLS, M. *Redes de indignação e de esperança*, p. 16.

²⁸ SILVA, A. A. Bem comum, conexão e comunhão. *Anais do 27º Congresso Internacional da SOTER*, p. 498-499.

²⁹ Peter Ferdinand é diretor do Centro de Estudos de Democratização e presidente interino do Departamento de Política e Estudos Internacionais na Universidade de Warwick, no Reino Unido.

³⁰ FERDINAND, P. *Ciberpoder*, p. 33.

³¹ HAY, C. apud *Ibidem*, p. 34.

³² FERDINAND, P. *Ciberpoder*, p. 34.

2014 em todas as capitais brasileiras, por diversos motivos, entre os quais gastos abusivos com a Copa do Mundo em detrimento de investimentos em educação, saúde, transporte. Esta manifestação popular fez com que a cúpula da presidenta Dilma repensasse sua distribuição de investimentos públicos.

Todos os movimentos surgidos em várias partes do mundo nos últimos anos têm uma origem comum: as redes sociais. De acordo com Ferdinand, isso se deve à capacidade da internet de proporcionar canais de comunicação horizontal mais diretos entre pessoas em tempo real, possibilitando aos grupos políticos lançar desafios ao poder público de forma imediata. Em seu artigo escrito em 2005, Peter Ferdinand dá diversos exemplos de grupos que agiram através da rede, desafiando autoridades e desassossegando processos de decisão. Entretanto, no ano de 2005 ainda parecia utópica a ideia de usufruir do ciberpoder para o bem comum, por uma política mais pluralista e democrática. Mas hoje isso já está acontecendo em níveis nacionais e internacionais.

A internet foi criada originalmente para que fosse impossível seu total controle por qualquer indivíduo, grupo ou nação. No entanto, a rede não é autônoma ou independente, ela somente possui o poder que os seres humanos lhe concedem. “A rede é uma *imago societati*, isto é, uma representação da sociedade, ou melhor, uma extensão desta que mimetiza seus comportamentos, tendências, linhas de pensamento e de ação”.³³ Isso não quer dizer que a rede não produza coisas novas, pelo contrário, o que se percebe é que as relações interpessoais através da internet estão revolucionando as estruturas e os comportamentos sociais. Dessa forma, rede e mundo se interpelam e se modificam reciprocamente. Todos os membros da sociedade global têm o desafio de construir o bem comum e fazer uma experiência de comunhão entre os seres humanos através dos movimentos sociais no ciberespaço.

1.3.1 Os movimentos sociais na rede

Os movimentos sociais são fruto do confronto entre a injustiça presente em uma sociedade e o desejo do ser humano por justiça e igualdade. Geralmente iniciam a partir de um indivíduo ou um grupo descontente com a degradação dos direitos e da dignidade da pessoa humana. A premissa fundamental para um movimento social se tornar forte e influente é a sua capacidade de se expressar livremente e manter relações com representantes de todas as esferas sociais, provocando reflexão pública sobre determinados temas.³⁴

³³ SILVA, A. A. Cibergraça. *Anais do IV Congresso da ANPTECRE*, p. 500.

³⁴ CASTELLS, M. *Redes de indignação e de esperança*, p. 16.

Por ser um espaço de comunicação autônoma e gratuita, a internet demonstra seu valor inestimável para os movimentos sociais. O ciberespaço oferece a pessoas “comuns”, sem grande poder aquisitivo, político ou midiático, a liberdade de expressão e canais de divulgação de suas mensagens que podem ser recebidas e compartilhadas por milhares de pessoas. Como consequência deste ‘empoderamento’ social, os detentores dos quatro poderes sentem-se vulneráveis aos indivíduos possuidores do quinto poder, ou seja, a qualquer pessoa que tenha acesso à internet e certos conhecimentos de informática.

Esse receio dos “poderosos deste mundo” não é mera paranoia. Nos últimos tempos eles sofreram as consequências da sociedade em rede, cujos membros assumiram o seu protagonismo informando e denunciando através de fotos, áudios e vídeos amadores aquilo que a grande mídia não quer ou não pode divulgar.

Dois exemplos de movimentos on-line que deram certo são os sites *Wikileaks* e *Avaaz*. A *Wikileaks* é uma organização transnacional sem fins lucrativos com sede na Suécia que publica dados e documentos confidenciais de governos e instituições sobre assuntos de interesse público por meio de denúncias anônimas. Geralmente essas revelações são oriundas de integrantes das próprias corporações e tratam-se principalmente de crimes de guerra, abuso de poder, corrupção e violação dos direitos humanos. A *Wikileaks* chamou a atenção mundial em 2010 por divulgar na íntegra cerca de 700 mil documentos secretos do governo americano que mostravam crimes das guerras do Afeganistão e do Iraque que viraram tema do filme *O Quinto Poder* de 2013.

Avaaz significa “voz” ou “canção” em diversas línguas europeias e asiáticas. Como o termo já exprime, *Avaaz* é uma comunidade transnacional de mobilização on-line que busca ser a voz da sociedade global. A *Avaaz* reúne digitalmente mais de 40 milhões de pessoas ao redor do mundo a fim de se engajarem em políticas nacionais e internacionais de alta relevância. Ela atua principalmente através de petições on-line. Os meios digitais permitem a divulgação de campanhas com uma rapidez, flexibilidade e proporção impensáveis há algumas décadas.

Wikileaks e *Avaaz* atuam de modo complementar. Enquanto uma denuncia os delitos institucionais, a outra mobiliza e reivindica soluções aos problemas tornados públicos. “Por trás dessas ações está uma visão democrática e solidária da internet, utilizando-a na luta contra a corrupção, para salvar vidas e auxiliar países em crise”.³⁵ Tal desempenho está em sintonia com o pensamento da Igreja demonstrado nas mensagens e nos documentos papais que incentivam seu uso para a promoção da solidariedade e da fraternidade entre os povos.

³⁵ SILVA, A. A. Bem comum, conexão e comunhão. *Anais do 27º Congresso Internacional da SOTER*, p. 503.

Essa autonomia comunicacional das redes digitais constitui uma potencial ameaça aos poderes dominantes. Por essa razão, diversos governos e instituições tentam inibir o “livre arbítrio” cibernético gerando novas formas de ataques realizados via web, como o ciberterrorismo e a guerra cibernética ou *cyberwar*, assuntos que serão desenvolvidos no próximo capítulo.

Quando se pensa em uma ética para o ciberespaço deve se almejar uma ética global, cujos valores e regras sejam moralmente aceitos entre todas as nações. A principal distinção entre o ideal do *ethos* universal para todas as nações e a ética cibernética é que esta segue as características da cibercultura, o “*Universal sem Totalidade*”³⁶. Isto é, respeita as diferenças de cada cultura formando uma unidade na diversidade.

1.3.2 O ciberespaço como espaço ético

A tensão entre a vivência física e a cibernética incentiva a formulação de uma ética digital. Passados mais de 20 anos do advento da internet, o mito de um mundo virtual separado do real já está sendo superado e a rede cada vez mais se torna parte da vida diária de um número cada vez maior de pessoas. A quantidade de usuários de internet já chega a 3 bilhões.³⁷ Entretanto, cresce a esperança de que a *web* consiga aproximar mais os cidadãos globais em sua vida cultural, econômica, científica e política. Como foi transcrito acima, vários casos confirmam essa expectativa. A pluralidade de modelos de comunicação via rede ocasionam novas formas de comunidade, cujo pertencimento se dá através de interesses, causas, opiniões, ideologias, gostos culturais, estilos de vida, comportamentos em comum. Disso, ressurgem a questão levantada no ponto anterior: Como grupos tão distintos podem vincular-se em favor do bem comum?³⁸ E outras questões surgem: Como nichos de pessoas, com visões de mundo às vezes antagônicas, podem conviver bem numa mesma ambiência digital? Existe uma ética que sirva de baluarte a todas as tribos para essa vivência da rede?

Rafael Capurro³⁹ sugere que a ética da informação abrange a problemática da digitalização e a define como a forma de reflexão crítica sobre as possibilidades de realização da liberdade humana no contexto cibercultural, portanto, ocupa-se das questões éticas nas conjunturas da internet.⁴⁰ Capurro adota o pensamento de Rahner sobre o homem como

³⁶ LÉVY, P. *Cibercultura*, p. 111-121.

³⁷ AMARAL, B. *Mundo terá 3 bilhões de usuários de Internet até o final de 2014*, diz UIT.

³⁸ SILVA, A. A. Bem comum, conexão e comunhão. *Anais do 27º Congresso Internacional da SOTER*, p. 499.

³⁹ Rafael Capurro é filósofo e professor de Ciência da Informação e Ética da Informação desde 1986 na Escola Superior de Meios de Comunicação de Stuttgart.

⁴⁰ CAPURRO, R. *O crescimento mundial da rede digital leva a uma ética global da informação?*, p. 40.

“construtor de si mesmo” (*faber sui ipsus*)⁴¹, isto é, o ser humano é um ser livremente criativo, tem a capacidade de construir, destruir e reconstruir a si mesmo e ao mundo ao seu redor. Dessa forma, “a rede digital pode ser entendida como parte desta ousadia da liberdade”⁴² humana de reinvenção de si e do cosmos. Isso nos remete à potencialidade de se constituir uma rede mundial de pessoas, como uma expansão da existência humana para além da corporeidade, através da ubiquidade das tecnologias digitais que oferecem uma sensação de quase onipresença, quando os equipamentos funcionam. Entretanto, nos traz também o tangenciar dessas possibilidades a outras tendências destrutivas da pessoa e do mundo, o isolamento, o gnosticismo, a fuga da realidade, a ilusão de substituir a vida virtual pela real.

Ética vem da palavra grega *ethos* que significa conduta ou relativo aos costumes. Ao se afirmar o ciberespaço como um espaço ético se quer dizer que é um espaço de conduta humana, de comportamentos, atitudes, relacionamentos, sejam eles bons ou ruins. Por isso, Capurro coloca que a ética da rede deve ser compreendida como a reflexão sobre a maneira dos internautas se comportarem na nuvem.

Antonio Spadaro contribui para o pensamento ético da rede, conectando a ética *hacker* com a visão cristã. O termo ‘*hacker*’ tem vários significados. Seu sentido original da palavra inglesa é “fazer em pedaços”, golpear violentamente, mas no seu uso coloquial significa “conseguir fazer”, “sair-se bem” ou ainda “ter sucesso”. Portanto, ‘*hacker*’ é o sujeito que se esforça para superar criativamente desafios intelectuais nos campos de seu interesse. A função mais comum do termo é referir-se aos ‘*experts*’ em informática. Em suma, *hacker* é uma filosofia de vida, uma visão de mundo, uma maneira de ser, divertida e engajada, que incentiva a criatividade e o compartilhamento e que se opõe as formas de controle social, competição e propriedade privada.⁴³

Com isso, nota-se que os *hackers* não são criminosos cibernéticos como a mídia costuma rotulá-los, mas pessoas que possuem ética e conduta moral próprias que visam a liberdade de ação, que valorizam a experimentação e a verificação, que desconfiam de toda autoridade e que demonstram otimismo em relação às capacidades humanas.⁴⁴ Os “piratas da informática” na verdade são denominados de *crackers*. Enquanto os *hackers* utilizam seu conhecimento para

⁴¹ RAHNER, K. Experiment Mensch: Theologisches über die Selbstmanipulation des Menschen, In: ROMBACH, Heinrich (Org.) *Die Frage nach dem Menschen: Aufriß einer philosophischen Anthropologie*. Festschrift für Max Müller zum 60 Geburtstag, Alber, Munique: Ed. Freiburg, 1966, p. 55.

⁴² CAPURRO, R. *O crescimento mundial da rede digital leva a uma ética global da informação?*, p. 41.

⁴³ SPADARO, A. *Ciberteologia*, p. 92.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 93.

criar e construir, os *crackers* usam para causar danos e destruir.⁴⁵ Os hackers cristãos interpretam seu esforço de construção original do conhecimento como uma participação no trabalho criativo de Deus, um labor que instiga interesse, paixão que motiva a ir além de suas próprias capacidades.⁴⁶

[...] o *hacker* não é o homem do ócio e do “*dolce far niente*”. Ao contrário, é muito ativo, persegue as próprias paixões e vive de um esforço criativo e um conhecimento que nunca tem fim. Todavia, sabe que a humanidade não se realiza num tempo organizado rigidamente, mas no ritmo flexível de uma criatividade que deve se tornar a medida de um trabalho verdadeiramente humano, aquele que melhor corresponda à natureza do homem.⁴⁷

Spadaro acredita que a ética *hacker* pode criar dimensões proféticas para o sistema atual voltado à lógica do lucro desmedido, ao recordar que o coração humano suspira por uma civilização onde reine o amor, onde os dons sejam compartilhados.⁴⁸ O ciberteólogo ressalta ainda como o espírito *hacker* pode auxiliar no entendimento de que o fundamento transcendente da fé inicia um processo aberto, criativo, colaborativo, colegiado.

Raymond lembra que a base do compartilhamento do espírito hacker se funda em [...] um “dever moral” [...]. Esta solidariedade vive de uma relação de comunhão entre pessoas prontas a se ajudar e colaborar. Além disso, o apelo à criatividade pode ajudar a compreender como “o Espírito edifica, anima e santifica a Igreja”, habitando o seu corpo vivo, animando-o de dentro. [...] O elemento dinâmico da Igreja, que a torna muito mais do que a simples soma de suas partes, é o próprio Espírito Santo.⁴⁹

Dessa forma, existe na teoria *hacker* um espaço próprio onde a transcendência humana pode se expressar livremente. Por trás da ética *hacker* está o convite radical a viver o *shabbat*, o sábado, ou domingo para os cristãos, isto é, o dia do Senhor, como “a verdadeira pátria do homem, a sua verdadeira dimensão existencial [...] uma referência a Deus enquanto origem criativa do mundo”.⁵⁰

Bem comum é definido como o conjunto de condições da vida social que permite ao ser humano atingir a sua plenitude.⁵¹ Uma sociedade que prioriza o bem comum é aquela que se põe realmente a serviço da construção do ser humano integral.⁵² O bem comum satisfaz aos

⁴⁵ RAYMOND, E.S. *How to become a hacker*. Disponível em: <<http://catb.org/~est/faqs/hacker-howto.html>>. Acesso em: 11 de jan. de 2015.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 94.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 97.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 107.

⁴⁹ SPADARO, A. *Ciberteologia*, p. 117-118.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 118.

⁵¹ IGREJA CATÓLICA. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, n. 164.

⁵² IGREJA CATÓLICA. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, n. 165.

mais altos anseios da pessoa humana, o qual sugere a busca incessante do bem e a responsabilidade comum a todos. Cada momento histórico tem suas próprias necessidades para assegurar a dignidade humana. O acesso à rede é um direito de todos, por exemplo. A inclusão digital, por isso, é uma das reivindicações da era cibernética que deve ser colocada como meta do bem comum.

O bem comum não se restringe a um bem estar econômico, ele só existe quando ultrapassa a história e vai ao encontro do bem comum universal da humanidade e de toda a criação, ao Sumo Bem, Jesus Cristo. Assim, compreende-se uma conexão entre os objetivos da ética *hacker* e a busca pelo bem comum, base fundamental de uma verdadeira ética cristã na era da cultura digital.

1.4 O ciberespaço como espaço sagrado

Visto a internet como um lugar profundamente antropológico, é preciso apreender o ciberespaço como uma interface onde se encontra tanto o profano quanto o sagrado. O lado profano da internet não é necessário defender, pois há bastante material informativo sobre isso. Já a percepção da dimensão sagrada da rede ainda precisa ser descoberta. André Lemos acredita nessa ideia: “O ciberespaço pode ser visto como um espaço sagrado, lugar de movimentação de conhecimentos e de informações, um espaço de encruzilhadas”.⁵³ Para o sociólogo brasileiro, “o ciberespaço deve ser compreendido como um rito de passagem da era industrial à pós-industrial, da modernidade dos átomos à pós-modernidade dos *bits*”.⁵⁴ Desde o surgimento da *web*, a imagem da rede como lugar do espírito sempre esteve presente.

O ciberespaço é o lugar privilegiado para observarmos o reencantamento da tecnologia. Como todo espaço sagrado, o ciberespaço acolhe um tempo também diferenciado, qualitativamente outro, sendo um lugar de hierofanias. Assim, como o ciberespaço é o nome do novo espaço sagrado contemporâneo, tempo real é o nome desta nova temporalidade.⁵⁵

Essa dimensão sagrada é demonstrada pela presença religiosa na rede desde a sua criação. Heidi Campbel, em seu artigo, conta que por mais de três décadas a internet tem sido usada como um espaço em que rituais espirituais são conduzidos e tradicionais crenças

⁵³ LEMOS, A. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*, p. 129.

⁵⁴ *Ibidem*, p. 132.

⁵⁵ *Ibidem*, p. 133.

religiosas são discutidas.⁵⁶ Isso reforça o pensamento de que as religiões acompanham o caminhar da espécie humana, até mesmo nas transformações comunicacionais e tecnológicas.

Margareth Wertheim, com base em seus estudos sobre o desenvolvimento da concepção de espaço desde a época de Dante até a internet, está convencida de que o ciberespaço pode ser compreendido como uma tentativa de construir um substituto tecnológico para o espaço cristão do Céu, mesmo que o ambiente digital não tenha um sentido religioso em si mesmo e tampouco seja produto de um sistema teológico.⁵⁷ Michel Heim, filósofo do ciberespaço, acredita que a fascinação atual pelos aparelhos digitais tem mais a ver com os anseios espirituais da humanidade do que com as vantagens de sua utilização: “Em nosso caso de amor com essas máquinas, estamos em busca de um lar para a mente e o coração”.⁵⁸ Antonio Spadaro recorda a importância de estarmos cientes de que nossas relações, na verdade, não são com os aparelhos, mas com as pessoas através destes dispositivos. Para explicitar essa diferença, ele utiliza a distinção entre as palavras da língua inglesa “*house*” e “*home*”.

House significa a estrutura física da casa, *home* significa o lar, o ambiente familiar. Se nós dissermos que a internet são os cabos, fios, aparelhos, é como se disséssemos que a família são os muros da casa. Não, a internet, na verdade, é a experiência que os cabos, fios, aparelhos tornam possíveis. Portanto, internet é experiência, enquanto ainda falarmos nela como meio de comunicação, como instrumento de evangelização, vamos errar. A internet não é uma ferramenta, mas um ambiente de evangelização (informação verbal).⁵⁹

Sendo assim, poderíamos dizer que a internet é essencialmente o *home*, isto é, as relações interpessoais que tecem a rede, mas não existiria sem a *house*, a estrutura física que possibilita essas ligações. Spadaro conta que certo dia um de seus alunos falou que amava o seu *notebook*. Espantado com a afirmação, o jesuíta questiona o porquê e o aluno que era de um país distante responde: “É que nele estão todos os meus amigos” (informação verbal).⁶⁰ Portanto, o que atrai as pessoas não são as novas tecnologias de comunicação em si, mas todas as interações, relações, diálogos e experiências humanas que elas possibilitam.

Wertheim escreveu que as idealizações de uma cultura refletem a sociedade e a época em que elas surgiram. Desde a revolução científica do século XVII, a ciência e a tecnologia são

⁵⁶ CAMPBELL, H. *Religion and the Internet*, p. 02.

⁵⁷ WERTHEIM, M. *Uma história do espaço*, p. 14.

⁵⁸ HEIM, M. apud *Ibidem*, p. 15.

⁵⁹ Conferências e Seminários ministrados por Antonio Spadaro no 4º Encontro Nacional da PASCUM, de 24 a 27 de outubro de 2014, em Aparecida do Norte, SP.

⁶⁰ Conferências e Seminários ministrados por Antonio Spadaro no 4º Encontro Nacional da PASCUM, de 24 a 27 de outubro de 2014, em Aparecida do Norte, SP.

as áreas que determinam a cultura ocidental.⁶¹ Dessa forma, os sonhos cibernéticos estão povoando as mentes da civilização contemporânea. No entanto, a cultura ocidental foi construída sob os alicerces da cultura, filosofia e religião cristã, e, embora se viva hoje numa época pós-cristã, num movimento de secularização e de neo-paganismo, as marcas cristãs continuam impregnadas na estrutura da sociedade ocidental. A historiadora percebe as semelhanças entre o imaginário cristão e o imaginário cibernético. Ela mostra, por exemplo, que assim como o cristianismo, o ciberespaço está potencialmente aberto a todos que tiverem acesso a um dispositivo digital com internet, independente de sexo, classe, cultura, etnia ou nacionalidade.⁶² Jaron Lanier, um dos precursores da realidade virtual, também vê a rede como uma versão sincrética do ritual cristão. Ele considera que a ideia de que haja uma sensibilidade e transcendência aplicada aos computadores é fruto do pensamento cristão.⁶³

Muitas são as fantasias gnósticas do ciberespaço, como é o caso de Moravec que imaginava um futuro em que a mente humana seria liberta da servidão ao corpo material.⁶⁴ Embora de maneiras diversas, a maioria dos principais idealizadores do ciberespaço manifestou uma atitude religiosa diante dessa nova ambiência.⁶⁵ Essa ‘escatologia’ ou mesmo fantasia cibernética, Lanier define como Singularidade.⁶⁶

Não com a mesma força, mas hoje ainda está presente esse imaginário gnóstico sobre o digital, como ilustra o filme *Transcendence*, 2014, que conta a história de um cientista que, para não morrer, transfere todos os seus dados, pensamentos, memória e “emoções” para um computador consciente. No momento em que a mente digitalizada do cientista passa a ter acesso à rede, ele passa a ser “onipresente”, portanto, concretiza o devaneio de todo gnóstico e da concupiscência humana: “vós sereis como deuses” (Gn 3,5). Alguns entusiastas sugerem que o ciberespaço está destinado a se tornar a própria fonte do conhecimento, pelo fato de bibliotecas, bancos de dados e recursos de informação estarem migrando para o digital, e assim a aura de onisciência se torna cada vez mais consistente no imaginário digital.⁶⁷

Todo esse esoterismo, gnosticismo, hermetismo em cima da tecnologia digital demonstra uma carência, um vazio no ser humano que necessita ser preenchido. No quarto Encontro Nacional da PASCUM, perguntaram a Antonio Spadaro por que os jovens de hoje

⁶¹ WERTHEIM, M. *Uma história do espaço*, p. 16.

⁶² *Ibidem*, p. 18-19.

⁶³ *Ibidem*, p. 186.

⁶⁴ *Ibidem*, p. 19.

⁶⁵ WERTHEIM, M. *Uma história do espaço*, p. 186.

⁶⁶ LANIER, J. *Gadget*, p. 44.

⁶⁷ *Ibidem*, p. 21.

recorrem ao budismo e às espiritualidades orientais. Ele respondeu que talvez tenhamos perdido a alma e a religião tenha se tornado mera razão, ideologia (informação verbal).⁶⁸

É um sinal que o Senhor nos dá para que a Igreja recupere o coração. Para mim, essas religiões são um desafio, mas também uma motivação para recuperar toda uma relação vital com a vida dos homens. Nesse sentido a Igreja na América Latina tem um dom para toda a Igreja universal. Nós na Europa perdemos muito essa relação carnal, sacramental, da alma com a fé (informação verbal).⁶⁹

Spadaro apresentou como exemplo a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, que surgira como resposta e resistência ao pensamento iluminista, intensamente racionalista, que vigorava na sociedade daquele período. Também Wertheim cita esta época de Descartes como o início do mecanicismo, do materialismo inflexível e da visão monística do espaço que transformou o domínio físico na totalidade do real⁷⁰, e, como Spadaro colocou, destituiu o ser humano de sua alma. Seguindo este raciocínio e ligando-o ao fenômeno da internet, Wertheim pondera que as pessoas adotam uma tecnologia somente se ela está em consonância com um desejo latente.⁷¹ Sendo assim, o fenômeno global e generalizado de absorção das TIC's em todas as culturas sugere que existe uma demanda humana por algo que a rede veio suprir.

[...] é desse “eu” imaterial que, de certa forma, o ciberespaço está a serviço. Esse novo espaço digital coloca um desafio inesperado ao paradigma puramente fiscalista dos últimos três séculos. [...] o ciberespaço *em si mesmo* não está situado no quadro fiscalista do mundo. [...] Não é possível determinar suas coordenadas no espaço euclidiano ou relativístico. Como diriam os teóricos da complexidade, é um fenômeno *emergente*, cujas propriedades transcendem a soma de suas partes.⁷²

Segundo Wertheim, o valor do ciberespaço está justamente em oportunizar um novo lugar para o “Eu” onde ele pode se expandir e fluir livremente. Essas autoexpressões do “eu” que acontecem on-line também ocorrem off-line de outras maneiras. Ela explica que cada pessoa “ocupa” um certo volume de “espaço do eu”, um espaço que nos “abrange” tão profundamente quanto o espaço físico. Esse “espaço do eu” comunal conecta os seres humanos como seres psicossociais. Essa ideia de um espaço imaterial está presente em muitas religiões e mitos.⁷³

⁶⁸ Conferências e Seminários ministrados por Antonio Spadaro no 4º Encontro Nacional da PASCUM, de 24 a 27 de outubro de 2014, em Aparecida do Norte, SP.

⁶⁹ Ibidem.

⁷⁰ WERTHEIM, M. *Uma história do espaço*, p. 27.

⁷¹ Ibidem, p. 22.

⁷² Ibidem, p. 29-30.

⁷³ Ibidem, p. 183-184.

Não pretendo afirmar que o “espaço do eu” existe independentemente do espaço físico, como algo ontologicamente separado. Obviamente, meu “eu” só existe porque há um corpo físico em que se enraíza. Ao mesmo tempo, “eu” não estou restrita puramente ao espaço desse corpo. Como Descartes reconheceu, há um sentido em que sou primeiro e acima de tudo um ser imaterial. Após trezentos anos de fisicalismo, o ciberespaço ajuda a explicitar, mais uma vez, algumas das extensões não físicas da essência humana, sugerindo novamente as limitações inerentes de uma concepção materialista, estritamente reducionista da realidade. [...] desafia-nos a contemplar [...] uma concepção mais complexa e nuançada tanto de nós mesmos como do mundo à nossa volta.⁷⁴

De acordo com Mircea Eliade, mesmo vivendo numa sociedade secular, o ser humano nunca será capaz de suprimir por completo o comportamento religioso.⁷⁵ Já que no mundo físico a liberdade de expressão religiosa parece estar cada vez mais reprimida por governos que se dizem “laicos”, por grupos que se sentem “ofendidos” por manifestações públicas de religiosidade ou por uma mentalidade antirreligiosa vigente em todos os âmbitos da vida social, o ciberespaço proporciona as condições ideais para o que Eliade denominou “hierofania”, que significa a irrupção do sagrado. O que Margareth Wertheim acha mais irônico é que esse movimento espiritual contra o pensamento tecnocientificista e materialista se realize através dos próprios suportes técnicos e invenções científicas.⁷⁶

Não é exagero afirmar que, no ciberespaço, temos o sentimento de participarmos de uma manifestação do sagrado, de aderirmos a uma outra realidade, a um espaço distinto onde circulamos [...]. Corroborando com este sentimento de hierofania, o tempo real (acesso instantâneo [...]), é similar ao tempo sagrado, circular e reversível, descrito por Eliade como presente na cultura do mito.⁷⁷

André Lemos discorre que o tempo sagrado do mito, semelhante ao tempo real do ciberespaço, não é o tempo linear e progressivo da história, *chronos*, mas o tempo de conexões imediatas, um “eterno presente”, uma espécie de *kairós*, em consonância ao presenteísmo social contemporâneo.⁷⁸ Por isso, a visão holística de Teilhard de Chardin se torna atual e surge esta onda crescente de interesse por suas teorias científicas e espirituais.

A essência comunal da internet é o principal aspecto de sua dimensão sagrada. A rede de relações on-line pode ser comparada às comunidades humanas clássicas em diversos aspectos. A natureza ciberespacial chama a atenção para algo que as religiões tradicionais já haviam compreendido e valorizado: a maneira como os seres humanos tendem a se unirem em comunidades através de redes de relações. O ciberespaço, que é por si mesmo uma rede de

⁷⁴ WERTHEIM, M. *Uma história do espaço*, p. 184.

⁷⁵ ELIADE, M. *O Sagrado e o Profano*, p. 167.

⁷⁶ WERTHEIM, M. *Uma história do espaço*, p. 187.

⁷⁷ LEMOS, A. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*, p. 133.

⁷⁸ *Ibidem*, p. 134.

relações, possui uma síntese de qualificações para a formação e a sustentação de uma comunidade forte.⁷⁹

Para se resguardar a integridade do ciberespaço como um espaço globalmente partilhado, a manutenção de vínculos de rede confiáveis é decisiva. [...] Exatamente como no ciberespaço, a integridade do espaço social humano depende da força e da confiabilidade de nossas redes. [...] Outra característica que aglutina qualquer comunidade humana é o fato de um grupo de pessoas “habitarem” um “mundo” comum – isto é, de partilharem uma visão comum da realidade. [...] Central para a criação de uma visão de mundo comum é uma linguagem comum, pois a linguagem é o meio fundamental pelo qual nós humanos damos sentido ao mundo a nossa volta. [...] Ora, o ciberespaço é ele próprio um “mundo” criado pela linguagem, [...] em sua própria ontologia, o ciberespaço serve como uma metáfora de processos centrais para a criação de comunidades humanas.⁸⁰

Sendo assim, Wertheim acredita que o ciberespaço pode servir como uma metáfora forte para a formação de comunidades melhores. No entanto, a rede é mais do que uma metáfora, ela é uma espécie de comunidade global, uma comunidade de comunidades, não como força de expressão ou algo meramente digital, mas realmente.

1.5 A visão da Igreja sobre a rede: de João Paulo II a Francisco

Neste ponto se expõe o posicionamento da Igreja em relação à internet. De forma sistemática e breve, se pretende discorrer a evolução da compreensão eclesial sobre o fenômeno cibernético desde o seu advento, durante o pontificado de João Paulo II, até o presente momento, sob a direção do Papa Francisco. Bento XVI foi quem mais refletiu sobre a cultura digital, até porque em seu período é que ocorreu o “boom” da internet. Ressalta-se que a reflexão sobre a rede é fruto de uma meditação mais antiga e primordial sobre a importância da comunicação na vida Trinitária, e por conseguinte, na vida e missão da Igreja.

A partir do Concílio Vaticano II ocorre um crescente interesse eclesial sobre a comunicação. Resultado do trabalho deste concílio, o Decreto *Inter Mirifica* é o primeiro documento universal da Igreja voltado exclusivamente à comunicação, especialmente, ao direito de uso das mídias por parte dos católicos do mundo inteiro. Através dele, os cardeais criaram um setor para tratar especificamente de todo o seu trabalho comunicacional, a Pastoral da Comunicação. Também instituíram o Dia Mundial das Comunicações, para o qual o sumo pontífice escreve anualmente uma mensagem a ser meditada por toda a Igreja, tal documento

⁷⁹ WERTHEIM, M. *Uma história do espaço*, p. 218.

⁸⁰ *Ibidem*, p. 220-221.

se tornou, nos últimos tempos, o principal material de estudo para analisar a visão eclesial sobre a internet.⁸¹

De acordo com Joana Puntel, o Concílio Vaticano II foi inteligente na formulação do seu conceito de tecnologia, pois não restringiu-o apenas a técnica, mas contemplou na definição os atos humanos que dela decorrem, incluindo a tecnologia da época e as que viriam depois como a internet.⁸² Todas as vezes que a Igreja se manifestou sobre a internet foram manifestações positivas, mesmo que sempre separe um espaço para abordar seus riscos. No entanto, a compreensão sobre a natureza da rede, com o passar do tempo foi se enriquecendo e se aprofundando. Primeiramente, João Paulo II vivenciou o momento histórico do nascimento da *web* e a compreendeu como um novo meio de comunicação a ser utilizado como ferramenta de evangelização. Ele chamou os meios de comunicação social de novo areópago dos tempos modernos a ser evangelizado.

O primeiro areópago dos tempos modernos é o mundo das comunicações, que está a unificar a humanidade, transformando-a [...] na « aldeia global ». Os meios de comunicação social alcançaram tamanha importância que são para muitos o principal instrumento de informação e formação, de guia e inspiração dos comportamentos individuais, familiares e sociais.⁸³

Nesta mesma carta, João Paulo II reconhece que a Igreja foi se descuidando deste areópago ao longo dos anos, principalmente em relação às mídias audiovisuais. Enquanto que no surgimento da imprensa e do rádio os cristãos foram pioneiros no seu uso, na invenção do cinema e da TV houve uma resistência inicial que ocasionou numa entrada tardia nesses meios. Quando se criou a internet, a Igreja já havia aprendido a lição e tratou de logo marcar presença e adaptar-se ao ambiente digital. A partir do ano de 1990, o Vaticano começou a refletir sobre a cultura informática, tema da Mensagem para o 24º Dia Mundial das Comunicações. João Paulo II havia percebido como a mídia era capaz de transformar a *psiqué* dos indivíduos, modificando a sensibilidade humana, seu senso crítico e seu raciocínio lógico através dessas novas linguagens e cultura.

[...] esta cultura nasce, menos dos conteúdos do que do próprio fato de existirem novos modos de comunicar com novas linguagens, novas técnicas, novas atitudes psicológicas. O meu predecessor Paulo VI dizia que “a ruptura entre o Evangelho e a cultura é, sem dúvida, o drama da nossa época”; e o campo da comunicação moderna confirma plenamente este juízo.⁸⁴

⁸¹ SILVA, A. A. *Igreja e Cultura Digital*, p. 15-16.

⁸² PUNTEL, J. *Inter Mirifica*, p. 175-182.

⁸³ JOÃO PAULO II. *Redemptoris Missio*, n. 37.

⁸⁴ *Ibidem*.

Em 1995, ano de lançamento do site da Santa Sé, a internet entrou com mais vigor na pauta de debate da Igreja. Na mensagem de João Paulo II para o 36º Dia Mundial das Comunicações, em 2002, pela primeira vez, na história, um pontífice abordou especificamente e oficialmente a internet. Fora algumas mensagens para o Dia Mundial das Comunicações, os únicos documentos eclesiais que abordam especificamente a rede são *Igreja e Internet e Ética na Internet*, ambos também de 2002. Embora sejam documentos autônomos entre si, seus apontamentos se complementam mutuamente. A Igreja Católica, segundo o Documento do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais *Igreja e Internet*, encara positivamente a evolução da comunicação e de suas técnicas, pois pode ajudar na união e solidariedade entre as pessoas. Ela afirma que não é suficiente usar as mídias digitais para difundir a mensagem cristã, é necessário integrar a mensagem nesta nova cultura, criada pelas modernas comunicações. Em 2005, a *Carta Apostólica Rápido Desenvolvimento* também abordou brevemente o fenômeno social e global da internet. Há alguns anos a Igreja dá sinais de atenção a esta realidade, colocando-a em suas metas, a comunicação e a cultura digitais.

Na Mensagem para o 43º Dia Mundial das Comunicações, em 2009, intitulada “Novas tecnologias, novas relações. Promover uma cultura de respeito, de diálogo, de amizade”, Bento XVI reconheceu que “as novas tecnologias digitais estão provocando mudanças fundamentais nos modelos de comunicação e nas relações humanas”.⁸⁵ Dirigindo-se especialmente à geração Y, o Papa quis “partilhar algumas ideias sobre o potencial extraordinário das novas tecnologias, quando usadas para favorecerem a compreensão e a solidariedade humana”.⁸⁶ Embora admitisse as mudanças fundamentais, a Igreja ainda percebia as mídias como um objeto útil a sua disposição, não reconhecendo a nova ambiência social que delas nascem.⁸⁷

Durante o seu pontificado, Bento XVI exortou sobre a importância de a Igreja estar presente onde os jovens estão na maior parte do tempo, no ciberespaço. A mensagem do sumo pontífice para o 44º Dia Mundial das Comunicações, afirmava:

A tarefa de quem opera, como consagrado, nos media é aplanar a estrada para novos encontros, assegurando sempre a qualidade do contato humano e a atenção às pessoas e às suas verdadeiras necessidades espirituais; oferecendo, às pessoas que vivem nesta nossa era «digital», os sinais necessários para reconhecerem o Senhor; dando-lhes a oportunidade de se educarem para a expectativa e a esperança, abeirando-se da Palavra de Deus que salva e favorece o desenvolvimento humano integral.⁸⁸

⁸⁵ BENTO XVI. *Novas tecnologias, novas relações. Promover uma cultura de respeito, de diálogo, de amizade.*

⁸⁶ *Ibidem.*

⁸⁷ SBARDELLOTTO, M. *Deus Digital, religiosidade online, fiel conectado*, p. 10.

⁸⁸ BENTO XVI. *O sacerdote e a pastoral no mundo digital.*

Nesse discurso, Bento XVI disse que a pastoral no mundo digital precisa mostrar aos homens do nosso tempo que Deus está próximo e que, em Cristo, todos são parte uns dos outros. O Santo Padre sugeriu que todo sacerdote tivesse uma página na internet ou outras iniciativas virtuais, onde pudesse interagir com este público. Alertou também, que esse tipo de ação não substitui a Igreja física e os sacramentos. Entretanto, a pastoral virtual é uma forma de despertar o interesse para um contato físico e real com Deus e seu Corpo Místico. Em 2011, a mensagem do Papa Bento XVI foi dirigida aos fiéis leigos, principalmente aos jovens, para que deem testemunho cristão nas redes sociais.

Sobretudo os jovens estão a viver esta mudança da comunicação [...] Comunicar o Evangelho através das novas mídias significa não só inserir conteúdos declaradamente religiosos nas plataformas dos diversos meios, mas também testemunhar com coerência, no próprio perfil digital e no modo de comunicar, escolhas, preferências, juízos que sejam profundamente coerentes com o Evangelho, mesmo quando não se fala explicitamente dele.⁸⁹

Em 2012, Bento XVI abordou a dinâmica da comunicação entre o silêncio e a palavra. Ele fez uma relevante análise sobre como a rede está se tornando o lugar das perguntas e repostas, como os motores de pesquisa e as redes sociais são o novo ponto de partida da comunicação, e como o ser humano atualmente é bombardeado por respostas a perguntas que nunca proferiu. O Papa ressalta que o silêncio “pode ser mais eloquente do que uma resposta apressada, permitindo a quem se interroga descer até ao mais fundo de si mesmo e abrir-se para aquele caminho de resposta que Deus inscreveu no coração do homem”.⁹⁰

Em sua última Mensagem, Bento XVI vai mais fundo no seu entendimento sobre a rede. Ele acredita que estes ambientes favorecem formas de diálogo e debate que, quando realizados com respeito, zelo pela privacidade e empenho pela verdade, podem robustecer os vínculos da unidade e promover a harmonia da família humana. As redes sociais tornaram-se parte do próprio tecido da sociedade enquanto unem as pessoas em vista de suas necessidades fundamentais. Dessa forma, a rede é nutrida por aspirações enraizadas no coração humano, o conhecimento e a relação, que escondem o chamado e o desejo mais profundo do ser humano, à comunhão com Deus e com todas as pessoas.

A troca de informações pode transformar-se numa verdadeira comunicação, os contatos podem amadurecer em amizade, as conexões podem facilitar a comunhão. Se as redes sociais são chamadas a concretizar este grande potencial, as pessoas que nelas participam devem esforçar-se por serem autênticas, porque nestes espaços não

⁸⁹ BENTO XVI. *Verdade, anúncio e autenticidade de vida, na era digital.*

⁹⁰ BENTO XVI. *Silêncio e palavra.*

se partilham apenas ideias e informações, mas em última instância a pessoa comunica-se a si mesma.⁹¹

Apesar do pouco tempo de pontificado, Papa Francisco já segue os passos de Bento XVI em sua concepção de rede e sociedade, afirmando em sua primeira Mensagem para o Dia Mundial das Comunicações que o ciberespaço pode ser um lugar rico de humanidade, pois a internet não é uma rede de fios, mas de pessoas. Disse ainda que a internet é dom de Deus por oferecer novas alternativas de encontro e solidariedade.⁹² Demonstra essa leitura comunitária da rede também na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*:

Neste tempo em que as redes e demais instrumentos da comunicação humana alcançaram progressos inauditos, sentimos o desafio de descobrir e transmitir a «mística» de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos, participar nesta maré um pouco caótica que pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade, numa caravana solidária, numa peregrinação sagrada. Assim, as maiores possibilidades de comunicação traduzir-se-ão em novas oportunidades de encontro e solidariedade entre todos.⁹³

Diante deste panorama eclesial positivo em relação ao fenômeno da cultura digital, cogita-se a ideia de que o ciberespaço é um lugar privilegiado para se pensar a humanidade atual e sua relação com Deus. Assim, acredita-se que a rede possa ser um lugar teológico.

1.6 A internet como lugar teológico

A elaboração teológica católica da noção de lugar (*tópoi*) teológico é tributada ao monge dominicano Melchior Cano (1509-1560), na sua obra *De locis theologicis* (DLT), publicada em 1563, no contexto do Concílio de Trento, no qual fora muito ativo.⁹⁴ O método de Cano foi influenciado pelo método teológico de Tomás de Aquino, principalmente o Artigo Oito da Questão Um, na *Prima Pars* da Suma Teológica, como resposta à seguinte questão: A teologia da Revelação tem argumentos próprios? Ao responder, Tomás empregou o termo “lugar” para designar as fontes da argumentação teológica e distinguiu entre os argumentos da razão e os de autoridade, qualificando a razão natural como argumento extrínseco e provável; já a autoridade foi considerada o argumento próprio da teologia.

⁹¹ BENTO XVI. *Redes sociais*.

⁹² FRANCISCO. *Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro*.

⁹³ FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*, n. 85.

⁹⁴ OCCHIPINTI, G. Lugar Teológico. In: *Lexicon*, p. 449-50.

Reportando-se às fontes da noção de lugar teológico, Jean-Yves Lacoste assinala que Cano também recorreu à noção de lugares dialéticos, aos repertórios de argumentos usados na erística, codificados por Aristóteles, nos Tópicos de Cícero, a partir de noções gerais, os predicáveis: gênero, espécie, diferença, próprio e acidente. Na obra *De inventione dialectica* do humanista Rodolfo Agricola (1527) são definidos cerca de trinta *lugares* como ângulos diferentes para observar uma coisa.

Antes de Melchior Cano, a expressão lugar teológico remetia-se a posições mestras da teologia ou de um teólogo, aos lugares comuns da teologia, ou aos lugares dos teólogos protestantes, temas que deveriam servir de base à articulação de todo o material teológico.⁹⁵ Então, Melchior Cano definiu os lugares teológicos como “os domicílios de todos os argumentos teológicos, nos quais os teólogos encontrarão de que alimentar todas as argumentações, seja para provar, seja para refutar”.⁹⁶

Cano dividiu em dois grandes tipos de lugares teológicos: os *próprios*, que vinham da autoridade divina, e os *anexos*, provenientes da razão humana. Entre os *próprios*, colocou a Sagrada Escritura e a Tradição oral, como fundamentais, pois juntas contêm toda a Revelação. Como *declarativos*, ou seja, aqueles que conservavam o depósito da fé, interpretavam os dados revelados e transmitiam o conteúdo revelado, classificou a Igreja Católica, os Concílios e o Magistério Papal. Lugares *eficazes* são os que fornecem princípios de argumentação absolutamente certos, como os santos Padres da Igreja, os teólogos escolásticos e canonistas. Há ainda os *lugares prováveis* que oferecem princípios prováveis.⁹⁷

No grupo dos lugares *anexos* ou *alheios*, assinalou a razão, que corresponde ao uso das ciências humanas na teologia a serviço de uma melhor compreensão da mensagem cristã. Subdividiu-os em razão natural, filósofos e juristas, história e tradições humanas. Por história, Cano refere-se a documentos escritos, tradições orais, arqueologia, recomendando a utilização da crítica histórica, isto é, a história como evento e como ciência, como análise científica dos dados. Admite que a história humana possa ser uma autoridade mais segura, um lugar mais eficaz do que a referência a um versículo da Escritura num sentido demasiadamente vago. Com os seus lugares teológicos, Melchior Cano influenciou positivamente a teologia posterior, revelando a mentalidade teológica do início dos tempos modernos.⁹⁸

⁹⁵ MICHON, C.; NARCISSE, G. Lugares teológicos. In: LACOSTE, J-Y. *Dicionário Crítico de Teologia*, p. 1056.

⁹⁶ CANO, M. apud Ibidem, p. 1056

⁹⁷ SESBÔUE, B. *História dos dogmas*, p. 146.

⁹⁸ Ibidem, p. 146.

Portanto, dos dez lugares teológicos, Cano explica que os dois primeiros contêm os “princípios próprios e legítimos” da teologia; os três últimos possuem os “princípios externos e alheios”, enquanto que os cinco intermediários dominam a interpretação dos princípios próprios ou as conclusões que se originaram deles.⁹⁹

No século XX, Yves Congar definiu os lugares teológicos quanto ao objeto, como um registro das diversas mediações pelas quais Deus instruiu e edificou seu povo a partir de Sua Palavra. Trata-se de uma evolução do sentido do termo lugar teológico, distinguindo-o das fontes da teologia.¹⁰⁰ Já no Dicionário Crítico de Teologia está escrito que a teologia católica denomina lugares teológicos todos “os domínios a partir dos quais o conhecimento teológico pode elaborar seu saber ou às diversas fontes nas quais se inspira: a Escritura, a Tradição, os Padres, o Magistério, a Liturgia”.¹⁰¹

Embora a teologia tenha como princípio fundamental a Revelação, também encontra a fonte de seu conhecimento na prática da fé. Por isso, o teólogo deve colocar-se à escuta em outros lugares que provocam o conhecimento teológico e também o verificam. Para Clodovis Boff, a vida é uma realidade rica que constitui uma origem concreta de conhecimento teológico e que não pode ser excluída pela teologia.¹⁰²

Assim, houve uma modificação no conceito dos lugares teológicos que permitiu diversas inclusões na lista. Os documentos do Concílio Vaticano II reconheceram o legítimo pluralismo na teologia para criar a partir dos ‘grandes territórios socioculturais’ (AG 22,2), dos ‘sinais dos tempos’ (GS 4,1) e dos ‘problemas novos’ (GS 62,2) novos campos teológicos.¹⁰³

Para se definir o lugar teológico dos sinais dos tempos é preciso distinguir no curso dos acontecimentos aqueles aspectos que podem dizer algo a respeito da Providência, que possam servir de indicação ao Reino de Deus. Isto é, campos que manifestem os propósitos de Deus, que sejam chaves hermenêuticas para a compreensão da economia cristã, a fim de descobrir a presença da Palavra de Deus no decorrer da história e sinais dos propósitos de Deus nos acontecimentos, nas necessidades, nas aspirações dos homens contemporâneos. Os peritos do Concílio entendem os sinais dos tempos como os fenômenos que, por razão da sua

⁹⁹ SESBÖUE, B. *História dos dogmas*, p. 692.

¹⁰⁰ DESOUCHE, M-T. *L’histoire comme lieu théologique et fondement de la théologie pastorale*.

¹⁰¹ MICHON, C.; NARCISSE, G. In: LACOSTE, J-Y. *Dicionário Crítico de Teologia*, p. 1055.

¹⁰² BOFF, Clodovis. *Teoria do método teológico*, p. 72.

¹⁰³ *Ibidem*, p. 88.

universalidade e frequência, caracterizam a época e por meio dos quais se exprimem as necessidades e anseios da humanidade contemporânea.¹⁰⁴

Dessa maneira, a modernidade, sensível às angústias e esperanças do homem, veio a pôr em evidência a experiência humana como lugar teológico, enquanto lugar de sentido.¹⁰⁵ O Concílio Vaticano II ao falar da teologia dos “sinais dos tempos”, legitimou o fazer teológico a partir das realidades temporais.¹⁰⁶

Dessa forma, são perceptíveis duas concepções distintas de lugar teológico: as fontes dos argumentos teológicos postuladas por Melchior Cano, e o lugar social de onde o teólogo se situa ao ler e interpretar as próprias fontes da teologia, estudadas, por exemplo, por Ignacio Ellacuría e Jon Sobrino. É a partir destes horizontes que surgem novas questões que exigem respostas atuais.¹⁰⁷

O ciberespaço que formou uma cultura e uma comunidade globais nas quais a humanidade se expressa e se relaciona hoje se encaixa perfeitamente no conceito teológico dos sinais dos tempos. A internet, como ambiente de comunicação e de relação social inerente à realidade humana, deve ser discernida teologicamente e merece um olhar positivo, pois “Deus viu [...] que tudo era bom”. Logo, a rede deve ser encarada como “dom de Deus”, tendo como ponto de partida a teologia da criação.

O ser humano não criou a internet a partir do nada, não foi uma *creatio ex nihilo*. Ao contrário, ele manipulou os materiais já existentes e produziu a técnica através do intelecto com que Deus o proveu. “A matéria não é ruim. É criatura de Deus e, como tal, tem uma bondade que lhe é essencial e anterior a toda a manipulação por parte do homem [...] A Igreja, antes de qualquer um, é obrigada a aceitar e respeitar essa bondade das realidades terrenas”.¹⁰⁸ Assim, com a invenção das novas tecnologias, demonstra-se o desígnio divino para a pessoa humana ser artífice da criação. Sendo assim, o mal não provém do interior da matéria, mas do seu uso indevido por parte do ser humano.

Ainda segundo a concepção de Martínez, os meios de comunicação social não são simples realidades terrenas, eles também são realidades culturais. Enquanto frutos da inteligência humana, expressam o desenvolvimento das capacidades comunicativas e da

¹⁰⁴ DIOCESE DE ANÁPOLIS. *Fontes da Teologia*. Disponível em:

<http://www.diocesedanapolis.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2108:fontes-da-teologia&catid=129:teologia&Itemid=662> Acesso em: 07 de set. de 2014.

¹⁰⁵ Disponível em: <<http://www.estef.edu.br/arno/wp-content/uploads/2011/03/Introdu%C3%A7%C3%A3o-%C3%A0-Teologia-2.pdf>>. Acesso em: 08 de mai. de 2013.

¹⁰⁶ BOFF, C. *Teoria do método teológico*, p. 178.

¹⁰⁷ Disponível em: <[http://www.adital.com.br/site/noticia_imp.asp?lang=PT&img=N&cod=38025 2/3](http://www.adital.com.br/site/noticia_imp.asp?lang=PT&img=N&cod=38025%202/3)>. Acesso em: 08 de mai. de 2013.

¹⁰⁸ MARTÍNEZ, F. D. *Teologia da comunicação*, p. 491.

vocação do ser humano de transformador da realidade a fim de contribuir para que a obra do Criador chegue a sua plenitude. “Aqui encontram a sua justificação teológica [...] o progresso e a técnica... Em si mesmos são uma realização da vocação humana e uma resposta à vontade divina”.¹⁰⁹ Tais afirmações manifestam a necessidade de a internet ser discernida teologicamente. A rede deve ser vista como um potencial caminho de realização da vocação coletiva do homem – a comunhão entre os seres humanos. “O homem é um ser essencialmente social e, pela mesma razão, a história humana é uma história comunitária”.¹¹⁰

Nessa perspectiva, Margareth Wertheim acredita que “a produção” do espaço, seja ele de qual tipo for, é necessariamente uma atividade comunal. Isto é:

Assim como o ciberespaço é comunalmente produzido, assim também o são, num sentido profundo, todos os espaços. Quer estejamos falando sobre concepções medievais de espaço espiritual, ou sobre concepções científicas do espaço físico, *todo* tipo de espaço deve ser conceituado, e portanto “produzido”, por uma comunidade de pessoas. Aqui, novamente, a linguagem é chave, pois cada tipo diferente de espaço requer um tipo diferente de linguagem. Assim como o ciberespaço não pôde ganhar existência até que novos tipos de linguagem para a comunicação eletrônica fossem desenvolvidos, assim também qualquer novo tipo de espaço requer o desenvolvimento de uma nova linguagem.¹¹¹

A Ciberteologia necessita de um *locus* próprio do qual obtenha um olhar diferenciado da sociedade, detectando os aspectos que implicam na teologia para, assim, desenvolver sua reflexão. A *Gaudium et Spes* fala do lugar teológico dos “sinais dos tempos”, como sendo os grandes fenômenos que movem a história. De acordo com este documento, estes sinais devem ser primeiro observados e analisados cuidadosamente pelo teólogo, para serem em seguida interpretados e discernidos à luz da fé. A internet é um fenômeno antropológico sociocultural, um ambiente de comunicação e de relações, de prática da fé e da espiritualidade dos seres humanos. Por ser um princípio ativo de transformação da sociedade e da história humana, a rede é uma realidade que não deve ser ignorada pela perspectiva teológica.¹¹²

Diante do que foi visto até agora, podemos concluir que a Rede tem caráter de lugar teológico como história e cultura humana, dentro das categorias de Melchior Cano, e como “sinal dos tempos”, de acordo com o Concílio Vaticano II, ambiente de prática da fé e da espiritualidade dos fiéis. Na concepção de Diéz, apesar de a internet estar sujeita à ambiguidade e às consequências negativas do pecado pessoal e social, como qualquer realidade terrena, a

¹⁰⁹ MARTÍNEZ, F. D. *Teologia da comunicação*, p. 496.

¹¹⁰ *Ibidem*, p. 498.

¹¹¹ WERTHEIM, M. *Uma história do espaço*, p. 222-223.

¹¹² SILVA, A. A. Cibergraça. *Anais do IV Congresso da ANPTECRE*, p. 501.

melhor resposta a essa ambiguidade é o discernimento e o compromisso, não a condenação e a passividade. Pois,

É preciso, contudo, afirmar que a teologia cristã é uma teologia do novo, daquilo que constantemente se renova. A novidade, a renovação, a criatividade são categorias centrais na teologia cristã. O novo precisa ser discernido teologicamente. [...] A bondade das coisas, dos meios, das técnicas [...] consiste na sua adequação ao plano que Deus traçou sobre esta criação e esta humanidade.¹¹³

Retomando os principais pontos da relação entre a internet e a teologia no esquema abaixo, serão apontadas as dimensões teológicas do ciberespaço que garantem afirmar a rede como um lugar teológico:

1. Lugar Cristológico: “E o Verbo se fez *bit*”.¹¹⁴ No momento da Encarnação do Verbo, Deus passou a habitar na linguagem humana. Se a linguagem do homem de hoje é cibernética, Jesus Cristo passou a habitar no ciberespaço. “No mundo da Internet, que permite que bilhões de imagens apareçam em milhões de monitores, deverá sobressair o rosto de Cristo e ouvir-se a sua voz, porque, se não há espaço para Cristo, não há espaço para o homem”.¹¹⁵

2. Lugar Antropológico: A internet não é apenas o *habitat* dos nativos virtuais, mas um lugar onde a humanidade pode realizar seu chamado universal. “Ampliar as possibilidades de comunicação é ampliar as possibilidades de realização da vocação humana, individual e coletiva. [...] Comunicar-se é humanizar-se”.¹¹⁶

A internet possui um caráter essencialmente universal, relacional, comunicacional e inclusivo. Portanto, potencialmente solidário e facilitador da comunhão entre todos os povos, raças e nações, culturas e religiões, apesar de ainda não conseguir realizar sua “vocação”, devido a diversos fatores como a falta de reflexão sobre este aspecto da rede, problemas culturais e socioeconômicos. O primeiro passo para isso seria uma mudança de perspectiva sobre a rede. “Os grandes meios manifestam o grande desafio que a solidariedade universal é para a humanidade. A simples informação [...] manifesta todos os desafios, as urgências e os compromissos dos povos neste campo”.¹¹⁷

3. Lugar eclesiológico: Spadaro explica que Igreja encontra-se espontaneamente onde o homem estiver ampliando seu conhecimento e suas relações, pois, em toda a sua história, a Igreja se fundamenta sobre duas colunas: o anúncio do Evangelho e as relações de comunhão.

¹¹³ MARTÍNEZ, F. D. *Teologia da comunicação*, p. 500.

¹¹⁴ SBARDELLOTTO, M. *E o Verbo se fez bit*.

¹¹⁵ BENTO XVI, *Verbum Domini*, n. 113.

¹¹⁶ MARTÍNEZ, F. D. *Teologia da comunicação*, p. 499.

¹¹⁷ *Ibidem*, p. 515.

Sendo a rede também baseada na comunicação e na relação interpessoal, fica claro que a rede e a Igreja são duas realidades destinadas a convergirem e dialogarem.¹¹⁸ Portanto, no desafio atual da inculturação digital como fator condicional para qualquer tentativa de missão na sociedade em rede, a Igreja tem de entrar na cibercultura para discerni-la teologicamente a partir de dentro, colaborando para o seu discernimento e participando no seu crescimento.

Unindo os aspectos da rede com a conseqüente transformação, humana, social, cultural e teológica, pode-se afirmar que a internet é um lugar teológico. Da necessidade de se compreender a situação atual e o que isso implica na vida cristã, surge a área de Ciberteologia, que, segundo Antonio Spadaro, significa pensar a fé nos tempos da rede.

1.7 Teologia como ciberteologia

Existem, desde a invenção da internet, inúmeros trabalhos científicos na sociologia e em áreas afins sobre o fenômeno da cibercultura. No campo eclesial, de 2002 até hoje, alguns documentos da Igreja orientam, a nível pastoral, como os cristãos devem utilizar este novo meio de comunicação. Também ao longo do pontificado de Bento XVI, em suas mensagens para o Dia Mundial das Comunicações, houve uma crescente compreensão e um processo de descoberta da identidade e essência da internet por parte da Igreja.

A reflexão sobre a influência da cultura digital sobre a fé, até este momento, se ateuve mais ao campo religioso do que ao teológico. No cenário brasileiro, alguns autores se destacam neste âmbito. Na área de comunicação religiosa há autores como Pedro Gilberto Gomes¹¹⁹ e Moisés Sbardelotto¹²⁰ com a obra “E o Verbo se fez *bit*”. O cientista da religião Walter Avellar possui dois trabalhos “Internet e Espiritualidade”¹²¹ e “Espiritualidade e Sagrado no Mundo Cibernético”¹²². É importante ressaltar que estes são ótimos estudos sociológicos sobre religiosidade e espiritualidade na internet, porém não são trabalhos ciberteológicos.

O estudo ciberteológico iniciou sem uma definição epistemológica clara. Na sua principal obra, “Ciberteologia”, Antonio Spadaro descreve brevemente o panorama de tentativas de formulação deste conceito. De acordo com o teólogo italiano, a pergunta

¹¹⁸ SPADARO, A. *Ciberteologia*, p. 24.

¹¹⁹ GOMES, P. G. *Da Igreja eletrônica à sociedade em midiatização*. São Paulo: Paulinas; 2010.

¹²⁰ SBARDELOTTO, M. “E o Verbo se fez bit”: a comunicação e a experiência religiosas na internet. Aparecida: Santuário, 2013.

¹²¹ AVELLAR, V. *Internet e espiritualidade: o despertar através das mensagens de e-mail*. Rio de Janeiro: Calibán, 2010.

¹²² AVELLAR, V. L. (Org.); SILVEIRA, E. J. S. (Org.). *Espiritualidade e Sagrado no mundo contemporâneo: questões de método e vivência em Ciências da Religião*. São Paulo: Loyola, 2014.

fundadora dessa reflexão teológica é: “se as [...] tecnologias digitais modificam o modo de comunicar e até mesmo de pensar, qual o impacto que terão no modo de fazer teologia?”.¹²³

Nessa trajetória inicial de incertezas e de construção epistemológica, várias definições foram elaboradas para o termo ciberteologia. Em sua pesquisa, Susan George encontrou quatro delas.¹²⁴ A primeira definição a conceitua como teologia dos significados da comunicação social na era da internet e das tecnologias digitais, uma espécie de teologia da comunicação digital. A segunda, a considera uma ponderação pastoral da maneira de anunciar o Evangelho utilizando as características próprias da rede. Para a terceira proposição, ciberteologia seria um mapa fenomenológico da presença do religioso na internet. O quarto conceito interpreta a rede como ambiente das capacidades espirituais e o estudo ciberteológico como a navegação no ciberespaço em busca dessas manifestações do espírito.

Debbie Herring¹²⁵, teóloga inglesa, contribuiu para a formação desse campo de conhecimento ao apontar três distinções na pesquisa ciberteológica. Teologia “no” ciberespaço consiste na coleta de conteúdos teológicos acessíveis na *web*. Teologia “do” ciberespaço seria o conjunto de contribuições teológicas que auxiliam na compreensão da rede. Teologia “para o” ciberespaço se constitui de uma compilação de sítios em que se pretende fazer teologia na rede.

Outro teólogo, Carlo Fomenti, define ciberteologia como uma teologia da tecnologia, isto é, o estudo das conotações teológicas da tecnociência.¹²⁶ Uma edição de 2005 da Revista *Concilium* sobre o tema ressaltou a importância da reflexão ética no e para o ciberespaço e na reflexão final declarou a existência de formas de comunhão e presença real de Deus que se manifestam na e através da internet.¹²⁷ Portanto, embora não tenha traçado explicitamente uma definição para ciberteologia, a Revista *Concilium* a compreende como o estudo sobre a mudança na relação com Deus e com a transcendência ocasionada pela influência da cultura cibernética em todas as áreas da vida humana. Todos esses trabalhos científicos contribuíram para aprofundar e perceber a relevância desta nova corrente teológica em formação.

O conceito que mais se adéqua à proposta deste estudo é o de Antonio Spadaro que vê a ciberteologia como a inteligência da fé nos tempos da rede, isto é, pensar a fé à luz da lógica da rede. Como foi visto, o termo ciberteologia havia sido usado para designar outros conceitos anteriormente. Porém, essas definições não vingaram e a palavra caiu em desuso, tornando-se

¹²³ SPADARO, A. *Ciberteologia*, p. 39.

¹²⁴ GEORGE, S. *Religion and technology in the 21st Century*, p. 182.

¹²⁵ HERRING, D. apud SPADARO, A. *Ciberteologia*, p. 40.

¹²⁶ FORMENTI, C. *Incantati dalla rete*, p. 59-107.

¹²⁷ BORGMAN, E.; VAN ERP, S. *Qual mensagem é o meio?*, Revista *Concilium*, n. 309, p. 129.

um termo morto. Além disso, essas formulações são insuficientes para descrever o novo campo de reflexão teológica que está se formando a partir do fenômeno da cultura digital. Isso permite afirmar que Spadaro inventou a área teológica da ciberteologia.

A reflexão ciberteológica é um conhecimento que nasce da experiência da fé que corresponde na teologia à fórmula “*fides quarens intellectum*”, a fé que busca a inteligência, que busca compreender. Porque, se o fenômeno internet modificou a forma como o ser humano pensa, mudou a forma como se reflete sobre a fé. Se a teologia é entendida como *intellectus fidei*, pensar a fé, a rede transformou o jeito que se faz teologia na e para a sociedade contemporânea. Por isso, a ciberteologia é teologia e não mais um tipo de estudo sociológico sobre a religiosidade na internet, mas “resultado da fé que libera de si mesma um impulso cognitivo num tempo em que a lógica da rede assinala o modo de pensar, conhecer, comunicar, viver”.¹²⁸

Segundo Spadaro¹²⁹, a única estrada para poder estudar ciberteologia é a experiência, experiência de fé e experiência da rede. Se não se tem a experiência da lógica da rede não se pode compreendê-la, muito menos realizar uma reflexão teológica que seja realmente significativa. O autor da ciberteologia definiu o método ciberteológico dividindo-o em quatro passos: experiência, reflexão, ação e avaliação. Dessa forma, uma reflexão ciberteológica séria somente é possível a partir da experiência pessoal no ambiente digital.

Eu acredito que o Reino de Deus não seja virtual, mas real. Porque Jesus falou que onde duas ou mais pessoas estiverem reunidas em meu nome eu estarei lá presente. E quando Jesus diz que está ali presente, ele não quer dizer que estará lá com o seu *avatar*. Nós pensamos que o processo comunicativo é um processo virtual, potencial, porém, não real. Eis aqui um desafio teológico, justamente porque somente a reflexão teológica não confunde o virtual com o espiritual. Na verdade, a teologia se torna modelo para compreendermos a dinâmica da comunicação. É isso que eu defino como ciberteologia (informação verbal).¹³⁰

Poucos são os teólogos que se dedicam à ciberteologia no mundo inteiro. No meio católico, além de Antonio Spadaro, há uma professora da Faculdade de Teologia da Universidade de Malta, Nadia Delicata, com parte da tese, capítulos de livro publicados e

¹²⁸ SPADARO, A. *Ciberteologia*, p. 41.

¹²⁹ Conferências e Seminários ministrados por Antonio Spadaro no 4º Encontro Nacional da PASCOM, de 24 a 27 de outubro de 2014, em Aparecida do Norte, SP.

¹³⁰ Conferências e Seminários ministrados por Antonio Spadaro no 4º Encontro Nacional da PASCOM, de 24 a 27 de outubro de 2014, em Aparecida do Norte, SP.

conferências sobre o tema.¹³¹ Entre os anglicanos, há Tim Hutchings¹³², cujo trabalho de pós-doutorado na Universidade de Durham, St. John's College no Reino Unido, foi *Creating Church Online* em 2010. Ele atua mais na área da sociologia da religião, mas possui alguns artigos de cunho teológico como *Network Theology*. Da parte protestante destaca-se o teólogo Dwight Friesen, de Seattle (EUA), que escreveu o livro *Thy Kingdom Connected*, criando a primeira eclesiologia contextual para um mundo conectado.¹³³ Há também o presbiteriano Landon Whitzitt com a obra *Open Source Church*.¹³⁴ E ainda, Jennifer J. Cobb, num período emergente da internet, escreveu uma reflexão teológica sobre o potencial espiritual da rede, baseada no pensamento filosófico e teológico de Teilhard de Chardin. O livro chama-se *Cybergrace: the reasearch of God in the digital world*, de 1998.¹³⁵ Por essa escassez de ciberteólogos, Spadaro disse que: “A ciberteologia não existe verdadeiramente, concretamente. Todos nós somos chamados a esta tarefa: pensar a fé nos tempos da rede” (informação verbal).¹³⁶

A mensagem do Papa Francisco traduz a importância de refletir a cultura digital para os seres humanos hoje: “[...] não esquecendo que o continente digital, antes de ser uma mera realidade tecnológica, é acima de tudo um lugar de encontro de homens e mulheres cujas aspirações [...] não são virtuais, mas reais e que necessitam de uma resposta concreta”¹³⁷. Estas palavras são fundamentais para se repensar a fé à luz dessas intuições. É graças à rede que se vive uma vida conexa, ou melhor, é a partir da experiência da rede que a humanidade está percebendo como é interligada e como são essenciais essas relações para uma vida verdadeiramente humana.

O Concílio Vaticano II proferiu que a tecnologia muda nosso modo de pensar.¹³⁸ João Paulo II, na sua *Carta Apostólica Rápido Desenvolvimento*, apresenta cinco lugares de impacto dos processos midiáticos: a formação da personalidade, a interpretação dos laços afetivos, a

¹³¹ DELICATA, N. *Theology as Persuasive Communication*. 2012. Capítulo de Tese (Doutorado em Teologia) Faculdade de Teologia, Universidade de Malta, Malta, 2012.

¹³² HUTCHINGS, T. *Creating Church Online*. In: CHEONG, P. H. (Org.) et al. *Digital Religion, Social Media and Culture*. New York: Peter Lang, 2012 (Digital Information, v. 78).

¹³³ FRIESEN, D. J. *Thy Kingdom Connected: What the Church Can Learn from Facebook, the Internet, and Other Networks*. Ada, MI: Baker Books, 2009.

¹³⁴ WHITSITT, L. *Open Source Church: Making Room for the Wisdom of All*. Herndon, Virginia: Alban, 2011.

¹³⁵ COBB, J. J. *Cybergrace: the reasearch of God in the digital world*. New York: Crown, 1998.

¹³⁶ Conferências e Seminários ministrados por Antonio Spadaro no 4º Encontro Nacional da PASCOM, de 24 a 27 de julho de 2014, em Aparecida do Norte, SP.

¹³⁷ FRANCISCO. *Mensagem do Papa ao 4º Encontro Nacional da Pastoral da Comunicação*. Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br/comissoes-episcopais-1/comunicacao/14639-papa-envia-mensagem-ao-iv-encontro-nacional-da-pascom>>. Acesso em: 08 de ago. de 2014.

¹³⁸ IGREJA CATÓLICA. *Gaudium et Spes*, n. 5.

educação, a difusão da cultura, o desenvolvimento social, político e econômico.¹³⁹ Portanto, a rede interfere de forma muito forte em todas as nossas experiências humanas.

A rede é um ambiente onde formamos nosso pensamento, onde vivemos nossas relações, onde também expressamos nossa fé. Neste ponto precisamos pensar teologicamente a rede. A teologia obviamente se ocupou da comunicação, e por isso existe a teologia da comunicação, isto é, o que significa teologicamente comunicar. Portanto, inicia com Deus, pois Deus não é sozinho porque Deus é Trindade, é comunicação. Além disso, existe a reflexão teológico-pastoral da comunicação. É importante fazer teologia da comunicação, mas a comunicação não é mais uma coisa que difere da vida (informação verbal).¹⁴⁰

Sendo assim, Spadaro explica que refletir teologicamente sobre a comunicação é importante, mas não basta mais, é preciso dar um passo adiante. A lógica da rede, com suas poderosas metáforas, trabalha o imaginário e a inteligência, por isso, é necessário entender como esta pode modelar a escuta da Palavra de Deus, a forma de se compreender a Igreja, o significado da comunhão eclesial, a Revelação, isto é, os temas clássicos da teologia sistemática. Portanto, a ciberteologia não é uma teologia da comunicação, pois não aborda a comunicação, mas a vida hipercomunicativa que se tem hoje. Segundo o jesuíta italiano, a ciberteologia é sempre um conhecimento que parte da experiência pessoal de fé, da experiência na qual é plasmada a consciência da própria rede. Se realmente a rede muda a lógica do pensamento, os teólogos são chamados a pensar a fé sob a ótica da rede. Para isso, tem-se que reformular a linguagem simbólica que fala da transcendência.

Precisamos de novos símbolos. A Igreja não é chamada a ser moderna, é chamada a algo muito maior: a interpretar teologicamente a rede, a compreender como este fenômeno gigantesco está presente no plano de Deus para a humanidade. Qual é a vocação da rede no projeto de Deus para a humanidade? Esta é a tarefa a qual somos chamados. Isso está muito presente na consciência da Igreja ciente da inteligência coletiva que se experimenta na rede que é fruto de uma forma de experiência de comunhão. O Cardeal Müller acolheu este desafio importante: é responsabilidade da Igreja a formação de uma cultura humana coletiva pela qual a sociedade atual com sua rede de conexão mundial forneça ótimos pressupostos (informação verbal).¹⁴¹

Em suma, na opinião de Antonio Spadaro, a tarefa da ciberteologia é pensar a fé no tempo da rede, compreendendo a vocação desta no plano de Deus em relação à humanidade e vivendo uma experiência de inteligência coletiva, fruto daquilo que o Concílio Vaticano II

¹³⁹ JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica Rápido Desenvolvimento*, n. 10.

¹⁴⁰ Conferências e Seminários ministrados por Antonio Spadaro no 4º Encontro Nacional da PASCUM, de 24 a 27 de julho de 2014, em Aparecida do Norte, SP.

¹⁴¹ Conferências e Seminários ministrados por Antonio Spadaro no 4º Encontro Nacional da PASCUM, de 24 a 27 de julho de 2014, em Aparecida do Norte, SP.

definiu como o “povo de Deus a caminho na história”¹⁴². A partir do ponto de vista ciberteológico, se fará uma reflexão sobre as luzes e trevas contidas neste novo cenário da existência humana que é o ciberespaço. Desta análise surge o conceito da cibergraça, para pensar a presença de Deus e de sua graça no ambiente digital que pode gerar uma comunhão entre as pessoas nos tempos da rede.

A proposta é fazer uma “*open source theology*”, isto é, uma “teologia fonte aberta”, expressão criada por Andrew Perriman¹⁴³ para indicar um método de pesquisa teológica mais exploratório, aberto nas suas conclusões, preocupado em construir um diálogo atento entre texto e contexto.¹⁴⁴ Esse novo modo de fazer teológico é também chamado de “teologia colaborativa”, pois entende a reflexão teológica como uma atividade de cunho comunitário desenvolvida de contextos históricos específicos. Assim, o presente estudo é um “pontapé” inicial na decodificação do conteúdo teológico inserindo-o na dinâmica da cultura digital e na apreensão das características da cibercultura que contribuem no aprofundamento da fé em linguagem atual, sem a pretensão de estabelecer um ponto final para o tema.

¹⁴² IGREJA CATÓLICA. *Lumen Gentium*, n. 12.

¹⁴³ Andrew Perriman estudou Língua Inglesa e Literatura na Universidade de Oxford, trabalhou em seu mestrado e doutorado aspectos literários do pensamento de Paulo. Estudou na *London School of Theology*. Atualmente mora em Londres e trabalha em uma teologia narrativa histórica para a igreja protestante pós-cristandade em seu site: www.Opensourcetheology.net.

¹⁴⁴ SPADARO, A. *Ciberteologia*, p. 105.

Onde abundou o pecado, superabundou a graça. (Rm 5, 20)

2 CIBERGRAÇA: COMUNHÃO PARA ALÉM DO ISOLAMENTO E DA MASSIFICAÇÃO

No primeiro capítulo buscou-se relatar as *experiências* humanas na rede e as mudanças no campo social e teológico que elas acarretam. Se a internet é um lugar extremamente humano, não será também extremamente divino? Seguindo o método ciberteológico, neste segundo capítulo pretende-se fazer uma *reflexão* sobre como Deus pode habitar no ciberespaço e se relacionar com os seres humanos.

Este capítulo aborda principalmente a doutrina da graça e a teologia trinitária de comunhão à luz da cultura digital. Dividido em três blocos, como uma peregrinação espiritual através do ciberespaço, primeiro passa pelo vale escuro do ciberpecado para poder alcançar o manancial da cibergraça e em seguida chegar à comunhão com o Deus Uno e Trino.

Inicia com uma reflexão sobre o pecado na rede, suas novas dimensões, modalidades e impacto no mundo globalizado. A seguir, a pesquisa entra na cibergraça com uma ponderação sobre a internet na Bíblia, isto é, como podemos, através de metáforas bíblicas, discernir a rede sob a rocha firme da Palavra de Deus. Por fim, trata do conceito de pessoa e de comunhão e a importância deles no entendimento da internet como rede mundial de pessoas e no modo em que a Trindade opera no mundo contemporâneo. Também aborda a espiritualidade comunal que emerge da experiência humana no ciberespaço.

2.1 Ciberpecado: o inferno da rede

Não precisa muita reflexão para se constatar que a internet tornou-se um espaço de práticas criminosas e pecaminosas. Desde pecados veniais até pecados mortais que “clamam ao céu”, o fenômeno do ciberpecado está crescendo e cada vez com mais modalidades diferentes. Mesmo tendo muitas vezes uma roupagem individual, estas novas formas de pecado são, na sua maioria, de caráter coletivo. No pontificado de Bento XVI, houve muita polêmica ao correr a notícia de que a Igreja Católica havia inventado mais sete pecados coletivos para ‘cobrar’ de seus fiéis.¹⁴⁵ Na verdade, são sete novas releituras dos pecados capitais que estão presentes na sociedade globalizada em que vivemos.

As situações e contextos mudam de épocas em épocas, porém a fraqueza humana não. Por isso, quando se fala em novas formas de pecado, não se quer dizer que surgiram novos

¹⁴⁵ São eles: o uso de experimentos moralmente dúbios, o agravamento das injustiças sociais, as violências bioéticas, a riqueza excessiva, a geração da pobreza, a poluição do meio ambiente e o uso de drogas.

pecados, mas novas expressões destes pecados e concupiscências que provam ao ser humano desde o pecado original. Nesta parte serão descritos e analisados alguns desses fenômenos do mal na rede, bem como as raízes que o produziram e os efeitos na vida humana em sociedade.

2.1.1 Conceito de pecado

O pecado é um conceito de transgressão de caráter moral e religioso presente em quase todas as tradições religiosas do mundo, de forma especial, no judaísmo e no cristianismo.¹⁴⁶ Ele consiste num ato humano consciente e desordenado, o qual recebe uma qualificação moral negativa. Santo Agostinho também o definia como “coisa feita, dita ou desejada contra a lei eterna”¹⁴⁷ que gera um “afastamento de Deus e aproximação das criaturas”¹⁴⁸. O Antigo Testamento busca mostrar as diversas maneiras que o ser humano pode se desviar do caminho de Deus. Para a tradição judaica, o pecado consiste no não cumprimento dos mandamentos de Deus e não honrá-lo em suas ações, podendo ser realizado de forma consciente ou inconsciente. Em todos os casos, o pecado sempre precisa de reparação.¹⁴⁹

O Novo Testamento utiliza o termo *harmatia* para designar seja um ato pecaminoso, seja a condição humana, ou ainda, um poder personificado. A principal mensagem neotestamentária relacionada ao pecado é à salvação realizada em Cristo e oferecida a todos, não somente à humanidade, mas à criação como um todo. Este ponto mostra algo importante: as faltas ou acertos, maldades ou bondades, nunca são apenas individuais, elas são sempre sociais. Como Paulo nos demonstra: “[...] assim como pela falta de um só homem resultou a condenação de todos os homens, do mesmo modo, da obra de justiça de um só, resultou para todos os homens a justificação que traz a vida” (*Rm 5, 18*).

Na teologia paulina, o pecado humano é perdoado pelo sacrifício de Cristo, dando ao ser humano uma vida nova. Os Evangelhos, especialmente em Lucas, enfatizam o batismo, isto é, o ingresso na comunidade dos que creem em Jesus que possibilita aos fiéis receber a herança filial e ser purificados dos pecados. O amor que liga Jesus ao pecador é o sinal e o que torna possível o perdão.¹⁵⁰ Na Igreja primitiva percebem-se traços da teologia do Antigo Testamento e da paulina no sentido da dimensão social do pecado: não é somente o indivíduo que peca ou

¹⁴⁶ ROSSI, T. Pecado. In: *Lexicon*, p. 579.

¹⁴⁷ AGOSTINHO (*Contra Faust.*, 1, XXII, c. 27) apud ROSSI, T. Pecado. In: *Lexicon*, p. 580.

¹⁴⁸ AGOSTINHO (*De lib. Arb.* 1, I, c. 6) apud Ibidem, p. 580.

¹⁴⁹ WILLIAMS, R. Pecado. In: *Dicionário Crítico de Teologia*, p. 1366.

¹⁵⁰ Ibidem, p. 1367.

sofre as consequências do pecado, mas toda a comunidade é manchada pela falta de um de seus membros.¹⁵¹

Os teólogos modernos, influenciados pelo existencialismo, retomam a visão paulina segundo a qual, antes da escolha pessoal de cometer o mal, existe uma atmosfera que nos aprisiona e que perverte nossas escolhas. Na teologia política e nas teologias da libertação usa-se o conceito de pecado estrutural para abordar tanto os atos individuais negativos quanto o contexto humano em que o pecado ocorre como consequência de pecados sociais como a injustiça, o desemprego, a corrupção. Nisso se percebe que o pecado humano é sentido por todas as pessoas em todos os lugares, prejudicando nosso ser integralmente, nas dimensões emocional, física, moral, social e espiritual.¹⁵²

Na cultura secular, o sentido comum da palavra “pecado” mudou, bem como as variações de seu emprego. O que não muda é sua interpelação na vida humana.¹⁵³ José-Román Flecha tem a impressão de que o ser humano atual procura ceder suas decisões últimas à “serpente”, a um mundo baseado na tecnocracia, isto é, ditado pela tecnologia, que permite ao homem abandonar sua responsabilidade pessoal sobre a sociedade às determinações mecânicas de um mundo irracional.¹⁵⁴ Então, os pecados mais corriqueiros na era digital são a alienação, a acomodação, a preguiça, a falta de esperança. O pecado conturba as relações com o próximo, com a comunidade de homens e mulheres, seja ela física ou virtual, e com Deus.

Existem várias distinções e classificações de pecado conforme a gravidade, a origem, a forma, entre outros aspectos, que foram elaboradas no decorrer dos séculos. Aqui se abordará apenas o pecado pessoal ou individual e o pecado estrutural, que alguns autores associam ao pecado social. O pecado pessoal consistiria numa disposição contínua da liberdade, exercida como rejeição da comunhão entre o ser humano e Cristo e como encerramento do indivíduo em si mesmo tendo por consequência a perda do sentido.¹⁵⁵

Quando o homem olha para dentro do próprio coração, descobre-se inclinado também para o mal [...]. Muitas vezes, recusando reconhecer Deus como seu princípio, perturbou também a devida orientação para o fim último e, ao mesmo tempo, toda a sua ordenação quer para si mesmo, quer para os demais homens e para toda a criação.¹⁵⁶

¹⁵¹ WILLIAMS, R. Pecado. In: *Dicionário Crítico de Teologia*, p. 1368.

¹⁵² *Ibidem*, p. 1370.

¹⁵³ FLECHA, J-R. Pecado Estrutural. In: VIDAL, M. (Org). *Ética Teológica*, p. 333.

¹⁵⁴ *Ibidem*, p. 336.

¹⁵⁵ *Ibidem*, p. 354.

¹⁵⁶ IGREJA CATÓLICA. *Gaudium et Spes*, n. 13.

Através do pecado, o ser humano encontra-se dividido em si mesmo. Dessa forma, toda a vida humana, seja individual ou coletiva, mostra-se como um duelo dramático entre o bem e o mal, entre a luz e as trevas. Pois o pecado diminui a pessoa humana, impedindo-a de alcançar a sua realização integral.¹⁵⁷

A incorporação do contexto como fator fundamental para a compreensão do pecado original acentua o efeito social de cada escolha humana para o desenvolvimento da história e para a cristificação do universo.¹⁵⁸ Pecado estrutural, em sentido analógico, qualifica uma situação contrária à vontade de Deus. Este conceito tem relevância antropológica por explicitar tanto a essência comunitária do ser humano quanto sua identidade pessoal.¹⁵⁹

[...] ao falar de “pecado estrutural”, queremos dizer que a maldade pessoal que o homem comete acaba também se condensando nesses fios que sustentam o fato comunitário; e não se condensa exclusivamente na história pessoal de cada um. [Todo pecador é pecador pessoal e também social]. Vale, neste sentido, a expressão agostiniana: “Todo homem é Adão”, enquanto diz que todo pecado pessoal se converte em um “pecado original originante” para o próximo.¹⁶⁰

Em comparação com a estrutura da rede, é possível intuir que esses mesmos fios que sustentam o aspecto comunitário da rede estão sendo “encorpados” por maldades e pecados pessoais, formando o pecado estrutural da rede. Assim como as gorduras nas veias vão obstruindo o fluxo no coração que mantém o corpo vivo, as ações iníquas na rede vão impedindo a rede de ser e de exercer seu dom, causando rompimentos em vários pontos.

Faus percebe uma proximidade de sentido entre o conceito de pecado estrutural e de “pecado do mundo” que abarca todo o Evangelho de João. Outras expressões correspondentes podem ser encontradas nas Assembleias do Episcopado Latino-Americano de Medellín, em 1968, e de Puebla, em 1979, tais como “estruturas injustas”, “estruturas opressoras”, “situação de pecado” ou estruturas em que o pecado imprimiu sua marca. A Igreja da América Latina afirma que tais formas de pecado impedem as pessoas de crescer no amor e na comunhão.¹⁶¹

A Exortação Apostólica *Reconciliatio et Paenitentia* de João Paulo II considera pecado social o pecado contra o amor ao próximo, contra a justiça, contra os direitos da pessoa humana, contra a liberdade do outro, contra a dignidade e a honra do próximo, contra o bem comum e contra as suas exigências, além da cumplicidade e da omissão de todos que podem fazer algo para melhorar a sociedade e não fazem, principalmente da parte dos dirigentes políticos,

¹⁵⁷ IGREJA CATÓLICA. *Gaudium et Spes*, n. 13.

¹⁵⁸ FLECHA, J-R. Pecado Estrutural. In: VIDAL, M. (Org.). *Ética Teológica*, p. 347.

¹⁵⁹ FAUS, J. I. G. Pecado Estrutural. In: VIDAL, M. (Org.). *Ética Teológica*, p. 365.

¹⁶⁰ Ibidem, p. 366.

¹⁶¹ Ibidem, p. 367.

econômicos e sociais.¹⁶² João Paulo II acreditava que tais pecados sociais são fruto do acúmulo de muitos pecados pessoais.

Trata-se dos pecados pessoalíssimos de quem gera ou favorece a iniquidade ou a desfruta; de quem, podendo fazer alguma coisa para evitar, ou eliminar, ou pelo menos limitar certos males sociais, deixa de o fazer por preguiça, por medo e temerosa conivência, por cumplicidade disfarçada ou por indiferença; de quem procura escusas na pretensa impossibilidade de mudar o mundo; e, ainda, de quem pretende esquivar-se ao cansaço e ao sacrifício, aduzindo razões especiosas de ordem superior. As verdadeiras responsabilidades, portanto, são das pessoas.¹⁶³

Esse pensamento mostra que a crueldade das estruturas se constitui como um legítimo pecado, pois sua edificação está sob a responsabilidade pessoal de cada indivíduo, criando uma verdadeira solidariedade no pecado.¹⁶⁴ O Concílio Vaticano II já refletia sobre os efeitos das más ações pessoais para o corpo social: “Na verdade, os desequilíbrios de que sofre o mundo atual estão ligados com aquele desequilíbrio fundamental que se radica no coração do homem”.¹⁶⁵ A *Gaudium et Spes* explicita bem essa via de mão dupla: a vida do indivíduo afeta toda a sociedade e a estrutura social causa efeitos sobre as escolhas pessoais.

[...] os homens são muitas vezes afastados do bem ou impelidos ao mal pelas condições em que vivem e estão mergulhados desde a infância. É certo que as perturbações tão frequentes da ordem social vêm, em grande parte, das tensões existentes no seio das formas econômicas, políticas e sociais. Mas, mais profundamente, nascem do egoísmo e do orgulho dos homens, os quais também pervertem o ambiente social. Onde a ordem das coisas se encontra viciada pelas consequências do pecado, o homem, nascido com uma inclinação para o mal, encontra novos incitamentos para o pecado, que não pode superar sem grandes esforços e ajudado pela graça.¹⁶⁶

A partir disso, pode ser entendido o pecado pessoal como a ponta do *iceberg* que fica para fora da água, enquanto o pecado estrutural, construído pela sobreposição de inúmeros pecados pessoais, está por baixo sustentando e condicionando as más ações e novos pecados individuais. Dessa forma, pecado pessoal e estrutural formam uma única e mesma realidade.

Embora João Paulo II e outros teólogos encarem pecado social e pecado estrutural como conceitos sinônimos, Marciano Vidal faz uma leve distinção entre eles. Para ele, o canal estrutural do pecado é mais profundo que a via social, pois a estrutura está na própria raiz da vida humana, constituindo-se raiz das outras formas de pecado, enquanto que o canal social se

¹⁶² JOÃO PAULO II. *Reconciliatio et Paenitentia*, n. 16.

¹⁶³ *Ibidem*.

¹⁶⁴ VIDAL, M. Pecado Estrutural. In: VIDAL, M. (Org). *Ética Teológica*, p. 377.

¹⁶⁵ IGREJA CATÓLICA. *Gaudium et Spes*, n. 10.

¹⁶⁶ *Ibidem*, n. 25c.

consolida nas mediações sociais.¹⁶⁷ Assim, a teologia atual procura explicar o dogma do pecado original dentro de uma orientação de solidariedade e, ao mesmo tempo, dá uma ênfase toda especial à categoria bíblica do pecado do mundo.¹⁶⁸

Neste estudo sobre o pecado na rede, se quer mostrar que existe tanto um pecado estrutural ou “pecado original” na internet, que seria o padrão da rede escolhido e desenvolvido com características desumanizantes, quanto pecados sociais, que consistiriam nessas dinâmicas de divulgação, interação, promoção e compartilhamento de ações ou pensamentos pecaminosos. Juntos, formam um tecido de pecado, uma ‘anti-rede’, a degeneração de seus vínculos e a desvirtuação do sentido último da rede que é a união fraterna de todo o gênero humano.

Faus conta que houve dificuldade na aceitação do conceito de pecado estrutural pelos teólogos do Primeiro Mundo, sob o argumento de que só pode ser chamado de pecado aquilo que procede da plena liberdade responsável do homem. No entanto, eles não se davam conta de que essa argumentação não admitia usar a noção de “pecado original” que eles acolhiam como válida.¹⁶⁹ Analogamente, negar o pecado estrutural é negar o pecado original.

Sendo assim, a reflexão teológica elaborou uma interpretação progressiva dos dados da Revelação sobre a essência do pecado, a relação entre pecado e pessoa e suas diferentes formas ao longo da história humana.¹⁷⁰ Neste próximo tópico pretende-se diagnosticar o pecado e suas consequências na era da cultura digital. Esse estudo harmatiológico deve ser feito para identificar os principais tipos de pecado da pós-modernidade e suas consequências no mundo, tendo sempre em vista o plano da salvação. Dessa maneira, se reconhece o ‘ciberpecado’ para conhecer e fazer transbordar a ‘cibergraça’.

2.1.2 O ciberpecado

A noção de pecado no mundo cibernético vai se desvanecendo devido a diversos fatores. Entre eles destaca-se a massificação, o relativismo, o exibicionismo, o egocentrismo, o isolamento e o anonimato. Essas e outras características da cultura digital ajudam a despertar nosso “*troll*” interior. *Troll* é um termo muito usado na linguagem dos paladinos digitais para descrever um tipo de pessoa de atitude degradante, violenta, criminosa, maldosa e no sentido religioso, pecaminosa na rede. Os *trolls*, através do anonimato, provocam, atacam e enfurecem

¹⁶⁷ VIDAL, M. Pecado Estrutural. In: VIDAL, M. (Org). *Ética Teológica*, p. 376.

¹⁶⁸ Ibidem, p. 380.

¹⁶⁹ FAUS, J. I. G. Pecado Estrutural. In: VIDAL, M. (Org). *Ética Teológica*, p. 367.

¹⁷⁰ ROSSI, T. Pecado. In: *Lexicon*, p. 580.

outras pessoas que muitas vezes nem conhecem por um prazer doentio de fazer os outros sofrerem.

De acordo com José Ramon Flecha, o pecado altera esse nó de relações que é a própria vida do ser humano.¹⁷¹ O pecado pessoal, entendido como “fechamento do homem em si mesmo com a conseqüente perda do sentido”¹⁷², pode ser interpretado como os casos de isolamento causado pelo uso desordenado das tecnologias digitais. Dessa forma, o pecado pessoal, mesmo o isolamento, não é cometido apenas contra si mesmo ou contra seu corpo. A má decisão pessoal possui efeitos sociais contrários à liberdade humana, ao fluxo da história e ao processo de cristificação do universo.

Jaron Lanier critica a forma como a internet foi se desenvolvendo nessas últimas décadas, pois percebe as conseqüências negativas da escolha de certos padrões para a compreensão do ser humano como pessoa. Por trás destes modelos existem ideologias que enaltecem o fruto do trabalho criativo humano, a tecnologia digital, não reconhecendo o ser humano como a fonte criativa dessas invenções, por exemplo, dos autômatos.

O pai da realidade virtual conta que os primeiros revolucionários e construtores digitais, incluindo ele mesmo, eram movidos por fortes ideais. “No centro de tudo havia a doce crença na natureza humana. Acreditávamos que, se déssemos autonomia às pessoas, o resultado seria mais positivo do que negativo”.¹⁷³ Lanier aponta que a crença original sobre a *web* foi substituída por um imaginário de que a rede está ganhando vida própria e se mutando em uma criatura super-humana, como um grande cérebro. Ele critica também os conceitos de ‘inteligência coletiva’, ‘noosfera’, ‘*design* inteligente’ e ‘singularidade’. “Vós sereis como deuses”: nisso é possível perceber que os primeiros “pais da cibernética” caíram na tentação da serpente, acreditando que poderiam criar algo superior ao ser humano.

O cientista diz que a produção digital chegou a tal ponto de descaso da pessoa como fonte e fim da tecnologia pelo fato de que uma subcultura de tecnólogos, os “totalitaristas cibernéticos” ou “maoístas digitais”, tornou-se mais influente do que as demais.¹⁷⁴ Lanier identifica o grave erro dessa cultura digital: “segmentar uma rede de pessoas em pedaços tão pequenos que você acaba com uma massa disforme. Então você começa a se preocupar mais com a abstração da rede do que com as pessoas reais que participam dela”.¹⁷⁵ Assim, Lanier

¹⁷¹ FLECHA, J. R. Culpabilidade e Pecado. In: VIDAL, M. (Org). *Ética teológica*, p. 344.

¹⁷² *Ibidem*, p. 354.

¹⁷³ LANIER, J. *Gadget*, p. 31.

¹⁷⁴ *Ibidem*, p. 33.

¹⁷⁵ *Ibidem*, p. 34.

mostra que a rede por si só não tem sentido, somente as pessoas tem alguma importância. Conforme Spadaro: “A rede não existe. Nós que damos vida a ela” (informação verbal).¹⁷⁶

Lanier acredita que esse movimento materialista fundamentado na ciência está ficando semelhante a uma religião. Em nossa leitura, conceitua-se esse endeusamento da máquina como “idolatria 2.0”. Ao colocar um objeto acima do ser humano decorre um efeito negativo de massificação. É um caso semelhante ao do Bezerro de Ouro narrado no Antigo Testamento. Segundo Flecha, o pecado deforma a lógica das relações do ser humano com os objetos, os seres e o mundo ao seu redor. Antes, eram as joias que estavam a serviço do ser humano, entretanto, no momento que as pessoas pecam, elas passam a servir o Bezerro fundido com seus próprios bens. Assim, “todo o pecado é sempre uma idolatria, uma substituição: as coisas de Deus no lugar do Deus das coisas”.¹⁷⁷

O cientista da computação alerta que quando se ressalta a multidão se perde a ênfase dada ao ser humano individual no desenho da sociedade, fazendo o sentido da personalidade ser reduzido a ilusões de *bit*. Isto significa que “quando você pede que as pessoas não sejam pessoas, elas voltam a se comportar mal, como uma horda. Isso leva não apenas a *trolls* com mais poder, mas a um mundo on-line em geral inamistoso e não construtivo”.¹⁷⁸ O problema dessas ideias como a noosfera ou a inteligência coletiva está na massificação, ou seja, para construir algo coletivo é necessário que as pessoas percam sua identidade e seus rostos num mar de massa disforme.

Mesmo reconhecendo o valor de iniciativas como a *Wikipedia*, tais mecanismos de criação cognitiva anônimos não geram frutos de verdadeira comunhão. Aqui está a linha tênue que separa comunismo e comunidade, coletividade e comunhão. Para Deus ser Trindade ele não precisa e nem pode deixar de ser pessoa. O Pai não deixa de ser Pai, nem o Filho deixa de ser Filho, tampouco o Espírito deixa de ser Espírito, mas só são Pai e Filho e Espírito Santo na relação que cultivam entre si. Eles não perdem a sua identidade na comunhão, ao contrário, é nessa relação amorosa que formam e manifestam as suas personalidades.

Por isso que ao invés de chamar esse movimento global de “inteligência coletiva”, Spadaro sugere a adoção da expressão “inteligência conectiva” de Derrick De Kerckhove, valorizando a abertura para a conexão em detrimento da coletividade.¹⁷⁹ Pois, as pessoas que estão se unindo não se dissolvem numa massa disforme, mas preservam sua identidade e

¹⁷⁶ Conferências e Seminários ministrados por Antonio Spadaro no 4º Encontro Nacional da PASCUM, de 24 a 27 de outubro de 2014, em Aparecida do Norte, SP.

¹⁷⁷ FLECHA, J. R. Culpabilidade e Pecado. In: VIDAL, M. (Org). *Ética teológica*, p. 345.

¹⁷⁸ LANIER, J. *Gadget*, p. 37.

¹⁷⁹ SPADARO, A. *Ciberteologia*, p. 169.

personalidade próprias e com estas contribuem para a formação da noosfera. Entretanto, a padronização de certos modelos como o da *web 2.0* tem suas consequências positivas e negativas. Na sequência, serão pontuadas más implicações do pecado estrutural cibernético.

2.1.3 Consequências do pecado na rede

Neste mar de infinitas possibilidades, o ser humano ferido pelo pecado e fragilizado pelos sofrimentos da vida pode com muita facilidade naufragar, se desviar do caminho, aportar em ilhas de conteúdo que o levem a vícios, a apegos, à perdição. Novas doenças surgiram do mau uso da internet¹⁸⁰. A comunidade médica já oficializou oito novos transtornos mentais causados pelo abuso das tecnologias digitais. O primeiro chama-se *Nomophobia*, abreviatura de “*no-mobilephobia*”, significa o aumento da ansiedade por não ter acesso a um dispositivo móvel. Quanto maior é a intensidade de uso do celular, mais chance a pessoa tem de ter uma crise de ansiedade quando acaba a bateria do aparelho. A *Nomophobia* é levada tão a sério nos Estados Unidos que recebeu um programa de tratamento no Centro de Recuperação Morningside em *Newport Beach*, Califórnia.

O nome do segundo soa como brincadeira, Síndrome do Toque Fantasma. Como o nome já sugere, é o mecanismo cerebral de ouvir o telefone tocar ou senti-lo vibrar sem que de fato isso tenha ocorrido. Parece inofensivo, entretanto, futuramente a doença pode evoluir a novas formas com o desenvolvimento da computação vestível, como o caso do *Google Glass*, óculos com tecnologia digital já em testes. A Ciberdoença pode causar desorientação, náusea, tontura ou vertigem no período em que alguns usuários fazem contato com certos ambientes digitais. Acontece devido a algumas interfaces digitais darem ao nosso cérebro uma falsa ideia de estarmos em movimento. Uma das versões mais atuais do *iOS* da *Apple* obteve muitas reclamações por causa destes efeitos colaterais durante o uso.

O quarto distúrbio, Depressão de *Facebook*, é o transtorno depressivo ocasionado pelas interações sociais ou pela falta destas, nas redes sociais, em especial, no *Facebook*. Um estudo da Universidade de Michigan aponta que os casos de depressão entre os jovens estão diretamente ligados ao tempo que estes permanecem conectados no *Facebook*. Uma das razões levantadas para isso é que quase todos os nativos digitais costumam postar em seus perfis somente o lado bom de suas vidas, fotos bonitas em belos lugares, dando a impressão que todos

¹⁸⁰ DASHEVSKY, E. *Eight new mental illnesses brought to you by the Internet*, 2013.

são bem-sucedidos e seu cotidiano perfeito e empolgante. Então, o jovem olha para sua própria realidade e se sente inferior ou infeliz.

O Transtorno de Dependência da Internet é a vontade constante de acessar a rede, gerando seu uso excessivo que acaba por interferir negativamente no dia-a-dia do internauta. Não é um distúrbio em si mesmo, mas um sintoma para problemas mais graves como TOC (Transtorno Obsessivo Compulsivo), DDA (Distúrbio de Déficit de Atenção) e ansiedade social. As formas de vício cibernético também estão associadas à baixa autoestima, à baixa autossuficiência e a habilidades ruins.

Um dos problemas que mais ocorrem atualmente é o vício de jogos on-line. De acordo com uma pesquisa feita em 2010 na Coreia do Sul, 18% dos coreanos com idades entre 09 e 39 anos são dependentes de jogos on-line. Para amenizar a situação, o País chegou a promulgar a “Lei Cinderela”, que impede o acesso a jogos on-line entre 24 e 06 horas para usuários com menos de 16 anos em todo o território. Apesar de não haver estatísticas precisas sobre o índice de dependência, está crescendo o número de iniciativas de ajuda para pessoas com este transtorno nos Estados Unidos, como o Centro para Viciados em Jogos Online e o grupo virtual dos Jogadores On-line Anônimos que, inclusive, formulou seu próprio programa de recuperação com 12 passos.

O doutor e pesquisador da Universidade da Califórnia, L. D. Rosen, explica que o cérebro humano aprende que certas atividades liberam serotonina e dopamina que produzem um efeito de bem estar. Assim, a necessidade de receber essas substâncias neurotransmissoras faz com que a pessoa viciada repita várias vezes a atividade a fim de sentir-se bem.

Outro distúrbio é a Cibercondria ou Hipocondria Digital, cujo efeito consiste em a pessoa acreditar que tem doenças sobre as quais leu na *web*. E por fim, o Efeito Google, muito comum hoje, seria a tendência cerebral de reter menos informações porque o cérebro humano sabe que as respostas estão ao alcance da mão no ciberespaço. Atualmente, qualquer pessoa acessa em segundos boa parte da informação que a humanidade acumulou no decorrer de toda a sua história. Essa grande vantagem que a internet nos proporcionou resultou na alteração do funcionamento do cérebro humano. De acordo com Dr. Rosen, o Efeito Google não é algo exclusivamente negativo. Isto poderia ser compreendido como o marco de uma mudança social, com traços que poderiam ser considerados tanto uma evolução da humanidade quanto um retrocesso da capacidade cerebral humana.

O que acontece na internet é uma prova autêntica de que o pecado sempre é um ato coletivo, no sentido de que fere a natureza humana inteiramente e afeta cada ser humano direta ou indiretamente. Toma-se como exemplo a rede social *Facebook*. O perfil de cada pessoa está

vinculado a centenas de “amigos” dos mais variados interesses, temperamentos e estilos de vida, pessoas que se conheceu em diferentes círculos sociais e épocas da vida. Por mais que os programadores do *Facebook* tenham um mecanismo de seleção das postagens dos contatos com os quais mais se têm interação, podem surgir no *feed* de notícias postagens com conteúdo agressivo, ofensivo e até preconceituosos a determinados grupos sociais, materiais pornográficos ou mesmo piadas que denigrem a dignidade do homem e da mulher. O indivíduo que publicou tais conteúdos, compartilhou na verdade o seu próprio pecado com centenas e, dependendo da sua popularidade, milhares de pessoas. O problema aqui é que o pecado de um só ser humano pode ter levado vários outros a pecar, reforçando más tendências, vícios e preconceitos.

Outro fenômeno contemporâneo é o *cyberbulling*, forma de violência física e (ou) psicológica exercida por alguém ou por um grupo que se acha no direito de constranger, agredir ou assediar outra pessoa ou grupo fragilizado e vulnerável.¹⁸¹ Inicia no espaço digital podendo se estender a outros âmbitos, como a escola ou a faculdade. A agressão envolve o uso de tecnologias da informação para veicular conteúdos textuais e audiovisuais que causem constrangimento público, danos morais à imagem e à identidade da vítima.

Em comparação ao *bulling*, o efeito do *cyberbulling* é mais destrutivo, pois expande exponencialmente o alcance e a rapidez da divulgação da mensagem, além do agressor estar protegido pelo anonimato, o que torna o impacto muito maior e o delito mais frequente. Atitudes como o *cyberbulling* e o *trolling* demonstram que a humanidade decaiu na tolerância e solidariedade com o próximo e no cultivo das virtudes e valores humanos.

Verdadeiras tragédias estão virando notícia cotidiana, como o caso da jovem gaúcha de 16 anos que cometeu suicídio depois de ver suas fotos íntimas vazadas na *web*, veiculadas provavelmente por seu ex-namorado¹⁸². Na mesma reportagem, há outra ocorrência de uma adolescente da mesma idade que também se matou após saber que um vídeo mostrando um ato sexual do qual participara fora divulgado pelo aplicativo *What's App*.

Em 2006, se teve pela primeira vez no Brasil a notícia de um suicídio não somente assistido ao vivo pela rede, como também estimulado e orientado por membros de um fórum de discussão¹⁸³. O garoto também de 16 anos anunciou dia, hora e local de sua morte em seu blog. Ao pedir sugestões do melhor momento para executar o plano e da maneira mais

¹⁸¹ REVISTA PUCRS. *Cyberbulling*, p. 30-31.

¹⁸² ILHA, F. *Jovem comete suicídio depois de ter fotos íntimas vazadas na internet*. Site Globo.com, 20 de nov. de 2013.

¹⁸³ ETCHICHURY, C. *Adolescente gaúcho tem morte assistida na internet*. Site Safernet, 10 de ago. de 2006.

confortável possível, ele recebe respostas frias de internautas. Uma jovem canadense que conheceu o adolescente em um fórum de música, pois ele era compositor, ao ver a postagem no blog, avisou a polícia do seu país sobre a possível tentativa. Troca de informações entre as polícias canadense e brasileira foram feitas. Tarde demais, quando a Brigada Militar de Porto Alegre chegou à residência, encontrou o rapaz já sem vida.

As tragédias pessoais são pequenos sinais de fumaça de incêndios com proporção ainda maiores. Não só as patologias migraram para o ambiente digital, as guerras e conflitos político-econômicos também. É o que chamamos de *ciberwar* ou guerra cibernética. Vulnerabilidade, violação de privacidade, a rede está se transformando numa espécie de tecido de pecado. Como Paulo fala da carne de pecado (*Gl 5,16-24*), está ocorrendo uma ‘corporificação’ do pecado: por Adão, o pecado entrou no mundo, por Jesus Cristo, a salvação. Sob a hipótese de uma virtualização tanto da graça quanto do pecado, no sentido de acompanhar a vida humana onde quer que ela esteja e se manifeste, poder-se-ia dizer que assim como o Verbo se fez *bit*, o pecado também está presente na rede.

2.1.4 Ciberguerra

Não é nenhuma novidade que a computação foi concebida com fins bélicos. A internet foi inventada no período da Guerra Fria como meio de proteção a um ataque nuclear. O primeiro *cracker* ou decodificador, ou seja, a pessoa que utiliza a informática para derrubar sistemas de segurança de um inimigo, foi Alan Turing. O Prêmio Nobel da ciência da computação leva seu nome, pois ele foi capaz de decifrar o código secreto nazista chamado Enigma.¹⁸⁴ Assim, quebrou-se a defesa nazista, o que levou ao fim da guerra, por isso é considerado um dos grandes heróis da Segunda Guerra Mundial. Isso nos mostra que a guerra cibernética não é um fenômeno novo, desde a origem da informática houve esse tipo de utilização. Poder-se-ia dizer que existe na cibernética uma raiz de pecado por ter sido criada em função da guerra.

A primeira denominação para o uso dos meios de comunicação na condução de conflitos, *infowar*, provém do início dos anos 70. Na década de 80, o conceito *infowar* ganha a conotação de estratégias militares baseadas na computação. A guerra da informação tem como objetivos fundamentais atacar os sistemas informacionais do adversário e proteger seus próprios sistemas de comando.¹⁸⁵ A partir do conceito *infowar* surgiu o termo *cyberwar*, ainda mais ligado à dimensão militar, pois é visto como o novo paradigma do confronto militar. A guerra

¹⁸⁴ LANIER, J. *Gadget*, p. 50.

¹⁸⁵ FRÜHBAUER, J. J. *Cyberwars*, p. 53.

cibernética vai além do emprego estratégico das tecnologias da informação e comunicação no campo de batalha. Nela, não apenas o sistema de comando e controle está interconectado na rede, mas todos os combatentes e níveis de ação.¹⁸⁶

Existem três definições de *cyberwar*. A primeira vê a *cyberwar* como um complemento às atividades militares tradicionais, cujo objetivo é obter o domínio informacional sobre o conflito. A segunda restringe-se à estrutura informacional: as TIC's como meio, objetivo e armas de ataque. Visa sabotar às TIC's dos inimigos e deteriorar seus dados. Já a terceira *cyberwar* é irrestrita, atingindo tanto o campo civil quanto o militar. Sendo assim, *cyberwar* são ações e ataques que se realizam antes e durante o conflito.¹⁸⁷

Por sua vez, *netwar* relaciona-se com o autoconhecimento e a auto-imagem dos oponentes. Tem como objetivo influenciar, desestruturar e destruir a moral dos adversários através de propagandas, infiltração em suas redes e bancos de dados, pelo apoio à oposição política e aos movimentos sociais atuantes na internet. A *netwar* vai de encontro com os movimentos sociais da rede vistos no primeiro capítulo, sendo articulada especialmente por civis de todo o mundo que se sensibilizem com algum ato de injustiça ou crueldade.

No entanto, essas três definições distintas costumam se condensar apenas no termo *cyberwar*. Assim, essa expressão é usada comumente para designar qualquer tipo de ataque, retaliação ou invasão do sistema de um computador ou de uma rede. No campo legal, uma ciberguerra autêntica precisaria ser enquadrada no âmbito do Direito dos Conflitos Armados ou Direito Internacional Humanitário. A *cyberwar* pode ocorrer concomitante a uma guerra física, ou de forma totalmente autônoma. O diferencial destes ciberconflitos é o protagonismo de atores não estatais.¹⁸⁸

Apesar de ter ocorrido ataques anteriores, acredita-se que o estopim da ciberguerra tenha sido a disseminação do vírus *Stuxnet* com o objetivo de desacelerar o mecanismo de enriquecimento de urânio do Irã em 2010, adiando a produção da bomba atômica iraniana. Outro exemplo próximo da realidade brasileira, foi a denúncia de espionagem do Brasil por parte dos americanos delatada por Edward Snowden, em janeiro de 2013.

Toda essa hostilidade no ciberespaço leva ao questionamento: É possível *cyberpeace*? É possível vivermos dentro e fora da rede um espírito de fraternidade e solidariedade? Para que se restitua a paz no ciberespaço é necessário haver reconciliação, por isso, uma pergunta fundamental antecede as outras: Existe perdão na internet? Essa é a reflexão a seguir.

¹⁸⁶ FRÜHBAUER, J. J. *Cyberwars*, p. 54-55.

¹⁸⁷ *Ibidem*, p. 55-56.

¹⁸⁸ WIKIPEDIA. *Ciberguerra*.

2.1.5 Existe reconciliação na *web*?

Uma questão importante a ser meditada é como a cultura digital afeta o perdão, a reconciliação das pessoas com Deus, entre si e consigo mesmas. Aparecem seguidamente notícias de diversos casos de separação em namoros que acabam em tragédia, pois um dos parceiros resolve se vingar postando imagens constrangedoras do outro nas redes sociais.

Antonio Spadaro, em seu *e-book Cybergrace*, aborda rapidamente a relação entre memória e perdão, como esses aplicativos digitais afetam a vida do indivíduo e sua memória para si mesmo e para os outros.¹⁸⁹ A linha do tempo das redes sociais, com suas fotos marcadas, suas postagens expressando sentimentos, informações pessoais, pensamentos e geolocalizações, reproduzem e contextualizam momentos passados e presentes da sua vida. O *Facebook*, o *Twitter*, o *Pins*, a *Amazon*, a Estante Virtual e tantas outras empresas conhecem dos internautas os gostos e interesses sobre assuntos, músicas e livros melhor até que seus amigos. Os vídeos que os internautas disponibilizam e que os outros divulgam a seu respeito no *Youtube* e no *Vimeo*, vão construindo um filme de sua história de vida.

Essa retrospectiva de palavras, imagens e sons feita por aplicativos como *Momento*, *Museum of me* e *Rapportive* serve como um depósito, um arquivo, um museu digital da própria existência. Assim, a vida se torna uma exposição artística, um show a ser apreciado ou criticado. No ambiente digital a memória pessoal está “salva”, a existência está “salva” do esquecimento. A palavra grega *areté*, traduzida pelos termos ‘virtude’ e ‘salvação’, significa “que os feitos sejam eternamente lembrados”. Diante desse sentido nos questionamos: o que a “salvação” digital implica na salvação cristã?

Uma das implicações é a impossibilidade do esquecimento, assim, nossas ações e escolhas se tornam praticamente incanceláveis. Isso dificulta significativamente a uma pessoa que cometeu erros dar a volta por cima e recomeçar. Na dimensão do perdão, o esquecimento é fundamental para trilhar o caminho de uma vida nova em Cristo. A dinâmica da *web* não dá crédito ao arrependimento humano, pois eterniza memórias que não deveriam ser recordadas.

Spadaro cita o exemplo hipotético de um ator pornográfico, se ele decide mudar radicalmente sua vida, no ambiente digital ele continuará sendo recordado por tudo aquilo que já fez. Então, na internet não há possibilidade do perdão. No entanto, este ponto, embora negativo, auxilia na compreensão do que de fato é o perdão.

¹⁸⁹ SPADARO, A. *Cybergrace*, pos. 182 de 361, 50%.

Sobretudo, hoje mais do que nunca, se compreende melhor como o perdão não coincide na verdade, (não pode mais agora de fato coincidir), com o esquecimento, e que o perdão autêntico é uma intervenção que transcende a minha história e que escapa ao sistema das minhas possibilidades, sendo fundado sobre a alteridade de Deus. No mundo em que “o meu pecado está sempre a minha frente” (Sl 50,5) e tudo é digitalmente salvo, como resultará pensar a salvação religiosa?¹⁹⁰

Portanto, perdoar não é esquecer. Na era digital, onde é difícil esquecer, é necessário encontrar modos de superar os rastros digitais que sempre acompanharão os internautas. Uma das formas é lutar para que o modelo de internet que se tem hoje mude no futuro. Como Jaron Lanier expressa, não são os seres humanos que devem se reduzir para se adaptar à tecnologia, mas o mecanismo digital deve acompanhar a dinâmica e as necessidades da pessoa humana.

Concluindo

Mercado negro, tráfico de drogas, de armas, de órgãos, de seres humanos: a internet veio também facilitar a comunicação e articulação mundial do crime organizado e de outros males que o ser humano cego pelo pecado é capaz de causar ao seu semelhante. Diante de tantas atrocidades, o pensamento de que a rede é boa e faz parte da criação e do plano salvífico de Deus parece uma ingenuidade utópica. Como podemos pensar em comunhão nos tempos da rede e a internet como dom de Deus?

Apesar de o homem ser pessoa, isto é, chamado a ser e a viver a comunhão de amor trinitária, o ser humano pode negar a sua essência e semelhança com Deus, rejeitar quem ele de fato é. Eis o drama trinitário: o pecado é a rejeição dessa comunhão. Assim, o ser humano, por livre escolha, torna-se indivíduo egoísta, fechado em si mesmo, vivendo um estado de inferno exterior e interior, causando o mal a si mesmo e àqueles que estão ao seu redor ou conectados com ele. Spadaro pondera que a internet pode explicitar a humanidade ferida e as feridas da humanidade:

Se a rede expressa a vida, ela exprimirá a vida como ela é. Se uma pessoa não é integrada, tem problemas, doenças, isso será manifestado na rede. A rede mostra também todos os limites da humanidade. Ao permitir uma grande facilidade de comunicação e velocidade, ela coloca os vícios ainda mais em evidência e também o bem é destacado. Enquanto a rede espelha a vida, ela também expressa os limites. E ali temos que ter uma grande maturidade espiritual para confrontar-se com a humanidade. Cada um de nós é chamado a ser um bom samaritano em contraponto a tudo o que vemos de ruim e de maldade na rede (informação verbal).¹⁹¹

¹⁹⁰ SPADARO, A. *Cybergrace*, pos. 202 de 361, 57%.

¹⁹¹ Formação dada por Antonio Spadaro aos consagrados, colaboradores e estudantes da Canção Nova ocorrida, de 28 e 29 de julho de 2014, em Cachoeira Paulista, SP.

Com isso Spadaro quer dizer que problemas como o *cyberbullying* e o autismo não são frutos específicos da rede, mas de uma falta de equilíbrio de vida, de uma má formação. Ele ainda admite que a culpa por esses males é das gerações anteriores, principalmente de sua geração. Pois a identidade de uma geração é constituída por aquilo que as anteriores a transmitiram ou o que deixaram de passar. Por isso, o Papa Francisco enfoca o contrato social na *Evangelii Gaudium*, dando atenção especial aos idosos e aos jovens, as extremidades mais frágeis deste pacto.¹⁹² As gerações anteriores à Y julgam ser falsa a amizade virtual, o que conta para eles é a amizade face a face. A consequência disso é a criação de uma geração esquizofrênica. Pois, se um jovem que vive na internet pensa que tudo o que faz é falso, então ele pode fazer o que quiser. Para Spadaro, o caminho para encontrar o equilíbrio é reconhecer que a vida é uma só, física ou digital, ambas são verdadeiras.¹⁹³

Mesmo assim, percebe-se que está se tecendo na rede uma estrutura pecaminosa que se enquadra no conceito de pecado estrutural: “o pecado do homem tem efetivamente enormes possibilidades de estruturar-se como forma de convivência. [...] o pecado se esconde de muitas máscaras e influi nos homens na hora das decisões morais pessoais”.¹⁹⁴ Por serem os seres humanos que fazem a rede acontecer, não se isentam dessa responsabilidade, pois são seus pecados pessoais que estão construindo esta arquitetura do mal. Ao contrário, sua responsabilidade aumenta cada vez mais. Como Jaron Lanier disse, escolheu-se um modelo de internet, mas existem outros. É possível evoluir para um padrão cibernético mais voltado à valorização do humano, que se adapte à vida humana e que não a obrigue a reduzir suas possibilidades de expressão aos moldes delimitados pela tecnologia.

Fazendo analogia à Noosfera de Teilhard de Chardin, Faus acredita que o ser humano vive em meio a uma “hamartiosfera” também.¹⁹⁵ Pensando dessa forma, se poderia dizer que assim como existe a esfera do pecado, há a esfera do Espírito muito mais evidenciada, pois desde o princípio da criação, “um sopro de Deus agitava a superfície das águas” (*Gn 1,2*).

Portanto, deve-se aprender com o apóstolo Paulo que: “onde abunda o (ciber)pecado, superabunda a (ciber)graça”. Se o homem, mera criatura, consegue transformar um dom como a internet em instrumento disseminador do mal, o que não fará Deus, que consegue tirar de todo o mal um bem ainda maior? É preciso atravessar o “vale escuro” da humanidade pecadora para se enxergar e corrigir os erros cometidos, a fim de se construir um futuro de esperança para a

¹⁹² FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*, n. 64.

¹⁹³ Formação dada por Antonio Spadaro aos consagrados, colaboradores e estudantes da Canção Nova ocorrida, de 28 e 29 de julho de 2014, em Cachoeira Paulista, SP.

¹⁹⁴ FAUS, J. I. G. Pecado Estrutural. In: VIDAL, M. (Org). *Ética Teológica*, p. 370.

¹⁹⁵ *Ibidem*, p. 369.

vida humana e reencontrar-se com o Deus uno e trino na era digital. Justamente a cibergraça, a graça que emerge da rede, será o tema do próximo tópico.

2.2 Onde abunda o *ciberpecado*, superabunda a *cibergraça*

A rede é um lugar densamente espiritual. O fato de que sejam possíveis tantos males através da rede nos faz compreender essa potência do espírito, pois se é admissível tanto mal, é possível também o bem. A rede, lugar privilegiado do “livre arbítrio” humano, precisa passar da arbitrariedade à responsabilidade. O desejo humano de relação esconde o profundo anseio e chamado humano à comunhão. Isso não depende do esforço humano, mas da graça porque é dom de Deus. A comunhão é amor-doação de um ser a outro ou a outros, formando uma unidade que não os anula, ao contrário, os plenifica e os torna sujeitos responsáveis por essa comunidade.

Dessa forma, passa-se para a segunda parte desse capítulo que aborda a dinâmica da graça no contexto contemporâneo e cibernético. Começa-se com uma reflexão que tem por objetivo pensar a rede à luz da palavra de Deus, buscando parâmetros e metáforas na Bíblia. Depois será recuperado o conceito de graça para fundamentar a cibergraça que se deterá na dinâmica e manifestação do Espírito na vivência digital.

2.2.1 A internet na Bíblia: o poço de Jacó e o ciberespaço

Quando se pensa nas novas realidades e possibilidades que as tecnologias digitais proporcionaram, a primeira impressão é que elas são criações totalmente humanas e que não tem ligação alguma com a tradição bíblica. Entretanto, a fé cristã diz que a Palavra de Deus é sempre nova, que o Pai é o criador de todo o universo e o Filho faz nova todas as coisas. De fato, não há parâmetros diretos para a invenção da internet nas Sagradas Escrituras, nem para esse novo espaço de relações interpessoais desterritorializado que chamamos de ciberespaço. No entanto, o novo precisa ser discernido teologicamente e os textos sagrados são as fontes principais de onde brota a teologia. Utilizando a mesma linguagem analógica do Nazareno, o presente estudo visa perceber o ciberespaço no plano de Deus para a criação, à luz do Evangelho de João, especificamente no capítulo quatro.

“Com que podemos comparar o Reino dos Céus?”, assim começa Jesus nas suas parábolas sobre a novidade do Reino que Ele estava tentando explicar aos seus discípulos. Da

mesma forma pode-se perguntar: “A que podemos comparar o ciberespaço?”. Como o poço de Jacó, um detalhe aparentemente sem importância no relato do diálogo entre Jesus e a samaritana, pode nos revelar aspectos significativos sobre o papel do ciberespaço no advento do Reino de Deus? Por isso, se fará o exame do texto bíblico na perspectiva do ciberespaço como uma nova ambiência de convivência e de comunhão entre as pessoas.

João Paulo II na encíclica *Redemptoris Missio* chamou a internet de “novo areópago dos tempos modernos”, isto é, um lugar público onde se deve anunciar o Evangelho. Compara-se agora o ciberespaço com o poço de Jacó com a intenção de denotá-lo como um ambiente de encontro, de convivência e de união. O poço na época bíblica era um lugar neutro, em que pessoas de classes, povos e religiões distintas podiam se encontrar e um dos únicos espaços públicos onde homens e mulheres podiam dialogar com certa liberdade. O encontro junto ao poço, nas estruturas literárias bíblicas, geralmente faz alusão a um futuro matrimônio (*Gn 24,13-14*).¹⁹⁶

Apesar de seguir os moldes literários dos relatos de casamento, o colóquio de Cristo com a Samaritana tem um significado mais profundo. Há dúvidas entre os exegetas se este foi um evento histórico ou se foi um episódio simbólico para transmitir ensinamentos.¹⁹⁷ Entretanto, o importante neste texto é aquilo que São João quis expressar. O encontro de Jesus com a samaritana (*Jo 4*) simboliza a conversão de Samaria que restaurará o vínculo matrimonial que a unia a Deus. Conforme a Bíblia de Jerusalém, nesse relato, Deus é visto como o esposo de seu povo e Jesus desempenha a função do servo. Este fragmento representa o encontro entre Deus e a humanidade, através de Cristo. À luz de *João 4*, concebe-se o ciberespaço como uma nova ambiência de encontro. Assim, o diálogo entre Jesus e a samaritana revela a presença de diversas pessoas, inclusive as pessoas divinas.

O Nazareno já no princípio do diálogo rompe com protocolos e tabus da sociedade judaica: “Como, sendo judeu, tu me pedes de beber, a mim, que sou samaritana?” (*Jo 4, 9*). Jesus sendo Deus posiciona-se como o menor, como o servo dos servos, ou pelo menos, em situação de igualdade com a mulher samaritana. A lógica relacional da rede está em harmonia com as atitudes de Jesus. A internet segue o modelo “*peer to peer*”, em que todas as pessoas que fazem parte da rede são “iguais”, tem as mesmas possibilidades de se interligarem, de se inter-relacionarem, de “darem de beber” àqueles que quiserem, sem levar em consideração as esferas sociais e culturais das quais se originam.¹⁹⁸

¹⁹⁶ SILVA, A. A. *Cibergraça*, p. 496.

¹⁹⁷ SILVA, C. M. D. *Leia a Bíblia como literatura*, p. 45.

¹⁹⁸ SILVA, A. A. *Cibergraça*, p. 497.

O encontro com a samaritana é um dos únicos momentos do Evangelho em que Jesus se auto-comunica como o Cristo, refere-se ao Pai e ao Espírito Santo, e para a surpresa dos discípulos, escolhe uma mulher considerada impura para ser sua testemunha. Essa mulher também é uma figura da Samaria que foi infiel a Deus, pois os cinco maridos que a mulher teve representam os cinco ídolos de outros povos que os samaritanos idolatravam. Jesus afronta os preconceitos de sua época. Esse confronto é indispensável para apreendermos a presença de Deus nas realidades contemporâneas.

Apesar de tantos documentos e mensagens da Igreja abordando positivamente o fenômeno do ciberespaço, ainda é costume escutar diversas críticas sobre a internet dentro das igrejas no sentido de como ela pode influenciar mal, contaminar os pensamentos e levar os indivíduos a pecar. Entretanto, Jesus bebe da água de uma pessoa tachada como impura e oferece a sua água viva. A internet de fato possui ilimitadas possibilidades para pecar e mesmo cometer crimes. No entanto, “onde abunda o *ciberpecado*, superabunda a *cibergraça*”. O bem e o mal estão no coração humano. O ciberespaço é uma ambiência na qual a própria pessoa decide o que acessar e com quem conviver.¹⁹⁹

É plausível se pensar que a samaritana pode ter ido inúmeras vezes ao poço encontrar-se com outros homens sob o pretexto de buscar água, já que teve cinco maridos e o que tinha no momento não era seu. Ou mesmo, o fato de ela ter ido ao meio dia, com o sol a pino, um horário incomum para se tirar água, demonstra que ela não desejava cruzar com ninguém pelo caminho, que era excluída e estigmatizada pela sociedade. Contudo, o encontro inesperado com Jesus mudou a sua vida para sempre. Da mesma maneira, o ciberespaço é um lugar onde se reproduzem as atitudes da vida física, seja a tendência ao pecado ou ao isolamento, mas nele também é possível ser surpreendido com um encontro pessoal com Deus.

[...] anseio da mulher, a qual se declara disposta a abandonar para sempre o poço da Lei e da tradição, que sua história representa, mas que não conseguiu acalmar os seus desejos. Sua reação é oposta à de Nicodemos. Rompendo com o seu passado, ela quer nascer de novo. Crê que isso é possível e o espera de Jesus, o qual começou pedindo água e termina prometendo-a; também na cruz, primeiro manifestará sua sede (19, 28) e em seguida dará a água que brota de seu corpo (19, 34). Romperam-se as barreiras; a mulher samaritana lhe pede a ela, o judeu. No começo Jesus expusera sua necessidade física, [...] e agora se oferece para apagar a sede da vida plena, o anseio mais profundo do homem. Jesus não se detém no cultural nem no religioso; vai à raiz, ao homem como criatura de Deus Criador e Pai.²⁰⁰

¹⁹⁹ SILVA, A. A. *Cibergraça*, p. 497.

²⁰⁰ MATEOS, J. *O evangelho de São João*, p. 213.

Segundo os autores Mateos e Barreto, a água é o Espírito que substitui a Lei assim como o manancial de Jesus substitui o poço de Jacó, figura da Lei. “É [...] fato personalizante, por transformar-se em manancial interior que fecunda o seu ser (4,14): rega “a terra” de cada um, desenvolvendo nele suas próprias capacidades”.²⁰¹ Se o poço de Jacó pode ser entendido como figura da Lei, o ciberespaço poderia ser apreendido como figura do Espírito. A água do poço é uma água parada, a água da rede é um fluxo vivo, constante e dinâmico de informações, de relações, de vida, de uma pessoa a outra. Numa interpretação profética de um vir a ser, é possível pensar na rede cibernética não como pontos interligados, mas como o fluxo de um manancial vivo que jorra de uns para os outros como esperança de vida eterna, de comunhão e de participação da vida trinitária.

“Senhor, nem sequer tens vasilha e o poço é profundo; de onde, pois, tiras essa água viva?” (*Jo 4, 11*). A água viva está dentro do próprio homem. “[...] quem beber da água que lhe darei jamais terá sede. Pois a água que eu lhe der tornar-se-á nele fonte de água jorrando para a vida eterna” (*Jo 4, 14*). A água viva pode ser entendida como a vivência dos ensinamentos de Cristo pela ação do Espírito Santo. Dessa forma, faz-se necessário renascer hoje “da água e do Espírito” (*Jo 3,5*).

Esses dois simbolismos, parecem convergir aqui, como em outros textos de João e da catequese batismal dos primeiros cristãos. Ora, a sabedoria deixa a gente com sede (*Sir. 24, 21*), mas Jesus não: ‘A água que eu darei se tornará nele uma fonte de água jorrando para a vida eterna’ (cf. *6, 35*). Jesus é mais que Jacó, mais que a Sabedoria dos livros bíblicos. A comunhão com Jesus, simbolizada pela água do batismo, é uma fonte de vida que não estanca e que nos comunica o Espírito (cf. *Jo 7, 37-39*).²⁰²

O verdadeiro apostolado é estar em comunhão com Deus e, assim, levar os outros a essa comunhão. Depois que Cristo entrou na vida da samaritana, Ele realmente entrou e transformou seu coração. A mudança era notável e, conforme a Palavra, muitos samaritanos acreditaram por que viram que algo aconteceu no interior daquela mulher, algo resplandecia nela. Verdadeiramente, o Senhor fez “transbordar a sua taça” (*Sl 22, 5*) e do seu interior emanaram “rios de água viva” (*Jo 7, 38*). A samaritana por seu brilho convenceu muitos a ir ter com Jesus e já não acreditaram mais pelo testemunho dela, mas porque eles mesmos tiveram uma experiência de Deus.

A samaritana ensina como ser e como viver no ciberespaço. Bento XVI, em todas as suas mensagens para o dia mundial das comunicações sociais nos exortou à autenticidade e ao

²⁰¹ MATEOS, J. *Vocabulário Teológico do Evangelho de São João*, p. 20-21.

²⁰² KONINGS, J. *Evangelho segundo João*, p. 142.

testemunho em nossas redes sociais. “[...] as pessoas que nelas participam devem esforçar-se por serem autênticas, porque nestes espaços não se partilham apenas ideias e informações, mas em última instância a pessoa comunica-se a si mesma”²⁰³. Quando alguém pode afirmar “Cristo vive em mim” (*Gl 2,20*), o seu ser comunica o próprio Deus, então, o “Verbo se faz *bit*”. Nesse sentido, o seu “próximo”, que faz parte da sua rede, pode através da sua vida conhecer e ter uma experiência de Deus.

O Espírito Santo pode fluir pelo ciberespaço. Basta olhar a história da salvação para constatar que Deus além de Criador também é criativo e se manifesta da forma que bem entende. “Para Deus, com efeito, nada é impossível” (*Lc 1,37*). A *kénosis* de Deus é tal que o Filho Unigênito de Deus passa a residir na natureza humana inteiramente. Jesus Cristo continua sendo verdadeiro Deus e verdadeiro homem em nosso tempo. Portanto, Ele participa da cultura e da vida de hoje e se encontra onde a humanidade está.²⁰⁴ Assim, admite-se reconfigurar a Palavra de Deus traduzindo-a para a realidade digital, parafraseando *Jo 1,14*: “E o Verbo se fez ‘*bit*’ e habitou entre nós e nós vimos a sua glória”.

É preciso que o Verbo se faça *bit*, ou seja, torne-se presente em toda a realidade humana física e digital, como assinala Bento XVI: “No mundo da internet, que permite que bilhões de imagens apareçam em milhões de monitores, deverá sobressair o rosto de Cristo e ouvir-se a sua voz, porque, se não há espaço para Cristo, não há espaço para o homem”²⁰⁵. Ver a glória de Deus é estar na sua presença e participar de sua vida, como Pedro, Tiago e João o fizeram no Monte Tabor. É possível identificar qualidades da rede que potencializam uma vivência de comunhão e fraternidade entre todos os povos.²⁰⁶

Por ser desterritorializado, o ciberespaço é uma ótima representação para compreender hoje o que Jesus anunciou à samaritana: “[...] nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai. [...] Mas vem a hora, e é agora, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em Espírito e verdade” (*Jo 4,21-23*). Assim como o Poço de Jacó era figura da Lei, nas parábolas hipermodernas, o ciberespaço é imagem do *novissimus* de Deus, daquilo que pode se tornar uma rede de comunhão eucarística.

O Reino de Deus é constituído por pessoas em comunhão, a rede por pessoas em conexão. Essa nova ambiência de comunicação e de relação é fruto do Espírito Criador. Ela

²⁰³ BENTO XVI. *Redes sociais: portais de verdade e de fé; novos espaços de evangelização*. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20130124_47th-world-communications-day_po.html>. Acesso em: 24 de nov. de 2013.

²⁰⁴ SILVA, A. A. *Cibergraça*, p. 498.

²⁰⁵ BENTO XVI. *Verbum Domini*, n. 113.

²⁰⁶ SILVA, A. A. *Cibergraça*, p. 498.

está no querer de Deus e tem o potencial de auxiliar a construção deste Reino de paz, de igualdade, de justiça e de comunhão. Transformar a conexão em verdadeira comunhão não é possível pela própria força, pois a comunhão é dom de Deus. Viver na graça do Senhor, este é o desafio dos cristãos que vivem nos tempos da rede para que o ciberespaço não seja mera imagem figurativa das correntezas do Espírito pelo mundo, mas que de fato concretize sua missão de ser rede de água viva que auxilia o cosmos a chegar à sua plenitude. Por essa razão, é preciso rever o significado da graça ao longo da tradição cristã a fim de chegar à concepção atual da ação de Deus na vida em rede, a cibergraça.

2.2.2 Conceito de graça

Graça é o modo como Deus age em toda a criação, possibilitando ao ser humano participar da essência divina. É através da graça que a pessoa humana pode entrar em comunhão com Deus; por isso, a graça plasma toda a natureza humana.²⁰⁷ A graça possui três dimensões que demonstram sua ligação profunda com a Trindade. A dimensão teológica mostra a unidade entre a criação e a salvação no plano de Deus para a humanidade. A dimensão cristológica remete ao acontecimento do Verbo encarnado, que assume a história humana, e a resposta do homem de estar inteiramente em Deus através de Jesus, o ser em Cristo que o apóstolo Paulo testemunhava: “Pois para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro” (*Fl 1, 21*). A dimensão pneumatológica trata da inabituação trinitária, da comunhão entre os membros da Assembleia e Deus, a graça como obra do Espírito.²⁰⁸

Encontra-se o tema da graça no Antigo Testamento ligado ao tema de Deus. Vê-se a imagem de um Deus criador que se rebaixa à sua criatura com olhar misericordioso e se aproxima ternamente dela para salvá-la.²⁰⁹ O Antigo Testamento relaciona a graça com a Aliança entre Deus e seu povo, manifesta ao longo da história de Israel.²¹⁰ Assim a graça se une à salvação e à libertação da humanidade. Portanto, a abordagem da graça no Antigo Testamento enfatiza dois aspectos: a benevolência de Deus e o seu dinamismo.²¹¹

O termo graça é muito mais difundido no Novo Testamento, pois neste a promessa se concretiza em Jesus Cristo salvador, levando o ser humano e o cosmos à plenitude da graça. Os principais resultados da graça derramada pelo evento Cristo são a adoção filial que Deus

²⁰⁷ STANCATI, T. Graça. In: *Lexicon*, p. 325.

²⁰⁸ OLIVARES, R. S. Graça. In: PIKAZA, X. (Org.). *Dicionário Teológico O Deus Cristão*, p. 380-381.

²⁰⁹ *Ibidem*, p. 381.

²¹⁰ STANCATI, T. Graça. In: *Lexicon*, p. 325.

²¹¹ OLIVARES, R. S. Graça. In: PIKAZA, X. (Org.). *Dicionário Teológico O Deus Cristão*, p. 381.

concede aos que creem pelos méritos do seu Filho e o início da vivência escatológica.²¹² A experiência da graça, em Paulo, é trinitária (2 Cor 13,13). Para ele, ser cristão significava ser filho no Filho, tendo uma vida segundo o Espírito que derrama seus dons aos que creem.²¹³

Os Padres da Igreja vão refletir a partir das experiências do Novo Testamento. A graça é vivenciada no Batismo e na Eucaristia e anunciada pela pregação. Neste período a graça é vista como atuação que introduz o ser humano “na relação com Deus, em Cristo pelo dom do Espírito, e na comunidade eclesial, que vive a urgência missionária”.²¹⁴ Os padres do deserto estavam convictos de que o destino da pessoa humana é a Trindade. Este é o primeiro mistério da graça como dom gratuito: somente no Deus Uno e Trino que o ser humano encontra a si mesmo e sua plena realização.²¹⁵

Na teologia oriental a graça é vista como obra das três Pessoas da Trindade que diviniza os seres humanos, operação que está unida à Trindade e à economia da salvação. Então, a dinâmica operante da graça deseja a habitação das Pessoas divinas no humano. A graça torna o ser humano realmente livre.²¹⁶ O evento Cristo assinala o acontecimento da graça na história: “a vida de Jesus entregue como acontecer do reino e doação a Deus”.²¹⁷ Este acontecer da graça se efetua no batismo e vida direcionada pela fé, esperança e caridade.

O que os orientais chamam de energia incriada, os ocidentais denominam graça incriada, refere-se ao processo de divinização em que o ser humano vai sendo revestido com a glória e luz divina, vivificando a presença do Altíssimo em nosso ser, sem confundir o ser humano com Deus.²¹⁸ Agostinho tornou-se o expoente ocidental da teologia da graça, combatendo o pelagianismo, o jansenismo e a Reforma. Ele que experimentou a graça que vai ao encontro do ser humano e o transforma, vê nela o chamado humano de participar da própria vida de Deus e o desejo do ser humano de unir-se ao Sumo Bem.²¹⁹ Santo Agostinho acentua em sua teologia a primazia da graça e incapacidade do homem de deixar de pecar sem o socorro divino. A graça é apresentada como aquela que reordena a liberdade humana, direcionando-a para Deus.²²⁰

No período escolástico, conservou-se a dimensão teológica e cristológica, porém, aos poucos, foi se perdendo a dimensão pneumatológica da graça que abraça a comunidade de fé,

²¹² STANCATI, T. Graça. In: *Lexicon*, p. 325.

²¹³ OLIVARES, R. S. Graça. In: PIKAZA, X. (Org.). *Dicionário Teológico O Deus Cristão*, p. 382.

²¹⁴ *Ibidem*, p. 382.

²¹⁵ *Ibidem*, p. 383.

²¹⁶ STANCATI, T. Graça. In: *Lexicon*, p. 326.

²¹⁷ OLIVARES, R. S. Graça. In: PIKAZA, X. (Org.). *Dicionário Teológico O Deus Cristão*, p. 382.

²¹⁸ *Ibidem*, p. 383.

²¹⁹ *Ibidem*, p. 383.

²²⁰ *Ibidem*, p. 384.

a pessoa e as relações interpessoais.²²¹ No século XV e XVI o quadro inverte: se obscurecem as dimensões teológica e cristológica, enfatizando-se uma graça criada e estática, o que vai desencadear as crises posteriores, como a Reforma Protestante.²²² A doutrina da graça de Lutero buscava salvar a graça e a comunhão com Deus, combatendo a coisificação e a estatização, desenvolvendo uma concepção atualista da graça.

Já no século XX, o momento de recuperação da compreensão integral da graça se dá a partir da teologia da Escola de Tubinga, onde se destaca a contribuição de Johann Adam Moehler. Ele percebeu que a graça não diz respeito apenas ao indivíduo e a Deus, mas passa pela Igreja, isto é, Moehler recupera o sentido da encarnação como epifania da vida divina, entendendo assim o significado da história da salvação e da Igreja.²²³ Mais tarde outro importante teólogo que se detém no estudo da graça é Henri de Lubac. Ele se desvia dos fechamentos das teologias agostiniana e tomasiana e reencontra a adequada definição da graça: “Deus que sai ao encontro e, neste dinamismo, se enquadra o que chamamos quer graça atual, quer graça habitual, tanto graça criada quanto graça incriada”.²²⁴

Nas últimas décadas o tema da graça foi deixado um pouco de lado, sendo abordado junto com o estudo do mistério trinitário, da encarnação e da pneumatologia. Dos contemporâneos, na área protestante, Karl Barth é o mais representativo. Para Barth, falar de graça significava congregar em uma só expressão a experiência do acontecimento de Deus no ser humano. Deus se dá de presente, pois Deus deseja a pessoa humana e se autocomunica a ela em Cristo Jesus. Por ser imagem e semelhança de Deus, as relações interpessoais também são acontecimentos da graça, como uma autocomunicação entre as pessoas.²²⁵

Diante disso, podemos definir a graça como acontecer, como dom, como o próprio Deus em ação revelando o homem ao próprio homem, sua origem e destino. Na Encarnação do Verbo, a graça se faz história e mostra sua dinamicidade na vida do homem. A graça também é presença íntima do Espírito Santo no ser humano que se une ao ser profundo do homem e o transforma. Portanto, a graça pressupõe alteridade, pois Deus e o ser humano se distinguem, e transcendência, como imagem de Deus transformada pela inabitação trinitária, o ser humano é comunhão interpessoal.²²⁶

²²¹ OLIVARES, R. S. Graça. In: PIKAZA, X. (Org.). *Dicionário Teológico O Deus Cristão*, p. 384.

²²² *Ibidem*, p. 385.

²²³ *Ibidem*, p. 386.

²²⁴ *Ibidem*, p. 387.

²²⁵ *Ibidem*, p. 387.

²²⁶ *Ibidem*, p. 387-388.

O evento da graça como encontro e comunhão entre Deus e o homem denominou-se deificação ou santidade. Este processo almeja plenificar o ser humano em Deus na esperança escatológica da visão beatífica e da ressurreição dos mortos: “[...] a plenitude da graça é fé qual entrega a Deus e confiança nele; é esperança como olhar para a meta e anseio pelo encontro; é amor por ser desejo de Deus e gosto por ele”.²²⁷ A graça é sempre iniciativa de Deus que infunde no ser humano o desejo da busca e da entrega. Dessa forma, a primeira resposta do homem agraciado é a ação de graças.²²⁸

Por essa proximidade da doutrina da graça e da teologia trinitária, principalmente no que se refere ao modelo comunal, este estudo abordará esses temas em conjunto. A cibergraça será a comunhão do Espírito nos tempos da rede, a ação de Deus no homem e no mundo marcado pela lógica e dinâmica da rede.

2.2.3 Cibergraça: entre tecnologia e espiritualidade

A mudança de época em curso não é causada pelas tecnologias digitais, pura e simplesmente. “Nós damos forma a nossas ferramentas e elas, por sua vez, nos moldam”.²²⁹ Dessa mútua interferência, surgem mudanças antropológicas significativas que transformam o modo como o ser humano se relaciona com o mundo físico e com a sociedade; seu senso emocional e psicológico de quem é e de saúde mental; a maneira como desenvolve seu raciocínio lógico em termos da linguagem informática. Se tudo ao redor é afetado pela cultura digital, é ignorância pensar que a vida espiritual está isenta dessa influência. “Os computadores que criamos estão nos fazendo avançar na nossa trajetória evolutiva. É nossa responsabilidade carregar o nosso entendimento do sagrado junto conosco”²³⁰. O ritmo frenético da vida digital não está permitindo que a reflexão sobre a realidade tecnológica acompanhe os passos rápidos de sua própria evolução. Para que a cibercultura possa contribuir positivamente para o desenvolvimento humano, é preciso fazer o que o próprio termo cultura representa: cultivar, isto é, o ser humano precisa cultivar-se dentro das novas dinâmicas do mundo. Se essa maturação não acontece, a “cultura líquida” do digital pode se tornar um fator de alienação do humano.

Assim como os computadores podem revelar novas facetas da humanidade, também ajudam a elaborar novas compreensões de Deus. Para Jennifer Cobb, a teologia é o processo de

²²⁷ OLIVARES, R. S. Graça. In: PIKAZA, X. (Org.). *Dicionário Teológico O Deus Cristão*, 388.

²²⁸ *Ibidem*, p. 389.

²²⁹ COBB, J. *Cybergrace*, p. 20.

²³⁰ *Ibidem*, p. 22-23.

canalização da profundidade do ser humano, descobrindo sua humildade e habilidades em face de mistérios impressionantes que só se pode começar a se aproximar.²³¹ Cobb acredita que incluir neste processo cognitivo o estudo da tecnologia e cultura digital só pode enriquecer ambas as áreas.

A visão sagrada do mundo foi drasticamente deteriorada com a expansão do pensamento cientificista e materialista moderno.²³² A natural concepção do cosmos como lugar sagrado, de toda a criação inebriada da presença de Deus, que existia na Idade Média, foi aos poucos sendo substituída por um dualismo radical, ou a favor da matéria, ou a favor do Espírito. A Reforma Protestante de Lutero ajudou a lançar as bases para uma visão de natureza mecânica e secularizada, abrindo caminho para a constituição da sociedade científica destituída da presença de Deus que testemunhamos nos tempos modernos.

A sociedade científica que estas tendências produziram deixou pouco espaço para uma fé plenamente integrada nos mundos orgânico e tecnológico. Libertado das amarrações dos nossos símbolos religiosos e normas, tornou-se como o universo onde modelamos indivíduos autônomos que se deslocam através de um mundo sem valor.²³³

O mundo contemporâneo ainda sofre as consequências do divórcio moderno do espírito e da matéria, mas a invenção da internet está revigorando a esperança de reconciliação entre dimensões tão essenciais da vida humana. A primeira frase da *Carta Magna da Era do Conhecimento* diz que o evento central do século XX foi a derrubada da matéria.²³⁴ Se está diante de um momento histórico em que as crenças modernas, segundo a qual o universo é constituído por partículas físicas que podem ser mapeadas, descritas, comprovadas e controladas experimentalmente, estão sendo suprimidas por uma nova lógica de compreensão fundamentada na precedência dos acontecimentos não físicos, informações, comunicações, relações, experiências dinamicamente conectadas em um ambiente invisível, infinito e desterritorializado chamado ciberespaço.²³⁵ Jennifer Cobb conta em seu livro *Cybergrace* que, antes de começar a escrevê-lo, ela teve uma experiência da presença divina interligando-a ao mundo digital e instigando-a a pensar a rede teologicamente.²³⁶

²³¹ COBB, J. *Cybergrace*, p. 23.

²³² COBB, J. *Cybergrace*, p. 25.

²³³ *Ibidem*, p. 29.

²³⁴ DYSON, E.; GILDER, G.; KEYWORTH, G.; TOFFLER, A.: *A Magna Carta for the Knowledge Age*.

Disponível em: <<http://www.pff.org/issues-pubs/futureinsights/fi1.2magnacarta.html>>. Acesso em: 10 de nov. de 2014.

²³⁵ COBB, J. *Cybergrace*, p. 30.

²³⁶ *Ibidem*, p. 34.

A teologia do ciberespaço começa por tentar fundir os mundos objetivo e subjetivo, o tangível e o intangível. Isto requer que nós expandamos nossa noção de espiritualidade para incluir a máquina, que é tradicionalmente o baluarte da ciência. Isto exige também que nós alarguemos nosso entendimento científico para incluir nele a noção de uma inefável força de conexão trabalhando no reino do tangível e do objetivo.²³⁷

Este esforço de perceber a unidade entre realidade material e espiritual precisa partir também do campo científico. As pesquisas de Charles Darwin, que era deísta, levaram-no a descobrir um mundo inacabado em processo de evolução. Essa descoberta o levou a pesquisar durante toda a sua vida uma maneira de reconciliar o seu conhecimento com o seu Deus, mas sem o sucesso esperado.²³⁸ O problema é que Darwin permaneceu com a ideia de um Deus extremamente determinista que era incompatível com a ideia de evolução ao “acaso”. No entanto, muito filósofos pré-darwinianos conseguiam perceber uma força divina neste movimento criativo de diversificação e complexificação de todo o cosmos.

Filósofos como Friedrich Schelling definiam a evolução como o movimento do divino em direção ao divino, um fluxo bidirecional do espírito inerente na matéria e do espírito transcendente um ao encontro do outro.²³⁹ De acordo com Jennifer Cobb, espírito é por definição a força que conecta.²⁴⁰ Ela se baseia no pensamento teológico-científico de Pierre Teilhard de Chardin que acredita que o Espírito Criador interliga todas as realidades existentes na terra conduzindo-as num processo evolutivo rumo a sua plenificação, ao ponto ômega. Esse processo é chamado de “cristificação do universo”.²⁴¹ Isso não nega as discontinuidades ocorridas na história do mundo, apenas confirma que também existe continuidade no desenvolvimento dos seres. Sendo assim, matéria e espírito são dois aspectos dessa única realidade cósmica que é o processo criativo do Espírito em ação no mundo.²⁴²

Essa visão aponta para uma compreensão radicalmente nova do Criador. O Pai não governou lá do alto, determinando todos os resultados. Deus “empoderou” suas criaturas através da própria natureza criativa, realizando um contínuo processo de evolução e transcendência criativa. Essa concepção permite a integração entre o conhecimento científico e a perspectiva espiritual da evolução da consciência e do desenvolvimento do universo.²⁴³

²³⁷ COBB, J. *Cybergrace*, p. 35.

²³⁸ *Ibidem*, p. 36.

²³⁹ *Ibidem*, p. 39.

²⁴⁰ *Ibidem*, p. 40.

²⁴¹ TEILHARD DE CHARDIN, P. *O meio divino*, p. 29-30.

²⁴² COBB, J. *Cybergrace*, p. 41.

²⁴³ *Ibidem*, p. 42.

Isso traz uma contribuição muito importante para o fazer teológico. A teologia mais tradicional, proveniente principalmente da Europa, enfatiza a ação e a comunicação de Deus num movimento de cima para baixo, uma transmissão hierárquica bem demonstrada também no pensamento eclesiológico clássico. Em contrapartida, as teologias da libertação, desenvolvidas especialmente na América Latina, preocupam-se com a dinâmica de baixo para cima, a manifestação de Deus e da fé na *práxis* social.

Não há modelo perfeito, não há metáfora que abarque toda a realidade da Revelação divina, pois Deus continua sendo mistério. Por isso, não se deve ser fundamentalista de um único modelo, de uma única visão de mundo e de teologia, sob pena de acabar cometendo um erro semelhante ao do modernismo: escolher uma dimensão em detrimento da outra. A ciber-teologia não é uma teologia de cima para baixo nem de baixo para cima, mas converge tudo no modelo “*peer-to-peer*”, ou seja, de nó a nó, de lado a lado, de pessoa a pessoa. A dinâmica de ponto a ponto da rede geralmente é vista como horizontal, mas na verdade é como a comunicação das células no organismo. Não há apenas células laterais, mas em todas as direções, tanto na superfície e quanto no interior do corpo. Sendo assim, a cibergraça corre através de cada pessoa, célula viva do Corpo Místico de Cristo.

Spadaro pondera que a graça de Deus desce do alto, mas ativa um processo. Como a chuva desce do céu, mas não retorna sem produzir seu fruto (*Is 55,10-11*), assim também a Palavra de Deus que se encarna, deve ativar o movimento de baixo para cima. Para ele, o problema não está no modelo de cima para baixo, mas em entender o seu efeito.²⁴⁴

A dificuldade é que nosso esquema mental é bidimensional, no máximo tridimensional. Porém, o agir trinitário no cosmos é pluridimensional, ou melhor, como o ciberespaço nos auxilia a perceber, é transdimensional e transtemporal, pois ultrapassa o tempo e o espaço. Podemos também utilizar a imagem da espiral para demonstrar que a Revelação é um processo vivo e dinâmico que ocorre na História, mas é “transhistórico” porque envolve as pessoas humanas e divinas no tempo e na eternidade.

Para Cobb, o ciberespaço reflete essa verdade sagrada e fundamental ao criar um mundo de experiências ricas e diversas oriundas do não-físico, de eventos criativos que se desenrolam no tempo. Assim, o ciberespaço pode guiar as pessoas na reconciliação do maior cisma do mundo moderno: a separação entre ciência e espírito, entre o mundo orgânico e o mundo que o ser humano cria.²⁴⁵ Tudo isso remete a duas questões fundamentais no que se denomina

²⁴⁴ Formação dada por Antonio Spadaro aos consagrados, colaboradores e estudantes da Canção Nova ocorrida, de 28 e 29 de julho de 2014, em Cachoeira Paulista, SP.

²⁴⁵ COBB, J. *Cybergrace*, p. 43.

cibergraça: Deus pode habitar no ciberespaço? Como Deus age e dialoga com seus filhos no mundo contemporâneo?

Jennifer Cobb percebe que o ciberespaço, como um aspecto criativo da evolução, é tecido em nossa realidade física e que o processo criativo é a sua alma. A teóloga acredita que se nos permitíssemos entender o mecanismo do ciberespaço mais profundamente, abrangendo a sua sacralidade, poderíamos experimentá-lo como um meio de graça.²⁴⁶ A partir dessa compreensão seria possível começar abarcar a totalidade do mundo tanto em seu aspecto natural quanto em seu tecnológico. Cobb defende que a evolução da matéria e a evolução do espírito devem ser consideradas em conjunto, apesar de cada uma seguir seu próprio curso. Ela ainda crê que o ciberespaço tem um papel fundamental a desempenhar na ação dinâmica do Espírito através do universo.

A ciberteologia não é uma teologia da comunicação ou da tecnologia, mas um estudo teológico sobre a vida hipercomunicativa, hiperconectiva e hipertecnológica que os seres humanos estão vivendo. Entretanto, para entender bem a experiência humana de fé e de graça no ciberespaço é necessário perceber o sentido teológico e espiritual da tecnologia. É como se comparava anteriormente o significado de “house” e de “home”. “House” é a estrutura da casa que possibilita o “home”, a experiência do aconchego do lar, da família, de ter um lugar que é seu, que tem seu jeito, seus bens, onde você sempre pode voltar. Sem o “home”, “house” perde seu sentido, é apenas uma construção desabitada, sem rosto. Com isso, se quer dizer que não se pode refletir sobre a experiência da graça na rede sem antes estudar a dimensão espiritual dos alicerces do ciberespaço, portanto, sem ver a tecnologia como fruto do espírito e do carisma humano de ser artífice da criação.

A técnica é ambígua, pois o ser humano a manipula livremente tanto para fazer o bem quanto para o mal. Justamente essa liberdade que torna a tecnologia dúbia, também demonstra a ligação entre graça e tecnologia. De acordo com Spadaro²⁴⁷, a técnica demonstra e ratifica o senhorio do espírito sobre a matéria. Assim, a tecnologia se constitui como a força de organização da matéria, obra do plano consciente do ser humano como ser espiritual.

Em 1964, Paulo VI afirmou, em visita ao Centro Jesuíta de Automação do *Aloisianumde*, que o cérebro mecânico foi criado para auxiliar o cérebro espiritual.²⁴⁸ O Centro estava organizando a apreciação eletrônica da *Summa Theologica* de Tomás de Aquino e dos

²⁴⁶ COBB, J. *Cybergrace*, p. 45.

²⁴⁷ Neste capítulo utilizamos o *e-book* intitulado *Cybergrace* de Antonio Spadaro, versão Kindle, que não possui numeração de página. Por isso, informaremos a porcentagem e a posição do conteúdo situado na obra.

²⁴⁸ SPADARO, A. *Teologia Hi-tech*, p. 1.

textos da Bíblia. Nesta mesma ocasião, Paulo VI define teologicamente a tecnologia como o empenho de infundir em máquinas o reflexo de funções espirituais.²⁴⁹ Com isso, a tecnologia se torna uma repostagem humana ao mandato de Deus de cuidar e transformar a criação. O Espírito Criador ainda cobre o cosmos inspirando a criatividade do ser humano.

Sendo assim, a inspiração que tanto é cara e proveitosa em todas as áreas do agir e pensar humanos é manifestação da dimensão pneumatológica da graça, isto é, uma abertura espiritual através da qual o Espírito Santo opera no ser humano e por meio dele. O instante da inspiração é uma experiência comunal em que ocorre o encontro entre a intenção do homem e o anseio do Espírito do Pai, a adesão do intelecto daquele à inteligência divina, momento em que sua semelhança com o Criador se manifesta. A tecnologia é um modo de o *homo technologicus* expressar sua sede pelo transcendente. Portanto, “o homem tecnológico é o homem espiritual”.²⁵⁰

Pierre Teilhard de Chardin é o primeiro homem de fé e homem da ciência a tentar reconciliar essas duas áreas humanas de conhecimento na época moderna. Ele compreendeu e buscou comunicar que todo o trabalho e esforço humano colaboram para a conclusão da obra do mundo em Cristo. “[...] nenhum homem ergue o dedo mínimo para a menor obra, sem estar movido pela convicção [...] de que ele trabalha [...] para a edificação de algo definitivo, [...] para vossa própria obra, ó meu Deus”.²⁵¹ Conforme Chardin, a reta intenção do coração é a chave pela qual nosso mundo interior se abre à presença de Deus.

Em cada alma, Deus ama e salva parcialmente o mundo inteiro, que esta alma resume [...]. Deste modo, cada homem [...] por sua fidelidade [...] deve construir uma obra, um opus, em que entra alguma coisa de todos os elementos da Terra. Ao longo de todos os seus dias terrestres ele faz a sua alma; e, ao mesmo tempo, ele colabora para uma outra obra, para um outro opus que ultrapassa infinitamente [...] as perspectivas de seu êxito individual: o acabamento do mundo. [...] Através de nossos esforços individuais [...], o mundo acumula lentamente, a partir de toda a matéria, aquilo que fará dele a Jerusalém celeste.²⁵²

O paleontólogo jesuíta acreditava que entre o ser humano, o universo e Deus havia uma profunda ligação. Ele dizia que no interior do mundo, toda alma foi criada para Deus. Entretanto, toda realidade, material e imaterial, existe para a subsistência da vida humana.

²⁴⁹ PAULO VI. *Discorso di Paolo VI al Personale del Centro Automazione Analisi Linguistica Dell'Aloysianum*. 19 jun. de 1964. Disponível em:

<http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/speeches/1964/documents/hf_p-vi_spe_19640619_analisi-linguistica_it.html>. Acesso em: 10 de jan. de 2015.

²⁵⁰ SPADARO, A. *Cybergrace*, pos. 37, 10%-pos.42, 12%.

²⁵¹ TEILHARD DE CHARDIN, P. *O meio divino*, p. 22.

²⁵² *Ibidem*, p. 27-28.

Dessa forma, toda a realidade sensível existe para dar glória a Deus, através da alma do ser humano. A razão disso é que o homem é parte do único ambiente divino pelo qual Deus quis se autocomunicar, onde todas as realidades tangíveis são prolongamentos do ser humano no mundo. Da mesma forma que se diz que não é possível separar “*home*” de “*house*”, experiência humana vivida no ciberespaço de sua estrutura tecnológica, Chardin pondera que não dá para apartar o ser humano de seu *habitat*, de sua realidade material e espiritual. O ser humano é um ser no mundo. Não é do mundo, mas está no mundo (*Jo 15, 19; Jo 17, 14-16*). Por isso, o progresso e a técnica devem ser encarados como dons do Espírito Santo que auxiliam a pessoa humana a se tornar cada vez mais imagem e semelhança de Deus.

No entanto, é preciso avaliar de forma crítica a realidade contemporânea. Embora os avanços tecnológicos tenham trazido grandes conquistas, também ocasionaram alguns transtornos como o excesso informacional (*information overload*), a apatia e a dispersão que trazem prejuízos à vivência espiritual. Na opinião de Spadaro, o ser humano precisa redescobrir o valor e o significado do discernimento, isto é, fazer uma busca interior a fim de encontrar em si mesmo um centro espiritual que distinga as questões que são realmente importantes das inúmeras respostas e estímulos que são recebidos todos os dias.²⁵³

A graça é um favor divino que possibilita à natureza humana participar da vida íntima do Deus Triuno, introduzindo a pessoa humana em relação filial com o Pai, através da dignidade recebida do Filho Unigênito, marcada com o selo do Espírito Santo.²⁵⁴ Portanto, a graça é um caminho de relação, onde Deus dá o primeiro passo em direção ao ser humano, dando-lhe a providência necessária para que percorra este caminho e viva de forma plena a sua humanidade, fortalecendo-o, transformando-o, plasmando-o de vida para chegar a este encontro com as pessoas divinas.²⁵⁵

Para Spadaro, o ciberespaço é o lugar do dom. Ideias e conceitos como compartilhamento de arquivos, *software* livre, *opens source*, *creative commons*, *user generated content* e rede social estão ligados a uma lógica de troca que beneficia as partes envolvidas, desviando-se da ideologia capitalista do máximo lucro.²⁵⁶

Se o conceito de livre troca for analisado sob a perspectiva teológica, apresenta alguns problemas, já que a natureza da Igreja e a dinâmica da Revelação seguem um modelo hierárquico semelhante ao da comunicação de massa, que Pierre Lévy chama de “Universal

²⁵³ SPADARO, A. *Cybergrace*, pos. 99, 27%.

²⁵⁴ GALOT, J. Graça. In: BORRIELO, L. *Dicionário de Mística*, p. 462-463.

²⁵⁵ HILBERATH, B. J. F. Doutrina da Graça. In: SCHNEIDER, T. *Manual de dogmática*, p. 39-42.

²⁵⁶ SPADARO, A. *Cybergrace*, pos. 211, 58%.

com Totalidade”²⁵⁷, e que seria o contrário do padrão “*peer-to-peer*”. O movimento comunicativo da Revelação não se baseia em uma troca horizontal fluída, mas abre-se para uma graça perene, conduzida através das mediações humanas e ministros ordenados. Na opinião de Spadaro, se o raciocínio parasse neste ponto, se correria o risco de concluir que a lógica da rede é incompatível com a lógica da teologia.²⁵⁸

A concepção do dom na rede está vinculada ao conceito denominado grátis. O grátis é aquilo que não tem “valor”, não precisa pagar, algo que pegamos livremente. A graça, ao contrário, foi dada a alto preço por Deus e recebida por um sujeito específico, estabelecendo uma relação pessoal. Entretanto, a graça se difunde através de mediações encarnadas e propaga-se de uma forma semelhante a do “*peer-to-peer*”, mas não se restringe a esta, porque o modelo “*peer-to-peer*” possui uma lógica de conexão e de troca, não de comunhão. Um rosto não pode ser diminuído a um simples nó. Sob essa diferença fundamental entre face e nó, se funda o desafio cristão de fazer com que, de um ambiente conectivo, a rede passe a ser um lugar de comunhão.²⁵⁹

2.3 Pessoas em comunhão: Igreja e internet

Ser pessoa é uma definição fundamental para tentar compreender a relação da Trindade com os seres humanos e também para refletir sobre a dinâmica da rede, entendida como tecido de pessoas em relação. Os conceitos de pessoa e de comunhão são correlatos e nunca se transformariam em experiência viva para a humanidade sem a Igreja.

Ser Igreja é ser comunhão, já ser rede é estar conectado com outras pessoas. Ambas as realidades, Igreja e internet, baseiam seu existir na experiência de comunicação e de relação. Por isso, Spadaro declara que Igreja e rede são duas realidades destinadas a se encontrar.²⁶⁰ Nesta seção se relaciona e interpreta estes conceitos importantes para a teologia trinitária e para o desenvolvimento da ciberteologia, em especial, da cibergraça.

2.3.1 Ser pessoa: da Trindade à internet

²⁵⁷ LÉVY, P. *Cibercultura*, p. 111-121.

²⁵⁸ SPADARO, A. *Cybergrace*, pos. 227, 63%.

²⁵⁹ *Ibidem*, pos. 236, 65%.

²⁶⁰ SPADARO, A. *Ciberteologia*, p. 24.

Na tradição judaico-cristã sempre se afirmou a unidade de Deus. O desenvolvimento da ideia de pessoa foi fundamental para assegurar a trindade do Deus cristão. Essa história se desenrola em cinco momentos: no estoicismo antigo, nas controvérsias teológicas, na metafísica da Idade Média, na modernidade pela teoria do conhecimento, filosofia do espírito e retorno à subjetividade, e, por fim, nos tempos atuais através de debates interdisciplinares. Na antiguidade greco-romana, o significado de pessoa estava relacionado aos diversos papéis desempenhados pelo ser humano na sociedade, não apenas a função de ator, mas também ao homem como sujeito de direitos e deveres.²⁶¹

O conceito teológico de pessoa foi formado no período das disputas cristológico-trinitárias, entre os séculos IV e VI. No momento que se afirma que Deus é um e três se levantam várias questões, como a hierarquia trinitária, a unidade de Deus e a pluralidade de pessoas divinas, a dificuldade em assegurar que Jesus é ao mesmo tempo Deus e homem. Dos Santos Padres, Tertuliano é quem começa a usar o termo pessoa pela primeira vez, desenvolvendo o alicerce conceitual e linguístico para a doutrina sobre a Trindade.²⁶²

Os Padres da Igreja precisaram criar um tratado sobre a pessoa tanto em língua grega quanto em latim. Essas controvérsias cristológicas e trinitárias ocorrem justamente pela confusão terminológica usada na filosofia e teologia oriental e ocidental para esclarecer a natureza divina e humana de Jesus e a realidade do Deus uno e trino. As expressões *prosopon* em grego e *persona* em latim significam aquilo que se pode ver, isto é, o rosto, o semblante, a forma visível do ser humano, e mais tarde ganhou o sentido de máscara.²⁶³ O termo pessoa tem uma qualidade distintiva de indivíduo. Este significa singularidade incomunicável. Sem perder a sua unicidade, firmeza e singularidade, pessoa é relação, “ser-com-o-outro”.

No entanto, gregos e latinos se desentendem no que se refere à palavra empregada para designar a substância divina. A expressão grega *hipostase*, que significa o ser concreto existente, é etimologicamente parente de *substare*, que quer dizer substância, subsistir.²⁶⁴ Já a palavra grega *ousia* designa natureza, essência, subsistência. Para os ocidentais, o Deus uno e trino era uma *hipóstase* (*substantia*) e três *prosopon* (*persona*). Ao contrário, na concepção da Igreja Oriental, a Trindade era uma *ousia* (substância) e três hipóstases (pessoas).²⁶⁵ Essas divergências dão respaldo para o surgimento de heresias como o arianismo que afirmava a existência de três hipóstases em Deus. Grande combatente de Ário foi Atanásio. Esses conflitos

²⁶¹ ZILLES, U. *Pessoa e dignidade humana*, p. 20-21.

²⁶² A.E.L. Tertuliano. In: AUDI, R. (Org.). *Dicionário de Filosofia de Cambridge*, p. 944.

²⁶³ PAVAN, A.; MILANO, A. (Org.). *Persona e personalismo*. Napoli: Dehoniana, 1987.

²⁶⁴ SESBOUÉ, B. *História dos dogmas*, p. 252-255.

²⁶⁵ ZILLES, U. *Antropologia teológica*, p. 107.

ocasionaram o Concílio de Calcedônia, em 451, que provê os conceitos fundamentais para se refletir o mistério trinitário e declara que Cristo possui as duas naturezas humana e divina unidas em uma só pessoa.

Os Padres Capadócius – Basílio, Gregório Nazianzeno, Gregório de Nissa – representam um período de compreensão da pessoa. Eles fazem uma primeira diferenciação entre “*ousia*” e “*hispóstase*”. É importante ressaltar que, através do debate cristológico-trinitário, a patrística grega foi delineando a concepção de pessoa como ser em comunhão, o que permitirá refletir tanto sobre as pessoas divinas quanto as humanas.²⁶⁶ A concepção de pessoa humana deriva da definição das pessoas divinas e tem por características em comum a subjetividade, a individualidade, a alteridade, a relacionalidade e a comunhão: o “eu” só existe quando há o “tu”. O homem é imagem e semelhança de Deus por que é pessoa. O ser humano pode participar da vida e dinâmica de amor divino porque é pessoa. Segundo Tertuliano, os homens são divinizados, tornando-se filhos de Deus, através do Filho.

Na Idade Média, usava-se a definição filosófica para pessoa de Boécio – substância indivídua de natureza racional. Essa concepção foi decisiva no desenvolvimento da filosofia grega posterior. O risco dela para o cristianismo é levar ao triteísmo, pois confunde pessoa com substância, isto é, entender o conceito de pessoa em si e por si, uma entidade ontológica autônoma que se impõe, nesse caso, se tornaria um conceito exclusivamente antropológico e não mais referente à trindade divina. Por isso, a definição boeciana não serve para a teologia. Tomás de Aquino vai conceituar pessoa como natureza racional subsistente em si, definição ontológica aberta ao desenvolvimento entendida como a realização plena do ser e dignidade de valor absoluto. No que diz respeito às pessoas divinas, enfatiza seu caráter relacional. Ambos conceitos falham na visão da pessoa como sujeito.²⁶⁷

Existem duas vertentes na filosofia moderna para o conceito de pessoa. A primeira, marcada pelo pensamento de Immanuel Kant e René Descartes, fundamenta-se no eu abstrato. Kant concebe a pessoa como um fim em si que possui liberdade e autonomia. Assim, Kant fez com que o “eu” se transformasse no princípio que unifica o cosmos, tirando o lugar de Deus na criação. Em Descartes, o eu é autônomo, mas não é livre, ou seja, possui autonomia da sua autoconsciência, porém, não do ser. Estas ideias modernas distanciam-se da concepção teológica de pessoa.²⁶⁸ A segunda, exemplificada por Ricardo de São Vitor, baseia-se na relacionalidade. Não apenas um subsistir em relação, mas uma existência a partir de outros,

²⁶⁶ ZILLES, U. *Antropologia teológica*, p. 108.

²⁶⁷ ZILLES, U. *Pessoa e dignidade humana*, p. 25-27.

²⁶⁸ *Ibidem*, p. 30-31.

pelos outros e nos outros. Ricardo de São Vitor define a pessoa sob a ótica do amor, isto é, a personalidade se estabelece a partir da maneira como se ama. O Pai ama enquanto gera o Filho e é procedência do Espírito; o Filho é o receptor do Amor do Pai e participa do envio do Espírito Santo; o Espírito santifica a humanidade com seu amor e a reconduz ao Pai.²⁶⁹

A contemporaneidade traz novos ares filosóficos para a subjetividade e para a visão do ser humano como pessoa. Destaca-se a importância do personalismo francês e a filosofia dos valores que carregam a perspectiva psicológica, ética e social. Em especial, no século XX, surgem filosofias de autores para os quais a comunhão constitui a gênese do eu, tais como Max Scheler, Ferdinand Ebner, Emanuel Mounier e Emmanuel Levinas.²⁷⁰ Também a filosofia personalista existencialista, representada por pensadores como Soren Kierkegaard, Martin Buber e Franz Rosenzweig, vai ajudar a definir o conceito de pessoa na contemporaneidade.

Estimado por muitos como o pai do existencialismo, Kierkegaard considerava o cristianismo um modo de existir, ideia compartilhada por John Zizioulas na sua teologia comunitária que se verá mais adiante. Kierkegaard vislumbra o existir humano como um processo inacabado no qual o indivíduo é responsável por construir através de suas escolhas uma identidade para si, um eu próprio. Paixão, decisão e reflexão são etapas fundamentais do desenvolvimento do eu. As paixões constituintes do eu de uma pessoa são denominadas pelo filósofo de interioridade ou subjetividade do indivíduo. Nesse estudo sobre as paixões, ele define e destaca como paixões relevantes o amor e a fé, acontecimentos que precisam ser formados e cultivados. Para ele, a fé é a ação de alguém que deseja ser ele mesmo através de uma relação transcendente com o poder criador. Ressalta também que a caridade cristã deve ser caracterizada pelo amor ao próximo, um amor fundamentado na relação com o Criador.²⁷¹

A principal contribuição de Martin Buber, filósofo, teólogo e líder político, foi a reflexão sobre a relação “Eu-Tu”, desenvolvida na sua principal obra “*Ich und Du*” (“Eu e Tu”).²⁷² Essa relação entre o “eu” e o “tu” é caracterizada pela abertura, pela reciprocidade e por um intenso envolvimento pessoal. Assim, o Eu se encontra com o Tu, não como se estivesse diante de um objeto a ser pesquisado, mas como alguém diante da presença única de alguém que se contrapõe ao Eu na sua individualidade. Traço importante do seu pensamento é a rejeição da concepção de pessoa como ser isolado e autônomo. Para este personalista existencial, a realidade nasce entre pessoas no instante em que deparam umas com as outras, alterando-se

²⁶⁹ MOLTMANN, J. Trindade e Reino de Deus, p. 180-181.

²⁷⁰ ZILLES, U. *Antropologia Teológica*, p. 109.

²⁷¹ C.S.E. Kierkegaard, Soren Aabye. In: AUDI, R. (Org.). *Dicionário de Filosofia de Cambridge*, p. 541-542.

²⁷² SEE, K. Buber, Martin. In: AUDI, R. (Org.). *Dicionário de Filosofia de Cambridge*, p. 100.

reciprocamente.²⁷³ Em suma, a realidade é dialógica. De acordo com Buber, Deus seria o Tu derradeiro que é alcançado por sua própria vontade de corresponder à realidade divina e à humanidade.

Mais um existencialista que contribuiu no estudo sobre a pessoa foi o filósofo e teólogo judeu Franz Rosenzweig. Como existencialista religioso, sua reflexão se baseia na experiência de Deus, do eu e do mundo. Através do método “empírico radical”, Rosenzweig tenta explicar a conexão entre Deus, o eu e o mundo por meio de três relações: Criação, Revelação e Redenção. Segundo o filósofo, Deus não se revela com afirmações verbais, mas com uma presença que deseja amor recíproco e compromisso de seus fiéis.²⁷⁴

O filósofo Emmanuel Levinas reflete sobre a alteridade, categoria importante no desenvolvimento do conceito de pessoa²⁷⁵, enquanto Ferdinand Ebner lida diretamente com a questão espiritual da existência humana. O ponto forte de seu pensamento ocorre ao retornar à fonte da Revelação cristã, a Palavra de Deus entendida pneumatologicamente como diálogo originário. A partir disso, Ebner valoriza as relações interpessoais em confronto à disposição contemporânea de se conceber um Eu fechado sobre si mesmo, o individualismo.²⁷⁶

O Concílio Vaticano II retoma a categoria bíblica de *imago Dei*, reafirmando a dignidade da pessoa humana como imagem de Deus, logo, um ser de comunhão.²⁷⁷ Ser pessoa requer relacionalidade e reconhecimento, portanto, exige reciprocidade: rosto de alguém diante de alguém que chama à unidade. A substância não é anterior à pessoa, ela só existe no momento que existe pessoa, isto significa que o caráter relacional constitui sua estrutura ontológica. Ser pessoa está na tensão entre *hipóstase* (subsistência) e *prosopon* (rosto).²⁷⁸ Assim, a pessoa é vista como mediação ou ponto de encontro de substância, “nó de relações”.²⁷⁹ Essa substância divina é o amor que, assim como a amizade, não existe em si, existe apenas quando duas ou mais pessoas se amam.

Da mesma forma, o divino não existe em si, abstratamente falando. O divino existe sempre onde há o Pai e o Filho e o Espírito Santo. O amor a Deus está relacionado à associação a Deus, não mais somente como criatura, mas como filhos, família de Deus, concidadão dos santos.

²⁷³ A.L.I. Filosofia Judaica. Ibidem, p. 391.

²⁷⁴ SEE, K. Rosenzweig, Franz. Ibidem, p. 820.

²⁷⁵ A.T.P. Levinas, Emmanuel. Ibidem, p. 562.

²⁷⁶ SUREKI, L. C. Ferdinand Ebner: Filósofo-teólogo da Palavra. *Perspectiva Teológica*, p. 103.

²⁷⁷ ZILLES, U. *Antropologia teológica*, p. 110.

²⁷⁸ O'DONOHUE, J. *Person als Vermittlung*, p. 14.

²⁷⁹ BINGEMER, M. C. L.; FELLER, V. G. *Deus-Amor*, p. 22.

O nome de Deus significa presença e não distância, YHWH: “Eu sou aquele que está aí”. Essa Revelação mostra que Deus se dissolve na realidade, ou melhor, a Trindade se faz realidade histórica.²⁸⁰ Isso não quer dizer panteísmo ou triteísmo, mas panenteísmo, isto é, Deus está em todas as coisas, mas é maior do que tudo o que criou. Dessa forma, a Trindade pode ser encontrada no cotidiano do próximo. Essa ideia leva a apreender através do silêncio do Pai acompanhando seu Filho crucificado que não são as palavras que importam, mas “o estar aí com”.

O trono da Misericórdia é a cruz onde a paixão, a solidariedade e a condolência divinas se manifestam, onde o Filho é entregue pelo Pai e o Filho se entrega ao Pai no Espírito Santo pela humanidade. “Na cruz do Calvário manifestou-se o coração eterno da Trindade. Por isso, é a partir da cruz histórica sobre a terra que se deve remontar à essência do eterno, para assim podermos reconhecer o protótipo divino”.²⁸¹ É o ponto culminante da fidelidade de Deus. A onipotência divina é sua própria misericórdia, a capacidade de se entregar, se doar, se oferecer pelo outro.

Logo, a substância de Deus são as três pessoas divinas que se reconhecem em cada pessoa. A substância divina é comunhão. O Ser é comunhão.²⁸² O ser em si não acontece. Deus poderia existir sem a humanidade. No entanto, se Deus é amor, Ele é comunicativo, criativo e expressa sua liberdade fazendo existir outros seres livres diante de si.

Ser pessoas é a substância geral primeira, a realidade mais essencial do divino. O existir de si mesmo não é sozinho, só pode ser com o outro. A própria existência do divino supõe a alteridade, a constituição distintiva de ser Pai se dá a partir do Filho. Há aqui uma relação originária. Cada pessoa divina participa da natureza divina não individualmente, mas juntos, em comunicação. Ser pessoa é participar da realidade do outro. Pessoa é relação de amor, não apenas entre dois, mas aberta ao terceiro. Numa boa relação deve haver uma clara distinção entre eu e tu, pois cada pessoa é um ser novo e único no mundo, chamado a realizar sua singularidade. Deste modo, ser relação significa uma tendência, abertura ou movimento para um outro sem deixar, contudo, de ser ele mesmo.

Em suma, o conceito de pessoa hoje não é mais unânime. A filosofia da pessoa que se escolhe seguir vai nortear o modo de ser e agir no mundo, consciente ou inconscientemente. Se não se está mais se reconhecendo como pessoa humana, é porque se caiu no erro boeciano de individualização. Por exemplo, tenta-se restituir a personalidade perdida com Estatutos da

²⁸⁰ MOLTSMANN, J. *Trindade e Reino de Deus*, p. 19.

²⁸¹ MOLTSMANN, J. *Trindade e Reino de Deus*, p. 45.

²⁸² ZIZIOULAS, J. D. *Being as Communion*, p. 17.

Criança, do Adolescente, do Idoso, dos Deficientes Físicos, instaurando-se uma guerra por direitos de pequenos grupos ou indivíduos. Assim, o que era universal foi transformado em algo particular, despersonalizando os direitos.

A teologia e filosofia da pessoa nunca se tornariam uma experiência viva para o ser humano sem o mistério da Igreja. Por isso, a comunhão será analisada juntamente com sua dimensão eclesiológica.

2.3.2 Comunhão: um conceito em transformação

Dentro da ciberteologia, escolheu-se refletir sobre a teologia trinitária juntamente com a graça, pois, como acreditava Hegel, a Trindade ainda é o fundamento da religião cristã. A fé no Deus uno e trino e a vivência dessa fé, modifica a forma como o ser humano vê a si mesmo, pelo fato de ter consciência de que é imagem e semelhança do Deus essencialmente comunhão. Muda também como ele percebe o outro, porque no momento que se descobre que o “eu” não existe sem o “tu”, então o outro não é um adversário na luta por sobrevivência, por interesses, mas é necessário para o sujeito ser realmente humano.

Difícilmente possa se captar o alcance da “revolução” da imagem de Deus que se iniciou na história da humanidade através da fé no Deus Trino. Esta revolução não chegou ainda a penetrar até o mais profundo nossa própria consciência cristã. Que Deus seja totalmente comunicação, vida que se derrama, que seja beatitude dentro de si mesmo e pura entrega recíproca, isto não somente inverte a imagem humana de Deus, mas toca também nossa compreensão de nós mesmos e do mundo.²⁸³

Por isso, a fé na Trindade não se configura como uma parte da fé cristã, na verdade, ela é seu núcleo, a “suma do Evangelho²⁸⁴”, a fonte da qual brota todos os outros conteúdos revelados. Para se pensar a fé nos tempos da rede e edificar essa nova corrente teológica sobre a rocha, é preciso resgatar o papel primordial da crença na Trindade.

Conforme Greshake, a fé no Deus uno e trino não é um enigma sem solução ou uma informação adicional, afastada da práxis cotidiana, ao contrário, é a expressão daquilo pelo que se vive, se move e existe. Sendo assim, a fé na Trindade altera também toda a atmosfera espiritual na qual o ser humano está inserido.²⁸⁵ O termo latino *communio* traz dentro de si três conceitos: *com* (com alguém), *moenia* (parede, muralha, delimitação: coloca em condições

²⁸³ HEMMERLE, K. *Glauben – wie geht das?* Freiburg, Br.1978, p. 147. apud GRESHAKE, G. *El Dios Uno y Trino*, p. 39.

²⁸⁴ BAUR, J. *Die Trinitätslehre als Summe des Evangeliums*, em: *KuD22* (1976) 122-131. apud *Ibidem*, p. 41.

²⁸⁵ GRESHAKE, G. *El Dios Uno y Trino*, p. 39.

semelhantes, igualdade, solidariedade), *múnus* (encargo que se tem). John Zizioulas apreende duas teses fundamentais elaboradas pelos Santos Padres:

- a) Não existe verdadeiro ser sem comunhão. Nada existe como um indivíduo, concebível por si só. Comunhão é uma categoria ontológica.
- b) Comunhão que não vem de uma “hipóstase”, isto é, uma pessoa concreta e livre, e que não leva a hipóstases, isto é, pessoas concretas e livres, não é uma imagem do ser de Deus. A pessoa não pode existir sem comunhão, mas cada forma de comunhão que nega ou suprime a pessoa, é inadmissível.²⁸⁶

Sendo assim, comunhão se define como o processo que se move da pluralidade à unidade, caracterizado por um evento pessoal, íntimo, um relacionamento amoroso perfeito realizado somente entre pessoas. Por isso, pessoa e comunhão são termos correlatos. A vida trinitária é o modelo perfeito da comunhão interpessoal. O amor-comunhão é a realidade e a essência da Trindade. O Deus Triuno subsiste na comunhão entre o Pai, o Filho e o Espírito, numa terna partilha que se efetiva como doação mútua de si mesmos.²⁸⁷

O ser humano é mistério de relação que descobre a si mesmo em Deus. Ao comunicar a Trindade, Cristo revelou a verdadeira identidade do ser humano à própria humanidade. “A semelhança da *communio* humana a respeito da Trinitária [...] assinala o ser do homem como um mistério que necessita ser aclarado desde o ser de Deus”²⁸⁸.

A comunhão humana é distinguida da *communio* divina por três propriedades: Primeiro, o ser humano possui uma existência autônoma individual, isto é, um homem pode subsistir sem se relacionar com outras pessoas. A Trindade, ao contrário, só existe na íntima comunicação entre as três pessoas divinas. O segundo diz respeito à substancialidade, à materialidade e à finitude humanas, também aborda a competência de dar sentido pessoal e espiritual a esses aspectos. Por exemplo, da necessidade de se alimentar pode nascer uma mesa comum, do instinto biológico da sexualidade um encontro pessoal de amor, da realidade da morte a entrega franca de si mesmo. Terceiro, a infeliz capacidade humana de negar sua essência relacional, comunicativa e caritativa, por conseguinte, a possibilidade de pecar.²⁸⁹

O Lar Trinitário é a imagem originária da comunidade comunicativa aberta, meta da comunidade humana. Toda *communio* tem seu protótipo na Trindade. Os seres humanos são comunidade no momento em que compartilham a vida, a existência uns dos outros. Alguém existe somente na relação com o outro, não fechado em si mesmo. O ser humano estabelece

²⁸⁶ ZIZIOULAS, J. D. *Being as Communion*, p. 18.

²⁸⁷ GRESHAKE, G. *El Dios Uno y Trino*, p. 222-223.

²⁸⁸ *Ibidem*, p. 224.

²⁸⁹ *Ibidem*, p. 226.

com os outros uma interação, entrelaça-se com eles formando um nós, a comunidade. Comunidade significa sempre autenticidade e liberdade nas relações: eu sou concreto para o outro e o outro é concreto para mim. As realidades pessoal e comunitária não são opostas entre si, mas se condicionam e se complementam mutuamente. Quanto mais os seres humanos se tornam pessoas, mais a comunidade se enriquece. Quanto mais a comunidade cresce, mais a pessoa se plenifica.

Ligando comunhão e sociedade, apreende-se como o jeito de ser da Trindade mostra como vencer os desvios de conduta mais característicos da cultura contemporânea: solidão, fechamento, indiferença, desperdício, exclusão e egoísmo. O segredo da comunhão está em ir além da simples diferença e unir as pessoas em comunidade. Logo, unidade e diversidade são aspectos intrínsecos da comunhão, pois em Deus não existe essência que não dependa da interação entre as pessoas divinas, isto é, não existe pessoa divina que possa ser independente da pericorese que a vincula com as outras.²⁹⁰

O Pai realiza seu próprio ser enquanto se dá ao outro, ao Filho, possuindo assim sua divindade só <<como dada>>, mas recebendo também justamente desse modo da parte do Filho seu ser-pai; o Filho, enquanto recebe-se a si mesmo totalmente a partir do Pai e lhe dá “glória”; o Espírito, enquanto se recebe a si mesmo como “o terceiro” a partir da relação entre o Pai e o Filho, glorificando a ambos. Dessa maneira, as três pessoas em Deus não têm a existência autônoma numa oposição de uma a outra, se não somente uma a partir da outra, junto a outra e para a outra.²⁹¹

Dessa maneira, o Pai, o Filho e o Espírito Santo podem ser identificados respectivamente com o amante, o amado e o laço de amor, como compreendeu von Balthasar, as três pessoas divinas são o único e mesmo amor em três modos de ser. O Deus uno e trino é o modelo do amor mais sublime e desinteressado.²⁹² Na medida em que os seres humanos vão abrindo os corações para amar uns aos outros, vão se tornando imagens perfeitas do aconchego do lar trinitário. A sociedade em rede só alcançará o bem comum na doação sincera de cada um de seus membros, portanto, no espírito comunal (Mt 5,46).

O Deus Uno e Trino é Amor-comunhão. Deus é amor, portanto é uno, e o amor é sempre relação entre pessoas, deste modo é também trino. Entende-se a Eucaristia quando se apreende a Trindade como comunhão entre as pessoas. Assim, compreende-se toda a vida de Jesus sob a ótica do amor. Através do silogismo, Deus é amor; Jesus é Deus, então, Jesus é amor; podemos

²⁹⁰ GRESHAKE, G. *El Dios Uno y Trino*, p. 228-229.

²⁹¹ *Ibidem*, p. 231.

²⁹² *Ibidem*, p.233.

fazer o exercício de trocar em *João 1* a expressão “Verbo” por “Amor” para clarear o significado:

No princípio era o [Amor]
 e o [Amor] estava junto de Deus
 e o [Amor] era Deus.
 No princípio, ele estava com Deus.
 Tudo foi feito por meio dele
 e sem ele nada foi feito.
 O que foi feito nele (no Amor) era a vida,
 E a vida era a luz dos homens;
 E a luz brilha nas trevas,
 Mas as trevas não a apreenderam.
 [...]
 [O Amor] era a luz verdadeira
 que ilumina todo o homem;
 [o amor] vinha ao mundo.
 [O Amor] estava no mundo
 E o mundo foi feito por meio dele,
 mas o mundo não o reconheceu.
 [...]
 E o [Amor] se fez carne,
 e habitou entre nós²⁹³.

Em outras passagens bíblicas também é possível fazer o mesmo. Segundo Greshake, em qualquer frase da Palavra de Deus pode se substituir “Amor” por uma das pessoas da Santíssima Trindade, pois o Amor constitui sua essência.²⁹⁴

Assim como o Pai [Amor], que vive, me enviou
 e eu vivo pelo Pai [Amor],
 também aquele que de mim [do Amor] se alimenta
 viverá por mim [pelo Amor].
 Este é o pão [o Amor] que desceu do céu [...]
 Quem come este pão [quem comunga o Amor] viverá eternamente²⁹⁵.

Sendo assim, o Amor é a luz do mundo (*Jo 8, 12*); o Amor é o bom pastor: (*Jo 10, 14-17*); o Amor veio para salvar e não para julgar (*Jo 12, 44-50*); o Amor é o Caminho, a Verdade e a Vida e ninguém vem ao Pai a não ser pelo Amor (*Jo 14, 6*). Interessante que nessa passagem Jesus diz “vem ao Pai” e não “vai ao Pai”. Isso significa que ele está junto do Pai, mesmo feito homem nunca se separou da Trindade e demonstra também que a Trindade está no meio de “nós”, de toda a criação.

Outros trechos de João ajudam a entender o sentido último do amor, as consequências de sua vivência ou de sua negação, como em *Jo 12, 24*: “Se o grão de trigo que cai na terra não

²⁹³ *Jo 1, 1-5; 9-10; 14a.*

²⁹⁴ GRESHAKE, G. *El Dios Uno y Trino*, p. 233.

²⁹⁵ *Jo 6, 57-58.*

morrer, permanecerá só [solidão, pecado, indivíduo, inferno]; mas se morrer, produzirá muito fruto [amor, comunhão, pessoas, vida, Trindade]”. Continuando em *Jo 12, 26*: “Se alguém quer servir-me, siga-me; e onde estou eu, aí também estará o meu servo”. Podemos tirar dessa afirmação de Jesus, uma verdade fundamental expressa na recíproca inversa do versículo: “onde está o meu servo, aí também eu estou”. Através da própria Palavra de Deus se constata a habitação do Senhor no ciberespaço por meio dos seus discípulos. Como indica também *Jo 13, 20*: “quem recebe aquele que eu enviar, a mim recebe e quem me recebe, recebe aquele que me enviou”.

Pelo amor, se reconhece quem é verdadeiramente discípulo de Cristo (*Jo 13, 34-35*). Todo o *Jo 14, 15, 16 e 17* fala dessa relação amorosa entre as pessoas divinas e humanas. O que as constitui como pessoas é justamente o compromisso de amor e de corresponsabilidade entre elas. A caridade é o princípio e o fim de todas as coisas, tanto do bem comum, das relações e conexões na rede, quanto da comunhão entre as pessoas e das pessoas com Deus.

O bem comum nasce da dignidade e dos direitos fundamentais das pessoas humanas. O bem comum não se forma pela simples agregação dos bens individuais de um *corpus* social, pois ele é, igualmente, de todos e de cada um, comum e indivisível, só é alcançado na união dos membros da sociedade. Da mesma maneira que o agir moral individual se efetiva em fazer o bem, o agir social pode chegar à plenitude apenas na realização do bem comum.²⁹⁶

Conexão é um termo extremamente relevante no contexto social em rede, cujo sentido é a interligação ou relação de pessoas através de aparatos tecnológicos. Conectar consiste no ato de vincular uma parte à outra e através dessa união transmitir informações, energia, objetos. No que diz respeito à internet, a conexão se constitui por meio de relações interpessoais que compartilham umas com as outras notícias, pensamentos, conhecimentos, interesses, isto é, comunicam a si mesmas. Em suas Mensagens para o Dia Mundial das Comunicações, Bento XVI demonstra ter apreendido a importante distinção entre conexão e comunhão. A sociedade digital está totalmente interconectada através das novas tecnologias de informação e comunicação, de forma tecnológica e muitas vezes superficial. Entretanto, isso ainda não é comunhão.

A conexão é fruto do nosso esforço e da nossa mediação. A comunhão está num outro nível. Isso não significa que não possamos vivê-la, ao contrário, devemos viver a comunhão. Porém, só podemos colocar as condições para estabelecer comunhão: abrir os olhos, ouvidos, coração, mente. Mas a comunhão, enquanto tal, é dom do Espírito

²⁹⁶ IGREJA CATÓLICA. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, n. 164-165.

Santo. Portanto, na rede podemos viver a comunhão. Melhor, nós somos chamados a viver a comunhão.²⁹⁷

Esse chamado da sociedade enredada à comunhão já havia sido percebido por Bento XVI e foi reiterado por Francisco. Porém, essa possibilidade se tornará realidade se a humanidade hiperconectada preparar seu terreno interior para uma abertura ao Espírito Santo, a fim de que Deus possa conceder o dom da comunhão. Ao se afirmar que os seres humanos são imagem e semelhança de Deus, se está dizendo que a humanidade foi moldada conforme o estilo de vida que se vive no lar trinitário. O mistério da pessoa e da comunidade humana pode ser compreendido no reflexo da Santíssima Trindade. O ser humano é obra inacabada, portanto, imagem de Deus em formação. Nesse processo de formação do humano abre-se a possibilidade do pecado e suas consequências destrutivas para o homem e para o cosmos.²⁹⁸

A globalização, que possibilita a interconexão de diversas características da vida inserida em um vasto contexto universal, causou um impacto significativo na vida sócio-cultural e individual e é um dos desafios mais urgentes do período histórico atual.²⁹⁹ Também é um sinal de que Deus é sempre surpreendente, convidando ao ser humano a colaborar na construção responsável de uma nova humanidade.³⁰⁰

Estudos antropológicos recentes voltam a enfatizar a unidade do ser humano, como a genética e a psicologia social. No entanto, a maioria das pesquisas contemporâneas carece de mencionar a dimensão transcendental. “O materialismo e o idealismo afirmam a homogeneidade radical do ser, reduzindo tudo à matéria ou ao espírito”³⁰¹. A transcendência demonstra a capacidade e a liberdade do ser humano para superar seus próprios limites, se abrir para o novo da vida, sair de dentro de si para ir ao encontro dos outros.³⁰² Sobretudo, a transcendência revela que o homem é *capax Dei* e que Deus é o significado primordial da existência humana e do mundo.

Edgar Morin fala em duas globalizações que são interligadas e opostas.³⁰³ A primeira é notória: o desenvolvimento das comunicações através das potentes tecnologias digitais, em especial a expansão da internet móvel que permite a todos estar conectados com todos em quase todos os lugares do mundo. No entanto, não se pode confundir comunicação com compreensão.

²⁹⁷ Conferências e Seminários ministrados por Antonio Spadaro no 4º Encontro Nacional da PASCOM, de 24 a 27 de julho de 2014, em Aparecida do Norte, SP.

²⁹⁸ ZILLES, U. *Antropologia teológica*, p. 91.

²⁹⁹ *Ibidem*, p.88.

³⁰⁰ ESQUERDA, J. B. *Misionología*, p. 167-168.

³⁰¹ ZILLES, U. *Antropologia teológica*, p. 92.

³⁰² *Ibidem*, p. 93.

³⁰³ MORIN, E. et al. *As duas globalizações*, p. 42-48.

Então, concorrendo com o potencial comunicativo da humanidade há uma incompreensão globalizada. Compreensão é um acontecimento que ativa a capacidade de se simpatizar por alguém que é sujeito a fim de apreendê-lo. Dessa forma existe uma dificuldade básica na sociedade hipercomunicativa: multiplica-se a comunicação em suas variadas maneiras, mas a compreensão não está acompanhando o seu desenvolvimento.

Paradoxalmente, o mundo encontra-se ao mesmo tempo cada vez mais uno e fragmentado, mais globalizado e tribalizado. Há um processo de universalização e tribalização onde cada fragmento de mundo adquire relevância e repercussão global e o global pode ser encontrado em cada fragmento. Como McLuhan já profetizou, o mundo forma a aldeia global. Por isso, se vive uma situação semelhante a dos primeiros cristãos. Se os primeiros discípulos se reuniam todos num mesmo lugar, hoje, através da rede, é possível se encontrar com todos os amigos ou companheiros de missão num mesmo ambiente digital.

Essa dinâmica da rede lembra a vivência da comunhão eucarística em que cada pessoa forma o Corpo Místico de Cristo da mesma forma que, em cada pessoa, habita o Deus Uno e Trino inteiramente. A parte está no todo assim como o todo está em cada parte. Recorda também a perspectiva teilhardiana segundo a qual o ser humano, o mundo e Cristo formam um único meio divino que está em processo de plenificação.

[...] o Universo consumado (o Pleroma, como diz Paulo) é uma comunhão entre pessoas (a Comunhão dos Santos), é necessário que o nosso espírito expresse os laços com o universo por meio de analogias sociais. [...] muitos teólogos (mais temerosos nisto do que São Paulo) não gostam de ver que se dá um sentido muito realista às conexões que religam os membros à Cabeça no Corpo místico. [...] É necessário [...] que nós percebamos, entre nós e o Verbo, a existência de laços tão rigorosos como os que dirigem, no mundo, as afinidades dos elementos para a edificação de todos os “naturais”.³⁰⁴

Deste modo, em cada alma, Deus ama e salva parcialmente o universo todo, que esta alma sintetiza de forma pessoal e incomunicável. Ao mesmo tempo, essa nova realidade lança um desafio: as pessoas estão em condições de pensar todas juntas? A globalização produz um *plus* cognitivo de conhecimento. Para viver a experiência da catolicidade da Igreja a qual o ser humano é chamado, é necessário contextualizar, não somente globalizar. Vislumbrar não exclusivamente as partes, mas a integralidade da realidade.

Edgar Morin acreditava que a humanidade está cada vez mais incapaz de raciocinar sobre seu próprio mundo. Ele percebe a necessidade de uma reforma *mentis* que admita o

³⁰⁴ TEILHARD DE CHARDIN, P. *O meio divino*, p. 24.

desenvolvimento do conhecimento por meio das interações globais.³⁰⁵ É importante perceber que desenvolvimento e técnica são ambivalentes. Se a ambiguidade da era digital traz desafios para a vida humana e comunal, também desafia a vivência da fé na Igreja. Segundo Esquerda, uma globalização solidária só será possível através de pessoas que vivam autenticamente sua fé, sejam quais forem suas religiões, sempre abertas aos dons do Espírito recebidos para compartilhar e formar uma única família humana em Deus.³⁰⁶

2.3.3 A espiritualidade comunal da rede

Na era digital é preciso descobrir um novo modo de ser Igreja. Por exemplo, o conceito de próximo mudou. O meu próximo no ciberespaço é alguém que está ligado à minha rede, mas pode estar a milhares de quilômetros de distância. O nativo digital está aprendendo a amar o seu “*link*” como a si mesmo.³⁰⁷ Isso acontece porque o conceito de “presença” também mudou. O ambiente digital oportuniza uma presença distinta da presença física. Ambas são reais e complementares entre si. As redes sociais são compostas por tramas de relações entre pessoas. A Igreja não pode ser equiparada a uma rede social, pois ela é um “dom” e não somente um ambiente onde se comunicam e se trocam mensagens.

A Igreja ultrapassa sua realidade material, presencial, institucional e humana. Seu princípio e fim é a Trindade, pois tem como objetivo unir Cristo intimamente a toda humanidade, pelo Espírito. Portanto, a Igreja é primordialmente comunhão entre pessoas. O Verbo fazer-se carne no ser humano é obra do Espírito Santo. Deus pode habitar no interior humano porque é Espírito. Assim, o Espírito é o fundamento de uma rede, é Ele quem torna possível a comunhão. A Igreja é um organismo vivo, na medida em que mantém viva as suas relações interpessoais. O mistério eucarístico só ocorre quando existe comunhão no Espírito. No momento em que as pessoas comungam, Deus as transforma em extensões da vida de Cristo, e se tornam seu Corpo Místico Real.

Assim, retorna-se a pergunta fundamental: Deus pode habitar no ciberespaço? Apesar das críticas que recebe, o ciberespaço é um lugar privilegiado para a busca e o encontro de Deus nas e com as pessoas. “O ciberespaço é a interface onde Deus pode chegar até nós, pois a

³⁰⁵ MORIN, E. et al. *As duas globalizações*, p. 49-51.

³⁰⁶ ESQUERDA, J. B. *Misionología*, p. 169.

³⁰⁷ SPADARO, A. *Ama o teu “link” como a ti mesmo*.

experiência espiritual acontece dentro de nós”.³⁰⁸ Santo Inácio de Loyola ajuda a entender a presença de Deus em todas as coisas:

Considerarei como Deus está presente nas criaturas. Nos elementos, dando-lhes o ser. Nas plantas, dando-lhes a vida vegetativa. Nos animais, a vida sensitiva. Nos homens, a vida intelectual. Em mim, dando-me a existência, a vida, a sensibilidade e a inteligência: e tendo-me criado à imagem e semelhança de sua divina Majestade, fez de mim um templo seu.³⁰⁹

Logo, a Trindade se exprime em tudo o que criou, do grão de areia ao ser humano, tudo o que subsiste carrega um traço divino. De maneira particular e única, o Filho de Deus encarna-se na terra através da vida humana. Se a rede é composta por pessoas em relação, não é difícil constatar como Deus habita no ciberespaço. Na medida em que se vive com autenticidade a fé que Paulo confessou – “Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim” (*Gl 2, 20*) – assim, Deus vive na rede por meio de nós. O Espírito é o próprio amor que procede do Pai para o Filho, de Jesus para o homem e deste novamente para Cristo, acendendo uma ligação tão densa que se forma um só Corpo e um só Espírito com Ele. Destarte, Deus se faz presente na internet através da Comunhão do Espírito:

A “comunhão do Espírito Santo conosco” corresponde a sua eterna comunhão com Deus. [...] Na comunhão do Espírito, por isso, não estamos ligados apenas externamente com o Deus trino, mas internamente. Pelo Espírito somos recebidos na eterna comunhão de vida do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e nossa vida humana limitada participa da eterna circulação da vida divina. Na comunhão do Espírito Santo com todos nós, portanto, experimentamos a proximidade da vida divina, bem como nossa própria vida mortal como vida eterna. Estamos “em Deus”, e Deus está “em nós”. [...] Na comunhão do Espírito Santo, a Trindade divina possui uma abertura tamanha que toda a criação encontra lugar nela.³¹⁰

De acordo com Moltmann, a comunhão do Espírito supera a Assembleia e se expande para a humanidade inteira. Nessa perspectiva, a Igreja simboliza e efetiva a comunhão entre Deus e o ser humano no Espírito Santo e a comunhão das pessoas humanas entre si inclusas na grande comunhão trinitária. Diante do fato da rede ser constituída por pessoas, ou seja, pelo Corpo Místico de Cristo, é possível relacionar a internet como uma imagem dessa extensão do ser Igreja, e vislumbrar a rede eucarística formada por pessoas em comunhão.

Papa Francisco, como um bom jesuíta, acredita que Deus se manifesta no hoje e pode surpreender ao discípulo no caminho, seja ele físico ou digital. Na busca humana por Deus, o

³⁰⁸ SILVA, A. A. *Cibergraça*, p. 510.

³⁰⁹ LOYOLA, I. *Exercícios Espirituais*, p.131.

³¹⁰ MOLTMANN, J. *A Fonte da Vida*, p. 96-97.

mais importante é buscá-lo nas pessoas: “A tradição e a memória do passado devem ajudar-nos a ter a coragem de abrir novos espaços para Deus. [...] Tenho uma certeza dogmática: Deus está na vida de cada pessoa. Deus está na vida de cada um”.³¹¹ Spadaro também acredita que a presença de Deus no ciberespaço não seja virtual, mas real, pois Jesus disse que “onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles” (*Mt 18, 20*). Quando Cristo afirma isso, ele não quer dizer que estará lá com o seu *avatar*, mas estará presente realmente. “O problema é que costumamos pensar que o processo comunicativo é um processo virtual, não atual, potencial, porém, não real. Eis aqui um desafio teológico, justamente porque somente a reflexão teológica não confunde o virtual com o espiritual” (informação verbal).³¹² Portanto, o que é espiritual não pode ser considerado virtual. Dessa forma, a teologia como ciberteologia se torna modelo para se compreender a comunicação.

Concluindo

“Vinho novo em odres novos” (*Mt 9, 17*) – No decorrer deste capítulo, percebemos que não é a criação de estruturas novas que deixam as pessoas boas, é preciso gerar pessoas novas para uma estrutura social nova. O que acontece hoje na internet é que se reproduz o “homem velho” em moldes novos que acaba por romper o odre, isto é, os seres humanos vão continuar tendo um comportamento vicioso e pecaminoso na e através da rede. A *web* deveria ser o lugar do *novíssimus* de Deus, mas o potencial criativo do ciberespaço foi podado por padrões restritivos que enquadram o agir, o ser, o expressar, o relacionar e o criar humanos dentro do ambiente digital.

“A internet, como o nome já diz, é um ‘entre nós’. Ela está entre nós não para nos separar, mas para nos unir. A internet é chamada a ser uma ponte entre os seres humanos e também entre Deus e os homens”.³¹³ No entanto, nota-se que ao mesmo tempo em que a graça corre pelo fluxo de comunicações e relações na rede, o mal, que é a negação da graça de Deus, vai deixando um rastro de destruição no ciberespaço, tecendo uma anti-rede, uma teia de pecados, vícios e aberrações. Mas essa *harmatiosfera* não é a verdadeira realização da rede, mas sua falsificação e deformação. Pois, “se a rede, chamada para conectar, na realidade acaba por isolar, então está traindo a si mesma, o seu significado”.³¹⁴

³¹¹ SPADARO, A. *Entrevista ao Papa Francisco*, p. 16.

³¹² Conferências e Seminários ministrados por Antonio Spadaro no 4º Encontro Nacional da PASCOM, de 24 a 27 de julho de 2014, em Aparecida do Norte, SP.

³¹³ SILVA, A. A. Cibergraça. *Anais do IV Congresso da ANPTECRE*, p. 511-512.

³¹⁴ SPADARO, A. *Ciberteologia*, p. 61.

O ciberespaço pode ser visto como um ecossistema de pessoas. Isso quer dizer que é possível transformar a *web* numa biblioteca, num santuário, numa praça pública, ou ainda num lugar onde se pratica crimes, conforme as atitudes tomadas neste espaço. Assim, fica clara a urgência da Igreja não somente em “usar o meio”, “agir e se comunicar”, mas em habitar no ambiente digital, sendo cada cristão sinal da presença viva de Jesus na rede. O ciberespaço pode ser um solo fecundo para o amor e a comunhão florescer. Além disso, é lógico que Deus queira falar com seus nativos digitais no seu *habitat* natural. Dessa forma, a geração net tem a missão de descobrir a forma de espiritualidade característica da rede.

Duas barreiras que bloqueiam a construção da comunhão na rede são as muralhas do egoísmo e do coletivismo. A lógica da rede não pode se tornar nem uma lógica individualista tampouco uma lógica massificadora, pois ambas destituem o ser humano da sua subjetividade, transformando-os em fantoches dos próprios desejos ou da vontade dos outros. É necessário por fim à visão dualista e reunificar o espírito e a técnica, a fé e a ciência, a realidade física e digital, a alma e o corpo. Na concepção teilhardiana, todos os seres humanos, Cristo e o mundo fazem parte de um único “Meio Divino” através do qual Deus quis atuar e se revelar. Portanto, é preciso redescobrir a dignidade do ser humano como pessoa e o papel da fé cristã nos tempos da rede. Dessa forma Igreja como comunhão, missão e evangelização são as palavras-chave do próximo e último capítulo dessa dissertação.

*Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho
a toda criatura. (Mc 16, 15)*

3 IMISSIO: O DESAFIO DE EVANGELIZAR E VIVER A FÉ NA ERA DIGITAL

No campo da evangelização, várias iniciativas estão surgindo atualmente, principalmente na nova ambiência de relações que chamamos de internet. É o caso de *iMisión*, um grupo composto por católicos de distintos movimentos e famílias religiosas, de todos os estados de vida que compartilham de um mesmo chamado: evangelizar na rede. Originado na Espanha, o objetivo destes cristãos é compor uma rede mundial de missionários que se apoiem mutuamente, que fortaleça os laços de comunhão e ofereça aos membros uma formação continuada sobre a internet. O primeiro congresso mundial de evangelização digital, *iMisión – iMisioneros Em(red)ados*, ocorreu de 04 a 06 de abril de 2014 em Madri.

Seguindo o terceiro passo do método ciberteológico, a *ação*, e inspirado nesse empreendimento dos membros da Igreja Espanhola, este capítulo chama-se *iMissio*, pois reflete sobre os desafios da nova evangelização para uma Igreja “em saída” de missão também no ciberespaço. Para isso, compara-se o panorama atual dos nativos digitais com a evangelização dos índios do Novo Mundo, isto é, da América Latina no século XVI, formulando pistas para uma ação evangelizadora autêntica e eficaz.

As definições fundamentais deste capítulo são missão e evangelização. Segundo Juan Esquerda Bifet, missão é o ato de emitir ou de receber uma responsabilidade, já evangelização indica o sentido e direção da missão, o modo como esta deve se realizar.³¹⁵ Os autores bíblicos não empregam estes substantivos, mas seu sentido encontra-se no uso dos verbos enviar, testemunhar, anunciar, proclamar e evangelizar. A palavra missão é introduzida por Santo Inácio de Loyola, século XVI, no contexto da fundação da Congregação de “Propaganda Fide” e somente passará ao vocabulário teológico no século XIX. O termo evangelização é instituído posteriormente pelos teólogos reformadores do século XIX, embora já houvesse aparecido em documentos conciliares e pós-conciliares.³¹⁶ A “missão cristã” provém de Deus e, como a expressão já sugere, esta foi realizada por Jesus e outorgada à sua Igreja. Assim, a missão dos cristãos é dar continuidade à missão de Cristo, construindo e anunciando o Reino de Deus, preparando a humanidade para a vinda definitiva do Senhor.

³¹⁵ ESQUERDA, J. B. *Misionología*, p. 64.

³¹⁶ *Ibidem*, p. 65.

3.1 Igreja como comunhão de pessoas em tempos de internet

O teólogo ortodoxo John Zizioulas afirma que o ser da Igreja é comunhão. Essa concepção resgata o cerne e a relevância profunda da Igreja na sociedade em rede. Para Zizioulas, Igreja não é apenas uma instituição, mas uma maneira de existir, um jeito de ser. Segundo o autor, no instante em que a pessoa ingressa na comunidade eclesial pelo batismo, torna-se “*imago Dei*”, isto é, configura-se à forma de ser e existir de Deus. Essa maneira de ser não é um feito moral pessoal, pois não se concretiza como evento individual, mas como acontecimento eclesial. Ser Igreja possui um jeito de se relacionar com o mundo e com as pessoas e, sobretudo, uma maneira de dialogar e unir-se a Deus. Logo, Assembleia é comunhão.³¹⁷

Entretanto, para a Igreja expor sua forma de existir, ela própria deve se constituir como imagem de Deus. Isto significa que o conjunto de seus ministros e pastores deve dar o exemplo dessa vida espelhada na Trindade. O ser de Deus apenas se revela nos relacionamentos de amor entre pessoas. Portanto, o ser de Deus consiste em relacionalidade e sem a concepção de comunhão não se poderia pensar no ser divino. Para Zizioulas, não há autêntico ser sem existir comunhão, logo, comunhão constitui-se uma categoria ontológica. No entanto, o ser verdadeiro procede exclusivamente de pessoas livres que se amam gerando comunhão.³¹⁸ “Ser significa vida, e vida significa comunhão”³¹⁹.

Portanto, a Igreja como “comunhão” é uma comunidade de irmãs e irmãos de fé que se solidarizam com toda a família humana. De acordo com Esquerda, a missão da Igreja é estabelecer a comunhão entre todos os seres humanos, fazendo com que “a humanidade seja família de Deus, na qual a plenitude da lei seja o amor” (GS 32).³²⁰ Logo, “sem a dimensão da globalidade, a missão da Igreja deixaria de ser missão de Jesus”³²¹.

Para Spadaro, o desafio da Igreja não é descobrir qual a melhor maneira de usar bem a *web* para evangelizar, como muitos imaginam, mas como viver bem nos tempos da rede. Isto significa que a Igreja precisa aprender a ser conectada com as pessoas e o mundo de forma fluida, natural, ética e espiritual, vendo a internet como um ambiente repleto de vida.³²²

Papa Francisco na *Evangelii Gaudium* pede para sermos uma “Igreja «em saída»”, isto é, “sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da

³¹⁷ ZIZIOULAS, J. *Being as communion*, p. 15-19.

³¹⁸ *Ibidem*, p. 17.

³¹⁹ *Ibidem*, p. 16.

³²⁰ ESQUERDA, J. B. *Misionología*, p. 167.

³²¹ *Ibidem*, p. 170.

³²² SPADARO, A. La fede nella rete delle relazioni. *La Civiltà Cattolica*, p. 259.

luz do Evangelho”³²³. Essa exortação apostólica marca um novo jeito de ser Igreja. Na verdade, resgata valores imprescindíveis para a Igreja de Cristo, especialmente seu caráter comunal e apostólico. O documento também reafirma definições estabelecidas no Concílio Vaticano II como Igreja, povo de Deus peregrina na história.³²⁴

Através de obras e atitudes, o Santo Padre exorta a comunidade missionária a entrar na vida diária das pessoas, a reduzir as distâncias, a abaixar-se até à humilhação se for preciso para assumir a vida dos homens e mulheres, sentindo seus sofrimentos como os do próprio Cristo. Aqui se capta outra imagem da Igreja em consonância com o Vaticano II: Igreja, Corpo Místico de Cristo.³²⁵ Não só os crentes, os ministros, os evangelizadores, mas a humanidade inteira faz parte deste Corpo, portanto, se qualquer povo, grupo ou pessoa, independente de suas crenças, estão em desigualdade e injustiça, todo o Corpo sofre junto.³²⁶

A imagem da rede que liga digitalmente as pessoas do mundo inteiro é uma ótima metáfora para visualizar a Igreja como comunhão de pessoas. Não apenas como metáfora visual, mas o assumir a vida humana que Papa Francisco solicita aos fiéis diz respeito também a conviver onde as pessoas atualmente passam boa parte do seu tempo: nas redes sociais. Nelas é possível tanto ver faces que resplandecem Jesus Ressuscitado quanto contemplar rostos que transparecem a Cristo Crucificado. Em ambos os casos, é possível ter uma experiência mística, comungar das dores e das alegrias dos irmãos e irmãs. “Os evangelizadores contraem assim o «cheiro de ovelha», e estas escutam a sua voz”.³²⁷ Essa afirmação remete a necessidade do contato humano, de chegar junto, aproximar-se das pessoas, especialmente na comunicação face a face, mas também na interação digital.

Outra figura da Igreja é a de uma mãe de coração aberto que “prega ao povo como uma mãe fala ao seu filho, sabendo que o filho tem confiança de que tudo o que se lhe ensina para o seu bem, porque se sente amado”.³²⁸ Ou também pode ser vista como a casa paterna esperançosa que conserva a Eucaristia como um remédio, um alimento, um banquete para celebrar o retorno e a restauração de seus filhos pródigos. Portanto, uma Igreja *ad extra* é uma Igreja de portas abertas. O Papa aconselha a reduzir as atividades, se for necessário, para olhar nos olhos uns dos outros e escutar, diminuir o passo para acompanhar àqueles que caíram pelo caminho.³²⁹ A Igreja é chamada a ser perita em humanidade, conforme Francisco:

³²³ FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*, n. 20.

³²⁴ IGREJA CATÓLICA. *Lumen Gentium*, n. 9.

³²⁵ *Ibidem*, n. 7.

³²⁶ FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*, n. 24.

³²⁷ *Ibidem*, n. 24.

³²⁸ *Ibidem*, n. 139.

³²⁹ FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*, n. 46-47.

[...] prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. [...] Se alguma coisa nos deve santamente inquietar [...] é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida. Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa protecção, [...] enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar: «Dai-lhes vós mesmos de comer» (Mc 6, 37).³³⁰

Baseado nos ensinamentos e atitudes do Papa na Jornada Mundial da Juventude (JMJ) Rio 2013, Antonio Spadaro observou dois modelos de Igreja: Igreja-farol e Igreja-tocha. No primeiro modelo, a Igreja é um farol com uma luz muito visível, alta e firme. É a Igreja tradicional que orienta, denuncia e proclama sob a luz da verdade. Papa Francisco faz compreender que a Igreja não pode ser apenas um farol, mas também uma tocha. A tocha caminha por onde andarem os homens. Se a humanidade não aceita permanecer no mesmo lugar sob a luz do farol, a luz deve descer e acompanhá-los. No segundo modelo, a Igreja-tocha peregrina com seu povo na história, segue a lógica humana e acima de tudo a lógica da encarnação, pois Deus mesmo rebaixou-se para caminhar junto com as pessoas concretamente. É o Espírito Santo quem carrega esta chama que é a Igreja ao lado de todos os humanos.³³¹ Conforme a *Evangelii Gaudium*:

Ser Igreja significa ser povo de Deus [...] ser o fermento de Deus no meio da humanidade; [...] anunciar e levar a salvação de Deus a este nosso mundo [...]. A Igreja deve ser o lugar da misericórdia gratuita, onde todos possam sentir-se acolhidos, amados, perdoados e animados a viverem segundo a vida boa do Evangelho.³³²

Outra análise de Spadaro sobre a missão da Igreja nos tempos de Francisco diz respeito a uma releitura da parábola da ovelha perdida. Segundo ele, hoje o quadro se inverteu: não são as 99 ovelhas que permanecem no aprisco, mas apenas uma. Ele critica a atitude que muitos membros da Igreja ainda têm de ficar “penteando o pelo” da única ovelha que ficou ao invés de saírem ao encontro das 99 que estão perdidas.³³³ É isso que Papa Francisco quer dizer com a cultura do encontro: é missão da Igreja sair ao encontro da humanidade e fazer-se presente junto

³³⁰ FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*, n. 49.

³³¹ Formação dada por Antonio Spadaro aos consagrados, colaboradores e estudantes da Canção Nova ocorrida, de 28 e 29 de julho de 2014, em Cachoeira Paulista, SP.

³³² FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*, n. 114.

³³³ Conferências e Seminários ministrados por Antonio Spadaro no 4º Encontro Nacional da PASCUM, de 24 a 27 de julho de 2014, em Aparecida do Norte, SP.

a ela. Diante dessa metáfora, surge o conceito de uma Igreja líquida, isto é, uma eclesiologia que segue as correntes da Água Viva, a dinâmica do Espírito inserida na cultura líquida.

Diante de uma sociedade líquida, eu creio que o anúncio do Evangelho deveria se tornar também líquido. Se a sociedade é líquida e você sólido, é como se eu colocasse algo rígido na água, ela o circunda e o supera. A única forma é tornar o anúncio líquido para que ele possa se misturar. Em uma situação na qual as instituições não são mais valorizadas e cujas mensagens institucionais não tem muito valor, a lógica do testemunho funciona melhor, pois é um modo de comunicar a mensagem não por transmissão, mas por compartilhamento.³³⁴

Nesse modelo eclesiológico, a pluralidade cultural não ameaça a unidade da Igreja porque nela o Espírito Santo flui e une os corações, capacitando a comunidade líquida a ingressar na comunhão trinitária, instaurando uma unidade que não é uniforme, mas multiforme harmonia que atrai.³³⁵ Neste Corpo Místico fluído os seres humanos se tornam sacramento uns para os outros. “A comunhão é missionária e a missão é para a comunhão. Sempre é o único e mesmo Espírito que convoca e une a Igreja e que envia para pregar o Evangelho”.³³⁶ O princípio e modelo pleno desta comunhão em saída de missão é a Trindade. “A Igreja é comunhão para a missão, é comunhão missionária”.³³⁷ Portanto, Igreja é comunhão de fé e caridade com o Filho e o Pai, no Espírito Santo.

A rede interfere de forma intensa em todas as experiências humanas. A Igreja deve estar presente na rede porque o ser humano da era digital vive e pensa em rede. Por essa razão, Papa Francisco acredita que “as estradas digitais são um campo essencial na nova ‘saída’ missionária”.³³⁸ A respeito da relação entre Igreja e internet, Antonio Spadaro tem uma afirmação muito forte em seu livro *Ciberteologia*:

A Igreja está naturalmente presente onde o homem desenvolve a sua capacidade de conhecimento e de relações; desde sempre ela possui no anúncio de uma mensagem e nas relações de comunhão os dois pilares fundamentais de sua existência. Eis porque a rede e a Igreja são duas realidades “desde sempre” destinadas a se encontrar.³³⁹

Este discurso faz surgir algumas questões: Sobre o que se funda a Igreja? Sobre o anúncio do Evangelho e sobre as relações eclesiais de comunhão. No que se baseia a rede? Nas

³³⁴ Conferências e Seminários ministrados por Antonio Spadaro no 4º Encontro Nacional da PASCOM, de 24 a 27 de julho de 2014, em Aparecida do Norte, SP.

³³⁵ FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*, n. 117.

³³⁶ JOÃO PAULO II. *Christifideles Laici*, n. 32.

³³⁷ PEDROSA, V. M. Catequese Trinitária. In: PIKAZA, X. (Org.). *Dicionário Teológico O Deus Cristão*, p. 149-150.

³³⁸ FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*, n. 20.

³³⁹ SPADARO, A. *Ciberteologia*, p. 24.

mensagens comunicadas e nas relações vividas. Então, os dois pilares que fundamentam a experiência da Igreja e da rede são a comunicação e a relação. Qual o papel da rede no plano de Deus para a humanidade? Pois, não é possível que um fenômeno que envolve as pessoas de maneira tão ampla e profunda seja insignificante aos planos de Deus. A Igreja não deve estar na rede simplesmente porque tem que ser moderna e atual. Não é essa pergunta que a Igreja deve se fazer, mas: Como a rede pode contribuir para viver melhor a experiência de Igreja? Ou melhor: Como a Igreja pode ajudar a humanidade a compreender e viver melhor a rede? Portanto, não é a rede que deve plasmar a visão da Igreja, mas a Igreja com seus dois mil anos de sabedoria, de relação e de anúncio pode auxiliar a rede a ser verdadeiramente ela mesma. Assim, na opinião de Spadaro, essas duas realidades são chamadas a convergirem.³⁴⁰

Na visão de Antonio Spadaro, o Papa Francisco anuncia uma experiência de Igreja da América Latina que neste momento ganha uma função histórica muito importante. O conceito que melhor expressa a Igreja latino-americana é a comunidade. Para Spadaro, essa experiência viva da comunicação eclesial na América Latina deve ajudar o mundo a compreender melhor e a viver a experiência de comunhão.³⁴¹ Por isso, o próximo tópico abordará a nova evangelização nos tempos da rede, realizando uma comparação entre a situação da evangelização dos indígenas no Novo Mundo, América Latina recém-descoberta, com a evangelização dos nativos digitais na era digital.

3.2 A evangelização do Novo Mundo

Por mais distante que pareça, a missiologia do século XVI pode contribuir para compreender o “Novo Mundo” digital que a humanidade vive. Este é um mundo “recém-descoberto”, que se deve observar, com seus nativos digitais que possuem comportamentos tão diferentes da “civilização” anterior. Compara-se o panorama da descoberta da América e dos povos latino-americanos pelos europeus com a invenção da internet que transformou a realidade a tal ponto que se pode dizer que as pessoas vivem em um novo mundo a ser desvelado, interpretado, assimilado, com seus nativos, cultura e conhecimentos próprios.

A humanidade vive hoje um neopaganismo, um mundo pós-cristão, onde a população mundial aumenta e o percentual de cristãos diminui. Atualmente, há tantos ídolos que oferecem

³⁴⁰ Formação dada por Antonio Spadaro aos consagrados, colaboradores e estudantes da Canção Nova ocorrida, de 28 e 29 de julho de 2014, em Cachoeira Paulista, SP.

³⁴¹ Conferências e Seminários ministrados por Antonio Spadaro no 4º Encontro Nacional da PASCUM, de 24 a 27 de julho de 2014, em Aparecida do Norte, SP.

inúmeros prazeres e satisfações que o Deus de Jesus Cristo sofredor não atrai mais, é até uma contrapropaganda, pois num mundo hedonista e narcisista, não parece ter lógica pregar a conversão, a renúncia de si mesmo. É preciso entender essa nova realidade para perceber como falar de Deus para o ser humano contemporâneo e como atraí-lo à fé cristã.

Coincidência ou não, assim como os membros de *iMisión*, o pioneiro na reflexão sobre a missão no Novo Mundo, também era espanhol: o frei dominicano Bartolomeu de Las Casas. Segundo frei Carlos Josaphat, Las Casas revela toda sua vida e mensagem na obra *Único modo de atrair todos os povos à verdadeira religião*.³⁴² Acredita-se que a teologia da missão de Las Casas no Novo Mundo, a qual resgata o método apostólico, contribui na elaboração de uma missiologia para o “Novo Mundo” digital, o ciberespaço.

Bartolomeu de Las Casas nasceu na Espanha, em Sevilha, mas desde a infância foi tomado por uma paixão pelo Novo Mundo. Seu pai participou da segunda expedição de Cristóvão Colombo e trouxera presentes que contagiavam a família inteira com a curiosidade pelas terras descobertas. Bartolomeu chega à América ainda jovem como um *encomiendero*. É o primeiro sacerdote ordenado em solo latino-americano. Sua conversão ocorreu posteriormente, em 1514, aos trinta anos de idade, sob a influência de seus amigos dominicanos, mas, sobretudo, por uma experiência mística ao ler um trecho do Eclesiástico durante a missa de Pentecostes: “oferecer a Deus os bens tomados dos pobres é como imolar o filho diante dos olhos do pai” (*Eclo 34, 19s*). Tornou-se frade dominicano em 1527.

Em sua missiologia, Las Casas introduz o conceito de justiça como princípio básico da evangelização.³⁴³ Na raiz de seu projeto apostólico e social estão os objetivos de: constituir a fraternidade entre os povos da América e da Espanha com apreço e respeito mútuos; criar comunidades que pratiquem a igualdade de direitos e a valorização das diferentes culturas; unir evangelização e promoção da justiça e da liberdade, de forma que os indígenas possam escolher livremente crer em Cristo.

Essa nova evangelização traz consigo um novo modelo de Igreja. Quando Las Casas aceita tornar-se bispo de Chiapas em 1544, seu intuito é viver e apresentar à Igreja um novo modelo de bispo voltado à justiça social e à defesa dos mais pobres e desamparados. Conforme frei Josaphat, o símbolo desse novo paradigma de Igreja e de autoridade eclesiástica é fazer de

³⁴² Frei Carlos Josaphat é coordenador geral e autor das introduções e notas da edição da obra de Bartolomeu de Las Casas “*Único modo de atrair todos os povos à verdadeira religião*”. JOSAPHAT, C. Suma de Teologia e de democracia no alvorecer do novo mundo. In: LAS CASAS, B. *Único modo de atrair todos os povos à verdadeira religião*, p. 33.

³⁴³ JOSAPHAT, C. Sentido de Deus e do outro. In: LAS CASAS, B. *Único modo de atrair todos os povos à verdadeira religião*, p. 19-22.

seu confessor um instrumento de libertação dos escravos e de solidariedade entre os seres humanos. Pois, o bispo de Chiapas decreta a todos os sacerdotes sob sua jurisdição que não se dê absolvição sacramental a donos de escravos.³⁴⁴ Vê-se que esse jeito de fazer teologia com engajamento social na América Latina acontece desde seus primórdios e não é exclusividade da recente teologia da libertação.

Esse caminho de conversão que transformou Las Casas no primeiro e mais importante defensor e evangelizador dos povos indígenas da América passou primeiramente por um encantamento pelos nativos e sua cultura. Ele via no selvagem uma nova humanidade, forte, dotada de uma civilização e de uma cultura diferentes. Assim, Bartolomeu de Las Casas ensina a confrontar e aceitar o diferente. As gerações que não tiveram contato com a informática também têm dificuldade de compreender a geração de nativos digitais como uma nova humanidade e ver a cibercultura como uma nova cultura e não como uma contracultura.

3.3 Os nativos digitais: bárbaros ou cidadãos de uma nova cultura?

Ao se deparar com algo novo, a tendência humana é ter medo, a resistência à mudança ou ao diferente leva a criar rótulos e preconceitos àquilo que não se conhece bem. Isso ocorreu no descobrimento da América, quando os europeus viram pela primeira vez os índios e seus hábitos. Os colonizadores adotaram uma postura confortável e hipócrita, totalmente incoerente com a fé que professavam. Por ambicionarem mão de obra barata, eles queriam explorar as riquezas das novas terras. Por isso, buscaram argumentos para chamar os indígenas de bárbaros, para afirmar que nem humanos eram e não tinham direito de supremacia sobre as terras, tampouco sobre suas próprias vidas.

Na tentativa de convencer a corte espanhola de que o método de colonização e de evangelização utilizado pelos missionários colonizadores era pecaminoso e injusto, Bartolomeu tentou provar que os “selvagens” eram verdadeiramente humanos. Para isso, escreveu o tratado de etnologia cultural *Apologética História Sumária* que visava exaltar os índios e sua cultura. No *Único modo*, o autor também descreve algumas características destes povos latino-americanos que demonstram qualidades humanas e até evangélicas.

Assim, sobressaem pela sobriedade e moderação na comida e na bebida, pela harmonia controlada e pelo comedimento nas inclinações às coisas sensíveis e aos

³⁴⁴ JOSAPHAT, C. Sentido de Deus e do outro. In: LAS CASAS, B. *Único modo de atrair todos os povos à verdadeira religião*, p. 17.

vícios, pela falta de inquietação e preocupação excessiva com as coisas temporais, pela ausência ou domínio dos impulsos desordenados [...]. Enfim, destacam-se por obras admiráveis e muito bem fabricadas com habilidade surpreendente, que realizam com destreza manual, inclusive nas artes mecânicas.³⁴⁵

Dessa forma, Las Casas foi pintando um imaginário bucólico sobre os indígenas, como se o Novo Mundo fosse o paraíso perdido e os índios representassem a pureza humana corrompida pelo pecado. Embora fosse uma imagem exagerada, isso ajudou a persuadir o reino espanhol a rever seu procedimento com os povos da América. Assim, ele ensina um passo muito importante da evangelização: a inculturação. É preciso reconhecer as qualidades e virtudes que se pode aprender com o outro e perceber os pontos de diálogo e de encontro entre as diferentes pessoas, culturas e crenças. O frei dominicano argumentava que única é “a espécie da natureza racional dispersa por toda a face da terra em seus indivíduos”.³⁴⁶ Com isso, ele queria dizer que todos eram seres humanos racionais independentemente da cor de pele, do povo, da raça e da cultura a qual pertenciam. Assim, Las Casas defendia os direitos dos índios e de todos os povos à justiça, igualdade, propriedade e liberdade. Mas também o direito de todos de conhecer o Evangelho e, por conseguinte, o direito de livre acesso e passagem de qualquer missionário em qualquer terra para anunciá-lo.

Por causa desta última ideia, embora interessante, o pensamento de Bartolomeu era visto como ingênuo, pois a maioria das tribos indígenas não tinha conhecimento desse “direito de ir e vir” ou não dava a menor importância a essa “regra”. Por isso, muitos missionários cingidos apenas com a Palavra de Deus foram assassinados pelos povos americanos sem ter professado uma frase sequer sobre Jesus Cristo. No entanto, quando se pensa no ambiente digital, composto por diversas tribos, culturas e línguas, se nota o espaço de uma nova humanidade em que é possível adotar os princípios fundamentais do pensamento de Bartolomeu. Percorrendo o caminho de humanização que Las Casas usou para comprovar a humanidade dos índios, cidadãos de uma cultura tão civilizada quanto a europeia, apenas distinta, se irá descrever quem são os nativos digitais.

A geração Y é formada por jovens que nasceram entre 1980 e 2000, portanto, uma geração que cresceu em meio à revolução digital e entende a internet e as novas tecnologias de comunicação como o ar que respira, como o ambiente e objetos mais naturais e corriqueiros de sua vida. Também chamados de nativos virtuais, nativos digitais ou geração net, têm características, às vezes, contraditórias: questionadores, individualistas, informais, flexíveis,

³⁴⁵ LAS CASAS, B. *Único modo*, p. 58.

³⁴⁶ *Ibidem*, p. 217.

ansiosos, impacientes, criativos, vivem com intensidade o presente, transitórios e ambíguos nas decisões, medrosos, inseguros, necessitam de reconhecimento. Na opinião de Oliveira³⁴⁷, mesmo adotando a individualidade como sua maneira de agir, essa geração busca fortemente expandir sua rede de relações.

Um paradoxo criado por toda essa ampla tecnologia foi que, ao privilegiar a ação individual e não a coletiva, os jovens Y desenvolveram uma necessidade de compartilhar parte de sua vida por meio das redes sociais. A Geração Y é a mais conectada da história da humanidade e sabe usufruir de toda a tecnologia para obter relacionamentos mais numerosos e intensos. O mundo para esses jovens é muito menor. As barreiras do idioma são facilmente superadas pela maior intimidade com a língua inglesa que é amplamente utilizada na internet.³⁴⁸

Essa característica de abertura da geração net a novos relacionamentos no ambiente digital, ao contrário do comportamento dos povos indígenas da América, cuja postura era de fechamento em seu clã, facilita a aproximação, o diálogo, a inculturação e a evangelização pela rede. Toda essa fluidez e instantaneidade próprias dos nativos virtuais gerou um perfil distinto das outras gerações, o que ocasionou o conflito de gerações. Em nenhuma época anterior cinco gerações conviveram juntas em proporções tão significativas, interferindo na vida umas das outras como acontece atualmente. São estas: geração *Belle Époque* nasceu entre 1920 e 1940; geração *Baby Boomers* é proveniente dos anos 1941 a 1960; Geração X, gerados entre 1961 e 1980; Geração Y, juventude nascida de 1980 a 1999; Geração Z, crianças e adolescentes gerados de 2000 até 2010. A partir de 2010, surge a geração Alfa, da qual ainda não se tem expressão e conhecimento significativos. A geração Y é composta atualmente pelos jovens adultos que estão se fixando no mercado de trabalho e começam a intervir concretamente no futuro da civilização.

O diferencial da Geração Y em relação à anterior está na forma de se relacionar com as pessoas. As gerações precedentes cultivam mais a comunicação face a face, preferem relacionamentos mais duradouros, estimam a concretude. Para eles, o virtual é apenas um complemento. Já para a geração net, a relação virtual é extremamente real e hipervalorizada, embora não seja o único jeito de se relacionar que eles prezam. De acordo com Tapscott³⁴⁹, a mudança da comunicação de massa para o diálogo interativo na internet é a base da Geração Net, pois os jovens Y querem ser os atores, não somente espectadores passivos.³⁵⁰

³⁴⁷ Sidnei Oliveira é consultor, especialista em conflitos de gerações e na Geração Y.

³⁴⁸ OLIVEIRA, S. *Geração Y*, p. 67-68.

³⁴⁹ Don Tapscott é autor de seis *best-sellers*, entre eles: *Economia Digital* e *Geração Net*. É presidente do conselho administrativo da instituição de pesquisa *Alliance for Converging Technologies*.

³⁵⁰ TAPSCOTT, D. *Geração net*, p. 2.

Lévy esclarece que o cerne da cibercultura é o “universal sem totalidade”³⁵¹. O “universal” consiste na presença da humanidade para si própria, isto é, a interconexão global das mensagens, dos aparelhos e das pessoas, e a “totalidade” a instauração de um mesmo sentido que norteie a todos. As civilizações anteriores, como é o caso das tribos indígenas da América, eram pequenas sociedades fechadas, sem “universalidade”, que dialogavam no modo convencional face a face, onde os receptores e os emissores compartilhavam um mesmo contexto espaço-temporal. Porém, existia um sentido único “totalizante” que regia cada microssociedade. O aparecimento da escrita e dos meios de massa trouxe mudança na relação entre emissores e receptores. Por não partilharem mais o mesmo contexto, a comunicação tornou-se hierárquica, pois os emissores pronunciavam suas opiniões sem a possibilidade de resposta direta por parte dos receptores, formando o paradigma “universal com totalidade”. Esse modelo recorda o sistema de colonização da América Latina que foi mais uma imposição do que uma comunicação propriamente dita.

No modelo *peer-to-peer*, próprio da comunicação ciberespacial, num ambiente desterritorializado, todos se tornam novamente emissores e receptores em circunstâncias semelhantes às das sociedades orais, mas com a vantagem de estar abertos exponencialmente a novas interlocuções.³⁵² Isso se deve ao intercâmbio imprevisto de um nó a outro da rede, compondo um tecido “universal” de conhecimento. Quanto maior a expansão da rede, maior a dificuldade de domínio e de “totalização” do sistema. Dessa forma, cada internauta possui a mesma oportunidade de se comunicar a um grande público ou de cultivar relações interpessoais. Vendo de outra maneira, as mídias tradicionais (jornal, rádio, TV) adotam o padrão “um para todos”, uma comunicação de mão única em que os receptores consomem o conteúdo passivamente. Já a comunicação cibernética segue o modo “todos para todos”, comunicação de mão dupla em que todos interagem reciprocamente.³⁵³

*“Aceitar a perda de uma determinada forma de domínio significa criar uma chance para reencontrar o real. O ciberespaço [...] exprime a diversidade do humano”.*³⁵⁴ Essa afirmação de Lévy quer mostrar que a internet provoca a humanidade a pensar em um novo humanismo. Assim, tanto a filosofia pós-moderna quanto a cibercultura vem recordar à humanidade sua própria humanidade, no sentido de que o ser humano é um cosmos, uma obra inacabada em processo de construção, por isso, cheia de defeitos e falhas, mas também de

³⁵¹ LÉVY, P. *Cibercultura*, p.111-121.

³⁵² *Ibidem*, p. 118.

³⁵³ AVELLAR, V. L. *Internet e espiritualidade*, p. 60-62.

³⁵⁴ LÉVY, P. *Cibercultura*, p. 120.

virtudes e qualidades, uma natureza fluída em metamorfose, e acima de tudo, um ser em relação. Portanto, qualquer tentativa de fechamento, conclusão, rotulação, engessamento da pessoa humana é fadada ao erro, à distorção de sua essência.

Jaron Lanier critica a concepção cibernética anti-humana de alguns filósofos e pensadores da computação como Kevin Kelly e Chris Anderson que colocam a nuvem digital acima da humanidade, como se os *Bits* fossem seres vivos e os seres humanos apenas fragmentos temporários. Lanier acredita que essa abordagem anti-humana é uma das ideias mais absurdas da história, pois um computador nem chega a existir sem uma pessoa para vivenciá-lo.³⁵⁵ Por trás do processador de texto da *Microsoft* que busca saber o que queremos criar, por exemplo, um recuo de parágrafo, está a filosofia de que o computador vai evoluir a tal ponto que se mutará em uma forma de vida capaz de compreender as pessoas melhor do que elas mesmas.³⁵⁶ Constata-se essa tentativa de adivinhar o desejo humano nas ferramentas de pesquisa do *Google*, no qual, antes de a pessoa acabar de digitar a palavra-chave, o dispositivo já completou o termo e mostra dezenas de resultados.

A fantasia em cima do universo digital está tomando proporções de uma nova “religião das máquinas”³⁵⁷, como Erick Felinto denomina. Lanier também comenta o fenômeno: “se você quiser fazer a transição da antiga religião – na qual espera que Deus lhe dê uma vida após a morte – para a nova religião, na qual espera se tornar imortal sendo carregado em um computador, você precisa acreditar que as informações são reais e tem vida”³⁵⁸. Essa ciberutopia foi ilustrada recentemente no filme *Transcendence*³⁵⁹, em que a memória do cientista é repassada a um computador autômato e ocorre uma simbiose entre este e aquele, fazendo com que o homem se torne presente em tudo o que estiver conectado à rede.

Lanier argumenta que ao se negar a natureza especial da pessoa, acaba-se por reduzi-la e conceber uma visão adulterada sobre ela. É o que acontece na filosofia e cultura computacionalista.³⁶⁰ Para diminuir as distorções do ser humano na era cibernética, o cientista da computação propõe um novo humanismo digital. Neste novo modelo, a inteligência ou construção do conhecimento não seria mais coletiva, mas comunitária, isto é, formada por pessoas identificáveis e responsáveis e não por uma massa de indivíduos anônimos.

³⁵⁵ LANIER, J. *Gadget*, p. 46.

³⁵⁶ *Ibidem*, p. 47-48.

³⁵⁷ FELINTO, E. *A religião das máquinas: ensaios sobre o imaginário da cibercultura*.

³⁵⁸ LANIER, J. *Gadget*, p. 49.

³⁵⁹ PFISTER, W. *Transcendence*. Filme.

³⁶⁰ LANIER, J. *Gadget*, p. 231.

As metamorfoses no ambiente, cultura, comunicação e pensamento humanos afetam o ser espiritual e modificam a maneira de se relacionar com o nosso próximo, com a Igreja e com Deus, portanto, a evangelização. O tópico seguinte define o conceito de evangelização buscando perceber as mudanças comunicacionais e relacionais que o afetam e o constituem.

3.4 Evangelizar é comunicar

O que significa evangelizar? Para compreender a fundo o mandato apostólico, é preciso rever seu ponto de partida: a autorrevelação de Deus. No decorrer da história humana, sobretudo na história israelita, Deus se rebaixou para falar com o ser humano e se autocomunicar. O ápice comunicativo da Trindade acontece na Encarnação do Verbo Divino (*Jo 1, 14*). Jesus Cristo é o encontro mais pleno alcançado entre Deus e o homem. O Verbo Encarnado não apenas desvela o ser de Deus, mas revela o ser humano a si mesmo. Jesus, “Supremo Comunicador do Pai, optou por um processo inculturado e dialógico de comunicação, que se apresenta como um modelo básico para os projetos de comunicação de sua Igreja”.³⁶¹

No instante em que o Verbo assumiu toda a natureza humana, a linguagem tornou-se *capax Dei*, ou seja, Deus começou a habitar na linguagem de homens e mulheres, e a se comunicar através de suas palavras. “É possível o fazer teológico somente porque Deus se dirigiu a nós primeiro. Deus, pela livre expressão de sua vontade, quis ‘necessitar’ do homem, quis introduzi-lo, através do evento Jesus Cristo, no seio da Trindade”.³⁶²

Através da clássica afirmação de McLuhan, “o meio é a mensagem”³⁶³, é possível entender que o Verbo Encarnado é o meio e a mensagem; Jesus Cristo é o sacerdote, o altar e o cordeiro que, ao se entregar por puro amor aos seres humanos, lhes comunica a salvação. O Filho, único intermediário entre o divino e o humano é, por conseguinte, a comunicação perfeita e eterna que une Deus às suas criaturas, hoje e sempre.

É parte constituinte da identidade comunicativa da Igreja a missão do Verbo Encarnado, isto é, anunciar a Palavra Eterna do Pai em toda a sua verdade e profundidade. Dessa forma, a Igreja, Corpo Místico de Cristo, é e faz comunicação. Mais ainda, ela “é mistério de

³⁶¹ ASSEMBLEIA GERAL DA CNBB, 35ª, 1997, SP. *Igreja e comunicação rumo ao novo milênio: Compromissos e Conclusões*, n. 1.

³⁶² SILVA, A. A. *Teologia e comunicação digital*. Anais do Congresso Estadual de Teologia, p. 81.

³⁶³ MCLUHAN, M. *Os meios de comunicação como extensão do homem*, p. 23.

comunicação da graça divina e da comunhão visível dos carismas e ministérios”³⁶⁴. É o próprio Jesus Ressurreto que ordena aos apóstolos que saiam pelo mundo a evangelizar (*Mc 16,15*).

Por ser ícone de Cristo e templo da Trindade, cada cristão é comunicador por excelência, pois o Verbo que habita no ser humano deseja ser expresso em sua carne e através de sua vida inteiramente. “A ação de enviar (*saliah*) está relacionada frequentemente com o anúncio ou palavra (*dabar*), que é dom de Deus, e com a ação do Espírito Santo (*ruah*)”³⁶⁵. Assim, Jesus comunica sua própria missão aos discípulos e estes recebem a força do Espírito para falar em nome do Senhor, tarefa que exige disposição para a obediência e o serviço. A missão cristã possui as dimensões teológica, pastoral, antropológico-salvífica e espiritual.³⁶⁶ Dentro disso, o foco deste trabalho está na dimensão fraterna e de comunhão da missão.

O verbo evangelizar (*euangelizomai*) se define pelo anúncio (*angelo*) da alegre (*eu*) notícia de que Cristo é o Salvador tão esperado.³⁶⁷ “A evangelização, anúncio do Reino, é comunicação”³⁶⁸. Como foi visto, o acontecimento comunicativo pleno é o Evento Cristo, cujo ápice se dá na Encarnação do Filho de Deus. Isso mostra que comunicar não é apenas proferir ou expressar algo, mas implica relação profunda entre pessoas.

A evangelização não deve ser concebida como propaganda de uma determinada ideologia, mas como a apresentação de uma Pessoa, o anúncio de fatos salvíficos, o convite em aceitar essa Pessoa e esses fatos como a salvação oferecida por Deus, aceitação que compreende o compromisso de colocar em prática as exigências da vida que tal salvação implica.³⁶⁹

Como diz Esquerda, nossa missão é Alguém, nossa missão é amor.³⁷⁰ A Trindade mesma é mistério de comunhão e comunicação, portanto, comunhão é o novo rosto da missão. O *Documento de Puebla* expõe as três verdades centrais nas quais a evangelização se firma: Cristo, a Igreja e o ser humano.³⁷¹ Pela *Imago Dei*, a capacidade de comunicar-se é constitutiva do ser humano, sendo a primeira experiência que ele tem desde sua concepção, pois Deus através dos pais comunica e gera a vida ao filho. Assim, o que determina a comunicação é a circunstância de diálogo e de relação entre duas ou mais pessoas que exige uma participação

³⁶⁴ BOMBONATTO, V. I. *Evangelizar é comunicar*, p. 16.

³⁶⁵ ESQUERDA, J. B. *Misionología*, p. 66.

³⁶⁶ *Ibidem*, p. 74.

³⁶⁷ *Ibidem*, p. 67-68.

³⁶⁸ CELAM. *Documento de Puebla*, n. 1063.

³⁶⁹ RAMOS, M. Evangelização e Liturgia. In: *Dicionário de liturgia*, p. 424.

³⁷⁰ ESQUERDA, J. B. *Misionología*, p. 4-5.

³⁷¹ CELAM. *Documento de Puebla*, n. 166-169.

ativa e livre dos sujeitos em intercâmbio.³⁷² Spadaro explana como a era digital está transformando a experiência comunicativa:

Graças ao blog, o jornalismo está passando de uma profissão a uma atividade humana. A comunicação não é um setor da pastoral, mas toda a pastoral deve ser comunicativa. A comunicação tem caráter profissional. Entretanto, se a nossa vida não comunica, a estratégia não funcionará. Se a nossa vida é pobre de vida, a nossa comunicação também será pobre. Se a nossa vida é rica de paixão, energia e escuta, a nossa comunicação será rica (informação verbal).³⁷³

Dessa forma, a comunicação não é somente algo profissional, mas é uma dimensão antropológica que ganhou valor extremo nos tempos da rede. O que soa como novidade, na verdade, é um resgate do significado original de comunicar-se. A palavra comunicação provém do latim e significa a ação de tornar comum, de estabelecer comunidade com alguém. Assim, a comunicação não se reduz à relação de emissor e de receptor, mas é troca de informações, ideias e sentimentos entre pessoas na tentativa de construir juntos um sentido para a realidade. Torna-se claro que o conceito de comunicação é muito mais amplo e denso do que o modelo de comunicação midiaticizada. O fundamento da comunicação não são os meios, mas os seres humanos inseridos numa dinâmica de participação e comunhão de vida.

Por essa concepção cristã mais profunda sobre a comunicação, Zilles considera o cristianismo sobretudo uma religião da comunicação.³⁷⁴ Vera Ivanise Bombonato sintetiza comunicação como relação, partilha e participação, ou seja, é tornar comum, interagir e conviver.³⁷⁵ Diante disso, é possível perceber a correlação entre comunicação e comunhão e, conseqüentemente, entre evangelização e comunhão.

Esse entendimento profundo da comunicação normalmente não é conhecido ou efetivado na prática eclesial ou teológica, que se preocupa com a técnica e com a racionalização da fé. Essa é uma crítica feita por Martínez sobre a transmissão da fé trinitária: “O predomínio lógico sobre o aspecto salvador do mistério trino é um fato lamentável para a catequese cristã”.³⁷⁶ Zilles também compartilha dessa opinião de que o maior problema de comunicação da Igreja não é de cunho técnico, metodológico ou linguístico, mas de visão cultural e de mundo.

³⁷² ZILLES, U. *Desafios atuais para a teologia*, p. 19.

³⁷³ Conferências e Seminários ministrados por Antonio Spadaro no 4º Encontro Nacional da PASCUM, de 24 a 27 de julho de 2014, em Aparecida do Norte, SP.

³⁷⁴ ZILLES, U. *Desafios atuais para a teologia*, p. 20.

³⁷⁵ BOMBONATTO, V. I. *Evangelizar é comunicar*, p. 25.

³⁷⁶ MARTÍNEZ, F. D. *Teologia da comunicação*, p. 131.

Para ele, existe um hiato entre mundo teológico e mundo real, mundo clerical e mundo do povo.³⁷⁷

Comunicar a fé é humanamente impossível.³⁷⁸ Entretanto, o intransmissível é comunicado porque é Deus mesmo quem sela a fé no coração humano. De acordo com Manuel Hurtado³⁷⁹, existem dois estágios da fé que norteiam a ação evangelizadora: o antropológico e o teológico. Então, o percurso para descobrir a fé em Jesus Cristo, atravessa antes a humanidade da pessoa. Para Hurtado, evangelizar não significa transmitir conteúdos, mas estimular, criando relações e ambiente favorável para que as pessoas passem a ter a fé-confiança primeira de crer na vida. Essa primeira etapa é um itinerário interior e pessoal que ninguém pode transcorrer no lugar de outro. “Transmitir a ‘coragem de ser’ é a primeira tarefa evangelizadora”.³⁸⁰ É Jesus quem faz passar da fé antropológica para a teologal.

Conforme São Paulo, a fé entra pelos ouvidos (*Rm 10, 17*). Isto significa que tanto a fé na vida humana quanto a fé em Cristo são instigadas por palavras de ânimo e de reconhecimento: “Minha filha, a tua fé te curou; vai em paz” (*Lc 8,48*). A abertura da fé nasce do encontro pessoal com o homem Jesus de Nazaré que provoca o desejo de segui-lo.³⁸¹ Dessa forma, evangelizar é menos a difusão de ensinamentos e mais apontar um caminho de vida que nos torna livres – o próprio Cristo (*Jo 14, 6*). Uma peregrinação em companhia de outras pessoas, como Spadaro explicitou no contexto da cultura digital:

A evangelização não é a transmissão da fé, mas o testemunho da experiência de fé. Nos últimos anos a rede mudou o significado de comunicar. A característica fundamental das redes sociais é a sinergia, não de conteúdos, mas de relações. Comunicar não significa transmitir uma mensagem, mas compartilhá-la dentro de uma rede de comunicação. Portanto, se você não tem amigos, você não comunica nada. A cultura no tempo digital não se compreende pensando somente em conteúdos, mas pensando nas relações, nas pessoas. Comunicação é amizade.³⁸²

Adentrar no mistério de Deus é condição para que essa transmissão ocorra, entendida “como o acontecimento da vida de Deus em mim”.³⁸³ O “conhecimento interno de Jesus”³⁸⁴, ensinado por Santo Inácio de Loyola, pressupõe um acontecimento teológico interior que segue

³⁷⁷ ZILLES, U. *Desafios atuais para a teologia*, p. 20.

³⁷⁸ HURTADO, M. Fé e Seguimento. In: *Itaici*, p. 11.

³⁷⁹ Doutor em Teologia, Jesuíta e Professor da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) em Belo Horizonte, MG.

³⁸⁰ HURTADO, M. Fé e Seguimento. In: *Itaici*, p. 13.

³⁸¹ *Ibidem*, p. 12.

³⁸² Conferências e Seminários ministrados por Antonio Spadaro no 4º Encontro Nacional da PASCOM, de 24 a 27 de julho de 2014, em Aparecida do Norte, SP.

³⁸³ HURTADO, M. Fé e Seguimento. In: *Itaici*, p. 15.

³⁸⁴ LOYOLA, I. *Exercícios Espirituais*, n. 15.

a dinâmica da Encarnação do Verbo. Portanto, a fé é gerada no momento em que Jesus faz-se carne dentro de cada ser humano.

Desta visão diferenciada sobre a fé, surge uma nova compreensão da evangelização e a urgência de o Verbo se fazer *bit* neste novo contexto existencial. Criar ambiências no ciberespaço para as pessoas compartilharem suas vivências de fé, propiciando oportunidade de aprofundamento e de intimidade com Jesus, constitui-se um grande desafio da evangelização na era digital.

A expressão “nova evangelização” foi proferida por João Paulo II pela primeira vez durante a visita pastoral à América Latina em 1983. A novidade está no fato de que esta evangelização não é direcionada exclusivamente aos não batizados, mas estende-se aos chamados “batizados não convertidos”. Portanto, não se trata de novas mensagens e instruções, mas diz respeito ao empenho de encontrar uma linguagem adequada para anunciar à civilização contemporânea o chamado universal à vida nova por meio do amor de Deus.³⁸⁵ Interessante que esse fenômeno “contemporâneo” já era refletido no século XVI por Bartolomeu de Las Casas e, posteriormente, constatado por José de Acosta: a evangelização feita pelos missionários colonizadores foi superficial e infrutífera, os povos latino-americanos, assim como os negros, apenas maquiaram seus antigos cultos e crenças com as cores e imagens católicas. Prova de que uma fé imposta não é fé, mas mordaza e violência contra a dignidade da pessoa humana.

A partir disso, percebe-se a necessidade de anunciar a Cristo através de uma linguagem atual, inculturando o conteúdo da Revelação na cibercultura dentro deste novo ambiente de extensão do humano, o ciberespaço. A *Verbum Domini* chama a rede de “novo fórum onde fazer ressoar o Evangelho”, pois, na rede, “que permite que bilhões de imagens apareçam em milhões de monitores, deverá sobressair o rosto de Cristo e ouvir-se a sua voz, porque, se não há espaço para Cristo, não há espaço para o homem”.³⁸⁶ Por isso, é importante refletir sobre a linguagem teológica e digital.

3.5 Em busca de uma nova linguagem teológica e cibernética

Acima já foi afirmado que a linguagem humana é *capax Dei* pelo fato do Verbo ter se feito carne e ter habitado entre os homens. Também foi visto que comunicar a Revelação Divina é uma ordem de Jesus aos seus seguidores. Porém, é importante ressaltar que o Mistério Divino

³⁸⁵ JOÃO PAULO II, *Redemptoris Missio*, n. 29.

³⁸⁶ BENTO XVI, *Verbum Domini*, n. 113.

é inefável e todas as formas humanas de expressar Deus são imperfeitas. Por isso, Bartolomeu de Las Casas destaca a importância da linguagem no anúncio do Evangelho, o cuidado para que o discurso seja brando, delicado, suave, sem deixar de ser atrativo, coerente, racional.³⁸⁷ Sobre o risco de nossa linguagem reduzir ou distorcer o conhecimento de Deus, Clodovis Boff orienta:

[...] é preciso ter bem claro, em teologia, que toda a linguagem é incomensurável aos Mistérios. Todos os conceitos da fé são assintóticos: visam as realidades divinas, sem nunca poder agarrá-las e menos ainda abraçá-las. [...] Em epistemologia teológica, importa estar sempre alerta para resistir a tendência reificadora e mitologizante do discurso humano, tendo muito claro que tudo o que falamos de Deus é desproporcional, inadequado e imperfeito.³⁸⁸

Assim, C. Boff aponta que o caminho mais seguro e mais utilizado na linguagem teológica é a analogia. A linguagem analógica é comparativa, buscando semelhança em realidades distintas com o objetivo de compreender melhor alguma dimensão, no caso da teologia, de Deus. Para comunicar o incomunicável, a analogia força de certa maneira os limites da linguagem comum, como a querer transgredi-los. Por isso, é a linguagem daquilo que se encontra além da linguagem, o modo de falar da existência, do transcendente e do divino. Através de conceitos e metáforas, ela transfere significado da realidade empírica para a realidade profunda, embora a diferença seja sempre maior que a paridade. “O laço entre o mundo da Criação e o mundo do Criador é a relação de semelhança, justamente desvelada pela analogia”.³⁸⁹

Deus fala e se autocomunica. Porém, Deus é mistério, portanto, há coisas não ditas. Isso significa que o silêncio também comunica quem é Deus. O mistério se dá e quer ser revelado em Cristo que é a plenitude da Revelação. O que seria do discurso ou da música sem as pausas? São elas que dão ritmo à comunicação. Analogamente, a teologia afirmativa precisa ser combinada com a teologia negativa e a linguagem analógica com a linguagem apofática. Da mesma maneira, a teologia e a evangelização não são fecundas sem o silêncio da escuta e a espiritualidade. Com isso, se quer dizer que as atitudes interiores e exteriores, mesmo silenciosas, podem revelar o Deus no qual se crê. Assim pensava Las Casas quando exortava que a ação dos missionários devia ser coerente com seu discurso e, por isso, não era possível tolerar as injustiças e a violência contra os índios.³⁹⁰

³⁸⁷ LAS CASAS, B. *Único modo*, p. 59.

³⁸⁸ BOFF, C. *Teoria do método teológico*, p. 314.

³⁸⁹ *Ibidem*, p.306.

³⁹⁰ LAS CASAS, B. *Único modo*, p. 164.

Com as novas tecnologias surgem novas possibilidades de metáforas e analogias para alimentar o pensamento teológico e a concepção de mundo. Consta-se facilmente que a linguagem informática se apropriou de diversas palavras-chave da teologia na sua construção de sentido, tais como: salvar, converter, justificar e compartilhar. Também a teologia já encaixou no seu discurso, principalmente a teologia prática, termos da linguagem cibernética. Percebe-se que esse intercâmbio linguístico e cultural é inevitável. Logo, a teologia deve aproveitar toda riqueza e potencial que a cibercultura oferece para atualizar conceitos fundamentais da fé, a fim de obter, entre os nativos virtuais, uma melhor compreensão e recepção da mensagem cristã.

No entanto, é preciso estar consciente de que a cultura do ciberespaço coloca objetivamente, além de qualquer outra consideração, novos desafios para a nossa capacidade de formular e escutar uma linguagem simbólica pública que fala da possibilidade e dos sinais de transcendência em nossa vida. O software que “transporta átomos de cultura” agora já é alimento diário para milhões de pessoas e a pergunta sobre a linguagem não pode ser reduzida de nenhum modo àquela do “revestimento” provisório dos conceitos sempre iguais e idênticos a si mesmos.³⁹¹

De fato, a cibercultura desafia a formular uma nova linguagem simbólica, teológica e pública que fale do transcendente na vida humana. O relato dos Atos dos Apóstolos sobre Pentecostes ensina que, para evangelizar um povo, se deve falar a sua língua. O fazer evangelizador dos tempos da rede precisa desenvolver narrativas que os nativos virtuais entendam – parábolas para os tempos hipermodernos. Papa Francisco exorta o Povo de Deus a prestar atenção na comunicação das verdades de fé, buscando usar uma linguagem que permita reconhecer a permanente novidade do Evangelho.

[...] no depósito da doutrina cristã, «uma coisa é a substância [...] e outra é a formulação que a reveste». Por vezes, mesmo ouvindo uma linguagem totalmente ortodoxa, aquilo que os fiéis recebem [...] é algo que não corresponde ao verdadeiro Evangelho de Jesus Cristo. [...] Lembremo-nos de que «a expressão da verdade pode ser multiforme. E a renovação das formas de expressão torna-se necessária para transmitir ao homem de hoje a mensagem evangélica no seu significado imutável».³⁹²

Assim, o Papa alerta que o risco mais grave da evangelização é prender-se a uma formulação e acabar por perder o sentido substancial da mensagem cristã. Na teologia da pregação de Las Casas, percebe-se a importância da retórica, arte de fazer uso de uma linguagem capaz de alcançar uma comunicação eficaz e persuasiva.³⁹³ Assim como essa técnica

³⁹¹ SPADARO, A. *Ciberteologia*, p.37.

³⁹² FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*, n. 41.

³⁹³ LAS CASAS, B. *Único modo*, p. 78.

possui cinco dimensões – invenção, disposição, elocução, memória e ação – a essência da evangelização de Las Casas possui cinco partes complementares. Primeira, que os ouvintes percebam que os pregadores da fé não têm intenção de dominar. Segunda, que os ouvintes entendam que eles não estão ali para adquirir riquezas. Terceira, que os pregadores sejam doces, mansos, humildes, afáveis e benévolos ao falar com seus interlocutores. Para Bartolomeu, a quarta parcela é a mais importante: que o missionário demonstre o amor puro e gratuito que tem por seus receptores. A quinta dimensão é a que dá consistência e credibilidade ao discurso: pregar o Evangelho por uma vida exemplar. Esse, de fato, é o único modo de levar todos os povos em todas as épocas à verdadeira fé em Cristo Jesus.³⁹⁴

O amor é o *Universal sem Totalidade*, sem domínio, é *Doação Total de si mesmo*. Quando a pessoa se apaixona e quer “conquistar” alguém, como age? O amor nunca pode ser imposto, senão não é amor. O amor foge da lógica humana, pois para “conquistar” é preciso despojar-se, entregar-se ao outro. Então, a conquista ocorre no amor, no serviço, expressando que se importa com o outro, sendo agradáveis, alegres, autênticos, mostrando aquilo que se tem de melhor, mas sem esconder as fraquezas, sem fingir que elas não existem. “A verdade e o amor se encontrarão, a justiça e a paz se abraçarão” (*Sl 84,2*). É isso que o Papa Francisco em sua primeira exortação apostólica, *Evangelii Gaudium*, vem recordar: é preciso anunciar o Amor. Como fazer isso, senão amando? Demonstrar a *pathos* de Deus e a *pathos* humana por Deus. Testemunha-se o Amor quando se cuida e respeita a natureza e toda a criação, quando se age com misericórdia (*hesed*) com todo o ser vivo e, acima de tudo, com o ser humano.

Observa-se a rede como um novo continente, não por acreditar que está separada do mundo real, mas pelo ciberespaço ter um público próprio, os nativos digitais, que nasceram com a internet, portanto, imersos na cibercultura e moldados pela lógica e linguagem da rede. A retórica utilizada na pregação precisa ser reinterpretada para a evangelização digital. Conforme Paulo, a fé é recebida pelo ouvido (*Rm 10,17*), hoje ela precisa ser ainda mais estimulada em todos os níveis sensoriais. No mundo do *touch screen*, a comunicação entra até pelos poros, portanto, quando se fala em evangelização digital, deve-se pensar em retórica escrita, oral, visual, e mesmo tátil. Pois, como afirma Las Casas, o discurso deve ser atrativo à vontade e persuasivo à razão.

É preciso evangelizar imitando as ações de Deus na história humana. O próprio Deus humanizou-se para revelar a si mesmo, mas, sobretudo, para desvelar o homem ao próprio homem, mostrando a verdadeira identidade humana. Então, a evangelização deve descer às

³⁹⁴ LAS CASAS, B. *Único modo*, p. 159-168.

profundezas da humanidade. Deve conter uma pregação humanizadora, isto é, que toque a vida diária, corriqueira, pequena, simples. Ao falar em evangelização ciberespacial não pode ser diferente. Se o ciberespaço é um lugar antropológico, embora não físico, ele já possui um ritmo diário, costumes e particularidades. Portanto, a evangelização no ciberespaço deve abarcar as realidades da vida digital, extensão da realidade humana.

São Paulo já havia aprendido e Bartolomeu de Las Casas retoma, pelo método apostólico, que a evangelização tem que se voltar à interação, à comunicação, à justiça, à paz e à comunhão. O apostolado para ser autêntico necessita que o evangelizador esteja em profunda comunhão no Espírito a fim de levar os outros a essa comunhão. Se “eu vivo, mas já não sou eu, é Cristo que vive dentro de mim” (Gl 2, 20), e estou conectado, o Verbo se faz *bit*. Então, é possível evangelizar no ciberespaço, pois o próprio Deus aí está e pode se automanifestar a qualquer pessoa. Acima de tudo, é preciso ter consciência de que a luz de Cristo resplandece através do testemunho da vida humana, em atitudes visíveis e interiores, sejam elas on-line ou off-line.

De acordo com o *Documento de Aparecida*, as novas linguagens da tecnologia são capazes de revelar ou esconder o sentido divino da existência humana.³⁹⁵ Pois, através das TIC's, as pessoas exprimem seus sentimentos, emoções e ideias. Olhar um perfil no *Facebook* pode proporcionar uma experiência espiritual porque ali se refletem as dinâmicas da vida interior. Portanto, a vida interior e espiritual se exprime e se vive também na rede.

Retomando o assunto do ser humano como imagem de Deus, percebe-se a importância da linguagem fotográfica nos tempos das redes sociais. Spadaro fez uma reflexão teológica sobre a fotografia num seminário durante o 4º Encontro Nacional da Pastoral da Comunicação (PASCOM). Na visão dele, a fotografia não é um discurso, é uma casa onde se pode entrar com todo o seu ser, tudo aquilo que se é. A fotografia permite colher significados simbólicos, mas não é possível compreendê-la totalmente sem estar envolvido com a situação em que foi feita. Uma pessoa descrente pode discorrer a partir de uma fotografia e expressar sentimentos de valor espiritual. Para Spadaro, a fotografia é um lugar de diálogo sem portas fechadas, nem muros, mas com janelas que podem provocar o olhar das pessoas em direção ao Evangelho.

As fotografias expressam sentimentos, pensamentos, sensações, recordações, a personalidade e a perspectiva do fotógrafo. O filtro para fotos chama-se instrumento de pós-produção e seu uso é cada vez mais frequente, especialmente pelos nativos digitais. São utilizados para melhorar a imagem ou para dar um toque artístico. De acordo com Spadaro,

³⁹⁵ CELAM. *Documento de Aparecida*, n. 35.

quando se usa os filtros, se está tentando adequar a imagem da realidade à imagem interior que se tem. Outra função da fotografia é servir de visão ampliada da realidade. O teólogo italiano percebe que esta é uma forma simples, mas poética, de colocar em sintonia a visão da realidade com a visão da alma. Segundo Spadaro, o *selfie* nada mais é do que a expressão do desejo profundo de comunhão com as pessoas, os lugares e os acontecimentos que são importantes para a pessoa.³⁹⁶

No mundo digital, a fotografia perde sua função de memória e adquire a função de visão ampliada da realidade e de relação, isto é, de compartilhamento. “Nosso coração e nosso espírito estão envolvidos neste pequeno ato de fotografar. Vejam como a vida espiritual toma forma no ambiente digital” (informação verbal)³⁹⁷. Este ambiente onde se constrói o imaginário humano deve ser cultivado com imagens reais. O jesuíta alerta que, se a rede não se tornar o espelho real da vida, as pessoas se tornarão esquizofrênicas.

Uma linguagem que desempenha um papel extremamente importante para a evangelização, especialmente para os jovens, é a música. Anteriormente a música se transformara na forma de os jovens expressarem seus sentimentos e rebeldias, se identificarem formando tribos e resistirem ao sistema político-econômico. Portanto, a música era a bandeira do jovem. Atualmente, o jovem escuta música o dia inteiro enquanto realiza outras atividades. A juventude Y e Z não se restringe a um grupo ou estilo musical, mas possui um gosto mais eclético. Assim, a música não é mais a expressão do jovem, mas a trilha sonora de sua vida, o som ambiente que acompanha suas experiências diárias. Uma pesquisa anterior mostrou que, no campo da evangelização, o que os jovens mais consomem de conteúdo cristão na internet são as músicas de bandas e cantores católicos.³⁹⁸

A linguagem cibernética é uma linguagem espiritual, pois, ao contrário de Babel, o ciberespaço é um ambiente em que pessoas de diferentes línguas e culturas podem conversar, compreender-se e até viver no espírito de comunhão. “Portanto, somos convidados a viver na rede um novo Pentecostes através da comunhão do Espírito”³⁹⁹. Na sequência será revisto o método apostólico adotado por Las Casas, a fim de verificar em que ele pode contribuir para a construção de uma teologia da missão na rede.

³⁹⁶ Conferências e Seminários ministrados por Antonio Spadaro no 4º Encontro Nacional da PASCUM, de 24 a 27 de julho de 2014, em Aparecida do Norte, SP.

³⁹⁷ Ibidem.

³⁹⁸ SILVA, A. A. *Igreja e Cultura Digital*, p. 97.

³⁹⁹ SILVA, A. A. *Cibergraça. Anais do IV Congresso da ANPTECRE*, p. 513.

3.6 O resgate do método apostólico e pistas de ação

A missiologia de Bartolomeu de Las Casas está fundada na Sagrada Escritura, principalmente, nas passagens do envio dos apóstolos relatadas no final dos Evangelhos segundo Mateus e Marcos: “Ide, pois, e ensinai todas as gentes, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, e ensinando-as a guardar todas as coisas que vos mandei” e “Ide por todo o mundo e proclamai o Evangelho a toda a criatura” (*Mt 28,19-20; Mc 16,15*). O assim chamado método apostólico busca exercer o tríplice ministério contido no mandato missionário dos apóstolos. Primeiro, ensinar a fé; segundo, oferecer os sacramentos àqueles que crerem; terceiro, exortar aos fiéis que usufruem dos sacramentos a observância dos mandamentos e bons costumes.⁴⁰⁰

A estratégia de evangelização de Las Casas é a mesma dos discípulos de Cristo, a qual ele acredita que seja a única maneira de evangelizar: “visando persuadir o entendimento com razões e com suavidade atrair, mover e ativar a vontade; e é sempre suave, pacífica e cheia de caridade”.⁴⁰¹ Portanto, Las Casas crê que a forma que Cristo estabeleceu para pregar o Evangelho deve ser persuasiva para o entendimento e atraente para a vontade. A atratividade é um dos pontos-chave do método de Las Casas, fundamentada biblicamente por *João 6, 44*: “Ninguém pode vir a mim, se meu Pai não o atrai”. O frei dominicano também encontra nos argumentos de Santo Agostinho sustentação teórica para o pressuposto de que a fé implica assentimento da inteligência ao que se crê: “todo aquele que crê, pensa; e crendo, pensa; e pensando, crê”. E ainda: “outras coisas o homem pode fazer sem querer, mas crer, apenas querendo”.⁴⁰² A tese de Las Casas é que desejo e amor vêm do conhecimento, pois só existe desejo do bem que a inteligência propõe.

[...] para que a razão investigue, indague e discorra com liberdade, e a inteligência livremente julgue e conheça qualquer verdade e a ela dê sua firme adesão sob comando da vontade [...], é necessário tempo, tranquilidade e sossego, e a razão e a inteligência hão de gozar de liberdade; a fim de que nem a razão em seu raciocínio, nem a inteligência em seu julgamento se vejam tolhidas por algumas das moléstias e inquietudes antes citadas. É preciso também que a vontade em seus atos esteja de todo isenta de qualquer violência.⁴⁰³

Assim, Las Casas propõe que, para mover a inteligência dos indígenas de forma que deem seu assentimento e adesão às verdades da fé, a vontade precisa ser estimulada de um jeito

⁴⁰⁰ LAS CASAS, B. *Único modo*, p. 141.

⁴⁰¹ *Ibidem*, p. 141.

⁴⁰² AGOSTINHO. *De praedestinationem Sanctorum* 2, 5: PL 44, 963. Apud *Ibidem*, p. 67-68.

⁴⁰³ LAS CASAS, B. *Único modo*, p. 72.

doce e brando, com liberdade, gosto e amor. Las Casas reitera que a maneira de dirigir a criatura racional ao bem, à verdade, à virtude, à justiça, à fé autêntica e à verdadeira religião deve ser conforme ao modo, à natureza e à condição dessa criatura racional. Isto é, delicado e suave, como Bartolomeu acreditava que era a natureza humana, em especial, a índole dos indígenas, a fim de que espontaneamente a pessoa escute o que lhe é proposto a respeito da verdade, da fé e da religião. Tudo isso ele sintetiza em sua tese fundamental:

O modo estabelecido pela divina Providência
para ensinar aos homens a verdadeira religião
foi único, exclusivo e idêntico
para todo o mundo e todos os tempos,
a saber: com razões persuadir o entendimento
e com suavidade atrair e exortar a vontade.
E deve ser comum a todos os habitantes da terra,
sem discriminação alguma em razão de seitas,
erros ou costumes depravados.⁴⁰⁴

Embora seja considerada por críticos, como José de Acosta, uma metodologia de evangelização ingênua, acreditamos assim como Las Casas, que o método apostólico é válido em todos os tempos e possui caráter universal. De forma especial, no ciberespaço, ambiência em que existe liberdade de expressão e não há risco direto de martírio dos evangelizadores como acontecia na América recém-descoberta, o retorno ao método apostólico pode ser uma grande saída para a evangelização digital.

No campo da ciberteologia, a evangelização é um dos temas mais abordados. Assim como Bartolomeu de Las Casas utiliza no seu método de evangelização a retórica, Nadia Delicata, doutora e professora de Teologia da Universidade de Malta, também busca utilizar o método retórico na prática evangelizadora. Não a concepção pejorativa da retórica como a arte de mentir e enganar, mas como comunicação persuasiva que enaltece o testemunho autêntico de vivência do Evangelho.⁴⁰⁵

No entanto, padre Antonio Spadaro alerta para seis mudanças no paradigma da ação evangelizadora que a era digital impõe e que demonstram a necessidade de ir além do tradicional anúncio do Evangelho para viver uma profunda relação de reciprocidade e alteridade com todas as pessoas humanas.

A primeira mudança consiste em passar de uma pastoral da resposta para uma pastoral da pergunta. Spadaro acredita que em um mundo no qual tudo é resposta, as pessoas deixaram de se questionar. Consequentemente, não sabem quais são as perguntas importantes. Se

⁴⁰⁴ LAS CASAS, B. *Único modo*, p. 59.

⁴⁰⁵ DELICATA, N. *Theology as Persuasive Communication*, p. 13.

anunciar o Evangelho como o livro que contém todas as respostas, corre-se o risco da Palavra de Deus se transformar em mais uma das milhares de opções de respostas que aparecem nos sítios de pesquisa como o *Google*. O jesuíta adverte a entender a Bíblia não como o livro das respostas, mas o livro que condensa as questões mais importantes para a vida humana. Além do mais, o Evangelho não é uma resposta fácil, por isso, é necessário aplainar o caminho para a pergunta.

Observando a prática eclesial, surgem questionamentos: A Igreja sabe envolver-se com os dilemas e as indagações dos seres humanos dessa época? Sabe despertar as verdadeiras questões enraizadas no coração humano? Diante dessas perguntas, Papa Francisco reflete que: “não é preciso nunca responder as perguntas que ninguém se faz [...] é necessário saber se inserir no diálogo com os homens de hoje para compreender suas expectativas, dúvidas e esperanças”.⁴⁰⁶ Neste contexto, é preciso redescobrir e exercer o discernimento.⁴⁰⁷

A segunda transformação na prática pastoral é deixar de centrar-se em conteúdos para se focar nas pessoas. Spadaro explica a diferença entre a dinâmica da comunicação televisiva, e o modelo de comunicação da internet. No paradigma televisivo existe uma programação e as pessoas precisam adequar sua vida e seus horários se quiserem assistir algum programa. Ou seja, o conteúdo está no centro e as pessoas ao seu redor. Na lógica da internet acontece o contrário: no núcleo encontra-se a pessoa e milhares de conteúdos ficam orbitando ao seu redor para ela escolher o que e quando desejar. A Igreja segue um padrão semelhante ao da TV. Por exemplo, o catecismo servia para apresentar o conteúdo da fé de maneira organizada e coesa. Na visão do teólogo italiano, o modelo de comunicação está em crise e a Igreja, se não tornar sua comunicação mais participativa, corre o risco de virar, assim como a TV, um rumor de fundo que não toca a vida real das pessoas. Portanto, “a mensagem sozinha não evangeliza, mas sim a relação que se cria, a mensagem do Evangelho que se encarna”.⁴⁰⁸

Spadaro expõe que o terceiro desafio da ação evangelizadora é passar de uma pastoral da transmissão para uma pastoral do testemunho. Ele ressalta que a técnica é importante, mas se o agente confia somente na técnica e no planejamento, significa que não tem nada a dizer. O jesuíta italiano quer expressar com isso que os comunicadores não são técnicos, mas pessoas que trabalham com o espírito humano. Por isso, exige uma enorme responsabilidade. A escolha

⁴⁰⁶ FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*, n. 155.

⁴⁰⁷ SPADARO, A. *Os seis principais desafios da comunicação digital para a pastoral*. Disponível em: <<http://www.cyberteologia.it/2014/11/le-6-grandi-sfide-della-comunicazione-digitale-alla-pastorale/>>. Acesso em: 07 de nov. de 2014.

⁴⁰⁸ GALVAN, K; ALVES, A. *Os 6 desafios para o anúncio da fé no mundo digital, segundo padre Spadaro*. Disponível em: <<http://noticias.cancaonova.com/os-6-desafios-para-o-anuncio-da-fe-no-mundo-digital-segundo-pe-spadaro/>>. Acesso em: 07 de ago. de 2014.

errada de uma imagem, de uma palavra, de um gesto causa impacto sobre as pessoas. Em outras palavras:

Assim como um pianista profissional não fica olhando para as teclas quando toca, mas presta atenção naquilo que está tocando, vive a sua música, assim você deve ser um comunicador tão bom que não se preocupa mais com a técnica, mas com a mensagem que está comunicando, com as pessoas que estão a recebendo, você vive a mensagem (informação verbal).⁴⁰⁹

Isso significa que o evangelizador está sempre diretamente envolvido com aquilo que comunica, pois “palavras são palavras, só a vida testemunha o Evangelho” (informação verbal)⁴¹⁰. Dessa forma, o cristão imerso nas redes sociais é chamado a uma desafiadora autenticidade de vida. Conforme o *Documento de Aparecida*: “A missão não se limita a um programa ou projeto, mas é compartilhar a experiência do acontecimento do encontro com Cristo, testemunhá-lo e anunciá-lo de pessoa a pessoa, de comunidade a comunidade”.⁴¹¹

A quarta medida é transformar a pastoral da propaganda na pastoral da proximidade. Não é por acaso que Papa Francisco na Mensagem para o Dia Mundial das Comunicações pôs o “bom samaritano” como o exemplo do “bom comunicador”. Em sua entrevista concedida a Pe. Antonio Spadaro segue: “Vejo com clareza [...] que aquilo de que a Igreja mais precisa hoje é a capacidade de curar as feridas e de aquecer o coração dos fiéis, a proximidade”.⁴¹² Na *Evangelii Gaudium*, o Santo Padre pede aos fiéis que adentrem profundamente na realidade humana e insiram-se no cerne das dificuldades como fermento de testemunho em todas as culturas.⁴¹³ Ele também solicita que os cristãos levem o Evangelho a todas as pessoas com quem se encontram no dia-a-dia, sejam elas conhecidas ou desconhecidas, estejam elas nas ruas ou nas redes sociais. Nesta evangelização, o Papa ensina que se deve primeiro ter uma conversa pessoal e somente depois anunciar aquilo que é fundamental: o amor de Deus por cada um.⁴¹⁴ Portanto, evangelizar, como Jesus agiu com os discípulos de Emaús, é inserir-se na conversa dos outros, enturmar-se, aproximar-se da realidade das pessoas, escutar suas dúvidas e angústias, compadecer-se de seus sofrimentos. Pois, como Las Casas dizia, Papa Francisco e

⁴⁰⁹ Formação dada por Antonio Spadaro aos consagrados, colaboradores e estudantes da Canção Nova ocorrida, de 28 e 29 de julho de 2014, em Cachoeira Paulista, SP.

⁴¹⁰ Formação dada por Antonio Spadaro aos consagrados, colaboradores e estudantes da Canção Nova ocorrida, de 28 e 29 de julho de 2014, em Cachoeira Paulista, SP.

⁴¹¹ CELAM. *Documento de Aparecida*, n. 145.

⁴¹² SPADARO, A. *Entrevista ao Papa Francisco*, p. 10.

⁴¹³ FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*, n. 75.

⁴¹⁴ FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*, n. 127-128.

Bento XVI já citaram em suas homilias e o *Documento de Aparecida* relata: a Igreja cresce por atração e não por proselitismo.⁴¹⁵

O quinto desafio da comunicação digital para a pastoral é enfatizar menos as ideias e contar mais histórias. A sociedade digital dá alta relevância às histórias. Todo o conteúdo que se posta, se curte e se compartilha nas redes sociais compõe uma história. Algumas plataformas, como o *Storify*, realizam essa montagem. Spadaro pensa que as pessoas gostam de olhar as atualizações do perfil de um amigo porque se sentem próximas e envolvidas na história dele, isto é, interagem e experimentam subjetivamente aquela narração.⁴¹⁶ Conforme Bento XVI, o testemunho cristão não se faz com o bombardeamento de uma mensagem religiosa, mas com a vontade de doar-se a si mesmo aos outros através da disponibilidade de envolver-se pacientemente e com respeito nas perguntas e dúvidas que as pessoas possuem, para compreender seus pensamentos, dúvidas e esperanças.⁴¹⁷

Para Francisco, através da narração se pode chegar ao discernimento espiritual, isto é, pode-se buscar e encontrar a Deus, mais do que por explicações filosóficas ou teológicas, que levam apenas a discussão de ideias. Deus não se encontra nas ideias que se debatem, mas se encontra na história, na vida de cada ser humano. Do contrário, corre-se o risco de tornar a mensagem cristã uma ideologia entre tantas outras.⁴¹⁸ Portanto, nossas histórias compartilhadas nas redes sociais têm uma densidade espiritual. Evangelizar na rede é testemunhar com as fotos que são colocadas, com seu sorriso, com a sua própria vida em Cristo. O Evangelho não é uma mensagem abstrata, ele só é compreendido através de uma vivência concreta.

O sexto e último desafio elencado por Spadaro é que a vida interior também precisa tornar-se interativa. Desde o início da internet vários pesquisadores e sociólogos se detiveram a estudar o fenômeno religioso no ciberespaço e é perceptível que a busca de Deus ou de alguma forma de espiritualidade no ambiente digital cresce a cada dia. A “oferta” de religiosidades e místicas no ciberespaço também está cada vez mais diversificada. Diante deste panorama, Spadaro alerta para o risco de banalizar o sagrado e de transformar a *web* num hipermercado religioso, como se o transcendente estivesse à distância de um clique.⁴¹⁹

No entanto, não se deve ignorar esse potencial espiritual que a internet proporciona, em um ambiente onde o ser humano pode exprimir o seu ser espiritual. Como já foi dito, a internet

⁴¹⁵ CELAM. *Documento de Aparecida*, n. 159

⁴¹⁶ SPADARO, A. *Os seis principais desafios da comunicação digital para a pastoral*. Disponível em: <<http://www.cyberteologia.it/2014/11/le-6-grandi-sfide-della-comunicazione-digitale-alla-pastorale/>>. Acesso em: 07 de nov. de 2014.

⁴¹⁷ BENTO XVI. Mensagem para o 47º Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2013.

⁴¹⁸ SPADARO, A. *Entrevista ao Papa Francisco*, p. 16.

⁴¹⁹ SPADARO, A. La fede nella rete delle relazioni. *La Civiltà Cattolica*, p. 260.

não é um lugar frio, feito somente por cabos e peças metálicas, mas quente. Na expressão de Papa Francisco, um lugar “rico em humanidade”. A relação de amizade cultivada através das interações via redes sociais são o melhor exemplo do calor humano presente na internet. O ciberespaço é a ambiência privilegiada para tornar próximos àqueles que estão longe, vencendo as barreiras espaço-temporais.

Se se acredita que a espiritualidade abarca a relação do homem com sua história, deve-se acolher que a rede é parte integrante dessa experiência histórica. Espiritualidade remete à interioridade e vida interior parece uma experiência interna e pessoal, somente entre Deus e a pessoa. Porém, a cultura digital lança o desafio de viver uma espiritualidade interativa, como o Papa Francisco explica: “[...] o ser humano está sempre culturalmente situado [...]. A graça supõe a cultura, e o dom de Deus encarna-se na cultura de quem o recebe”.⁴²⁰

O ser humano do século XXI, acostumado à interatividade, interioriza a experiência se é capaz de tecer uma relação viva com ela, não meramente passiva e receptiva. Os jovens de hoje “se não interagem, não fazem a experiência”. Por essa razão, é necessário buscar o equilíbrio entre ação contemplativa e contemplação ativa, construindo vida interior interativa. Pois, a comunhão do Espírito exige nossa participação.

[...] pela operação sempre em curso da Encarnação, o Divino penetra tão bem nossas energias de criaturas que não poderíamos, para encontrá-lo e abraçá-lo, achar um meio mais apropriado que nossa própria ação. [...] Na ação, primeiramente, eu realizo minha adesão à potência criadora de Deus; [...] eu me torno não somente o instrumento, mas o prolongamento vivo dela. E como não há nada mais íntimo em um ser do que sua própria vontade, eu me confundo, de alguma maneira através do meu coração, com o próprio coração de Deus.⁴²¹

No senso comum, "interioridade" é sinônimo de profundidade, enquanto que "interatividade" remete à superficialidade.⁴²² No entanto, Teilhard de Chardin mostra que não há separação entre mundo real e virtual, entre ser e agir, entre evangelização e espiritualidade. Ou seja, é preciso encontrar o equilíbrio entre Marta e Maria, entre interatividade e interioridade. A rede desafia o ser humano a quebrar esse dualismo para ter uma vida e visão integrais, percebendo a interligação entre Deus, a humanidade e o cosmos.

⁴²⁰ FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*, n. 115.

⁴²¹ TEILHARD DE CHARDIN, P. *O meio divino*, p. 29-30.

⁴²² SPADARO, A. *Os seis principais desafios da comunicação digital para a pastoral*. Disponível em: <<http://www.cyberteologia.it/2014/11/le-6-grandi-sfide-della-comunicazione-digitale-alla-pastorale/>>. Acesso em: 07 de nov. de 2014.

CONCLUSÃO

Coube à conclusão o encargo do quarto e último passo do método ciberteológico: a *avaliação* de todo o processo. As tecnologias digitais estão realizando uma verdadeira revolução na cultura humana. Muitas pessoas ainda se recusam a incorporar essa nova situação em uma coerente visão de mundo capaz de perceber como isso altera de fato o que o ser humano é em todas as suas dimensões: material, intelectual, emocional e espiritual.⁴²³ Essa cegueira contribui para perpetuar a visão míope de um falso dualismo, uma luta vã entre eu e o outro, entre matéria e espírito. Isso fortalece ideologias e crenças extremistas que só distorcem o entendimento que o ser humano tem de si mesmo, como o individualismo, o comunismo, o materialismo e o gnosticismo. Essa fragmentação do ser humano e do mundo é refletida em todas as áreas do conhecimento, incluindo a teologia que foi se sistematizando e separando. Por exemplo, Cristologia de Pneumatologia, Graça de Trindade, Sacramentos de Liturgia. Não que essa classificação seja negativa para o estudo teológico, mas se perde muitas vezes a visão integral e a ligação entre os conteúdos da Revelação.

Buscou-se neste trabalho olhar o ser humano, o mundo e a teologia de maneira integral e relacional. Dessa forma, estudou-se a Trindade como princípio e fim da unidade entre os seres humanos. Percebeu-se que a maneira como a mente humana processa o pensamento mudou com o advento da internet. Consequentemente, a forma de se pensar e viver a fé alterou-se de modo significativo com a cultura e comunicação digitais. O conceito de pessoa revelou-se fundamental para compreender a relação entre o ser humano e a rede, bem como a ligação entre Deus que é comunhão e a internet que é conexão.

Neste estudo, determinou-se que a rede não é constituída apenas por cabos e computadores, mas principalmente por pessoas que se inter-relacionam através das tecnologias digitais. O que determina a existência da internet não são os aparelhos, mas as pessoas que se interconectam por meio deles, portanto, constatou-se que o ciberespaço é um lugar profundamente antropológico, como o Papa Francisco acentua: “um lugar rico em humanidade”.⁴²⁴ Averiguaram-se mudanças antropológicas ocasionadas pela revolução digital, que não significam necessariamente alterações positivas. Acredita-se apenas que estas alertam para a necessidade de uma reflexão mais aprofundada, a fim de analisar se são de fato

⁴²³ COBB, Jennifer. *Cybergrace*, p. 19.

⁴²⁴ FRANCISCO. *Mensagem para o 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais*: Comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro.

transformações qualitativas ou quantitativas nas capacidades mentais e relacionais humanas e como tornar essas alterações um bem para a humanidade.

Apreciou-se a relevância da rede para as dinâmicas sociais. Além de tornar possível a ampliação dos movimentos sociais a nível global a baixíssimos custos, a internet é um ambiente “sem castas”, isto é, pobre ou rico, escravo ou livre, assim como nos valores evangélicos, possuem os mesmos direitos e oportunidades. A rede que está em rápida expansão, inclusive em países pobres através de projetos como o Internet.org⁴²⁵ que pretende fornecer acesso à internet a dois terços da população mundial ainda não conectada e logo incluirá todos os habitantes da Terra, contribuindo para a diminuição das desigualdades sociais e para a promoção do bem comum. Devido a isso, vê-se que o ciberespaço é um importante espaço de articulação política, econômica e social.

Por ser um ambiente de comportamento, ações e relações humanas, também é considerado um espaço ético. Na pesquisa, demonstrou-se uma ligação entre a ética hacker e a visão cristã que pode auxiliar na construção de uma ética própria para a vivência humana na ambiência cibernética. Nessa experiência digital, o ser humano não deixou sua fé e religiosidade do lado de fora, o estudo mostrou que as características da rede proporcionam condições para hierofanias, isto é, para manifestações do sagrado. Mais do que uma metáfora para comunidade, a rede é, de sua maneira, uma comunidade global de pessoas que serve de exemplo para a formação de comunidades que respondam a sociedade atual.

Verificou-se, assim, os principais aspectos do ciberespaço que o definem como espaço antropológico, ético, sociopolítico, sagrado e de vivência da fé. Constatou-se também que a própria Igreja possui uma visão positiva e de esperança em relação a internet, sem deixar de enxergar seus riscos e problemas. Diante disso, o ciberespaço foi considerado um lugar privilegiado para se pensar a humanidade e sua relação com Deus na era digital. A internet é um lugar teológico, tanto como acontecimento histórico, dentro do grupo dos “lugares alheios” de Melchior Cano, quanto como lugar teológico dos “sinais dos tempos”, na definição do Concílio Vaticano II.

Assim, a ciberteologia traz luz ao entendimento teológico nos dias atuais e a uma renovação da linguagem e do método de transmissão da fé, traduzindo a sua mensagem às gerações contemporâneas. Descobriu-se que a ciberteologia não é uma teologia da comunicação, tampouco uma teologia contextual, pois seu objeto de estudo não é a

⁴²⁵ REPUBBLICA.IT. *Facebook, droni solari per connettere l'Africa*. Sfida nei cieli con Google. Disponível em: < http://www.repubblica.it/tecnologia/2014/03/04/news/facebook_droni_per_connettere_l_africa-80201797/>. Acesso em: 25 de jan. de 2015.

comunicação em si, mas a vida hipercomunicativa que existe em nível global na civilização contemporânea. A ciberteologia também não se enquadra em uma teologia de cima para baixo ou de baixo para cima. Ela possui a dinâmica própria da cultura digital, a *peer-to-peer*, isto é, de nó a nó, de pessoa a pessoa. Mais do que horizontal, a ciberteologia segue a dinâmica do *hiperlink*, para dentro e para fora, para frente e para traz, em todas as direções. Portanto, a ciberteologia tem mais facilidade em dialogar e compreender o ser humano hipermoderno, pois está inculturada na lógica da sociedade em rede.

Paralelamente, no estudo sobre o pecado e a manifestação do mal na internet, verificou-se a existência de uma anti-rede. Ou seja, os pecados pessoais cometidos, divulgados e compartilhados no ciberespaço vão formando uma estrutura pecaminosa que degenera os membros e a própria rede, causando vícios, crimes, outros pecados, isolamento e massificação. Entretanto, a rede expressa a vida como ela é, com isso, faz o ser humano confrontar-se com as trevas e luzes da realidade humana. Assim, as características da rede fazem com que os pecados nela cometidos e compartilhados, ganhem maior visibilidade e impacto social. Todavia, os pecados no ciberespaço não são causados pela rede em si, mas pela falta de equilíbrio de vida e falha das gerações anteriores na formação da geração net.

Enquanto as gerações precedentes consideram falsas as amizades virtuais, a geração Y a superestima. Isso gera efeitos negativos, pois, se tudo o que se faz na rede é falso, então, pode-se agir sem escrúpulos. O problema está na compreensão da comunicação como um processo meramente virtual, mas não real, e também a concepção de presença real como algo apenas físico. A teologia que entende que o espiritual não é virtual, mas real, pode ajudar a humanidade a apreender a dinâmica da vida e comunicação digital.

Apesar do crescimento das variações de pecado proporcionadas pela *web*, o ciberespaço é *capax Dei*, pois Deus está onde se encontra a pessoa humana. Assim, confirmamos a expressão de Moisés Sbardelotto: “o Verbo se fez *bit*”. Quando se pensa o ser humano no ciberespaço muitos imaginam uma desencarnação. Na verdade, é missão de todos fiéis uma encarnação no ambiente digital, desenvolvendo uma presença autêntica e acolhedora para o *novissimus* de Deus que está se manifestando através da internet. Por isso, é dever da Igreja fundar “comunidades de verdadeira compaixão como sinais sacramentais do Deus compassivo e de seu Reino. Onde há compaixão e amor, aí Deus está”.⁴²⁶

A definição de comunhão auxiliou na compreensão do chamado universal dessa rede de pessoas, isto é, da humanidade inteira, a participar do ritmo do amor trinitário. Também a

⁴²⁶ BORGMAN, Erik; VAN ERP, Stephan. Qual mensagem é o meio? Reflexões conclusivas sobre Internet, religião e ética da conectividade mediada. *Concilium*, p. 128.

eclesiologia de comunhão ajudou a apreender a relação que deve ser cultivada entre a Igreja e a rede. Além disso, a internet contribuiu no entendimento do verdadeiro significado da missão de evangelizar. Evangelização não é o anúncio de uma doutrina ou o esforço de convencer os contemporâneos das verdades em que se acredita, mas o testemunho pessoal de uma relação profunda e autêntica com Alguém que está vivo e próximo, Jesus Cristo. Evangelizar é comunicar, mas não uma comunicação de mão única, mas um diálogo que gera uma relação de amor entre as pessoas, convidando-as a fazer a experiência da comunhão com Deus. Assim, evangelizar é muito mais do que propagar a Boa Notícia, é viver essa relação de comunhão com Deus e com toda a humanidade no amor.

Então, onde abundou o “ciberpecado”, superabundou a “cibergraça”. Mais ainda, a internet é dom de Deus e possui um potencial para facilitar a comunicação, a relação e a comunhão entre as pessoas na era digital. A espiritualidade que emerge da rede, portanto, a mística própria dos nativos digitais é a comunional. Essa vida hipercomunicativa e conectiva que as novas tecnologias disponibilizaram manifesta o desejo arraigado no coração de cada ser humano por proximidade, contato, amor, comunhão com todo o gênero humano e com Deus. É isso que se define por cibergraça: a comunhão entre as pessoas nos tempos da rede.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Bruno do. *Mundo terá 3 bilhões de usuários de Internet até o final de 2014, diz UIT*. Disponível em: <<http://www.teletime.com.br/05/05/2014/mundo-tera-3-bilhoes-de-usuarios-de-internet-ate-o-final-de-2014-diz-uit/tt/376521/news.aspx>>. Acesso em: 28 de out. de 2014.
- APARICI, Roberto (Org.). *Conectados no ciberespaço*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- ASSEMBLEIA GERAL DA CNBB, 35ª, 1997, SP. *Igreja e comunicação rumo ao novo milênio: compromissos e conclusões*. Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/component/docman/doc_view/122-59-igreja-e-comunicacao-rumo-ao-novo-milenio>. Acesso em: 23 de jan. de 2015.
- AUDI, Robert (Org.). *Dicionário de Filosofia de Cambridge*. São Paulo: Paulus, 2006.
- AVELLAR, Valter Luís. *Internet e espiritualidade: o despertar através das mensagens de e-mail*. Rio de Janeiro: Calibán, 2010.
- _____. (Org.); SILVEIRA, Emerson José Sena da (Org.). *Espiritualidade e Sagrado no mundo contemporâneo: questões de método e vivência em Ciências da Religião*. São Paulo: Loyola, 2014.
- BARBOSA, Elasier. *Dicionário a origem das palavras*. São Paulo: RG Editores, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- _____. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BAUR, J. Die Trinitätslehre alls Summe des Evangeliums. In: GRESHAKE, Gisbert. *El Dios Uno y Trino: una teologia de la Trinidad*. Barcelona: Herder, 2001, KuD22 (1976) 122-131.
- BENTO XVI. *Verbum Domini: a Palavra de Deus na vida e missão da Igreja*. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20100930_verbum-domini_po.html>. Acesso em: 21 de mai. de 2013.
- _____. *Novas tecnologias, novas relações. Promover uma cultura de respeito, de diálogo, de amizade*. Mensagem para o 43º Dia Mundial das Comunicações Sociais. Roma, 2009. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20090124_43rd-world-communications-day_po.html>. Acesso em: 30 de jan. de 2015.
- _____. *O sacerdote e a pastoral no mundo digital: os novos media ao serviço da Palavra*. Mensagem para o 44º Dia Mundial das Comunicações Sociais. Roma, 2010. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20100124_44th-world-communications-day_po.html>. Acesso em: 30 de jan. de 2015.

_____. *Verdade, anúncio e autenticidade de vida, na era digital*. Mensagem para o 45º Dia Mundial das Comunicações Sociais. Roma, 2011. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/communications/documents/hf_b-en-xvi_mes_20110124_45th-world-communications-day_po.html>. Acesso em: 30 de jan. de 2015.

_____. *Silêncio e palavra: caminhos de evangelização*. Mensagem para o 46º Dia Mundial das Comunicações Sociais. Roma, 2012. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/communications/documents/hf_b-en-xvi_mes_20120124_46th-world-communications-day_po.html>. Acesso em: 30 de jan. de 2015.

_____. *Redes sociais: portais de verdade e de fé; novos espaços de evangelização*. Mensagem para o 47º Dia Mundial das Comunicações Sociais. Roma, 2013. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/communications/documents/hf_b-en-xvi_mes_20130124_47th-world-communications-day_po.html>. Acesso em: 24 de nov. de 2013.

BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

BINGEMER, Maria Clara L.; FELLER, Vitor Galdino. *Deus-Amor: a graça que habita em nós*. São Paulo: Paulinas, 2003.

BOFF, Clodovis. *Teoria do Método Teológico*. Petrópolis: Vozes, 1998.

BORGMAN, Erik; VAN ERP, Stephan. Qual mensagem é o meio? Reflexões conclusivas sobre Internet, religião e ética da conectividade mediada. *Concilium: Revista Internacional de Teologia*, n. 309, pp. 117-129. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005/1.

BROCKMAN, John. *Is the Internet changing the way you think? The net's impact on our mind and future*. New York: Harper Collins, 2011.

CAMPBELL, Heidi. Religion and the internet. *Communication research trends*, vol. 25, n.1, pág. 3-24, mar. 2006. Disponível em: <<http://www.questia.com/read/1G1-145983341/religion-and-the-internet>>. Acesso em: 25 de ago. de 2014.

CAPURRO, Rafael. O crescimento mundial da rede digital leva a uma ética global da informação? *Concilium: Revista Internacional de Teologia*, n. 309, pp. 39-49. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005/1.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2008. v.1.

_____. A sociedade em rede: do conhecimento à política. In: CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo (Orgs.). *A sociedade em rede: do conhecimento à ação política*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 4 e 5 de Mar. de 2005.

_____. *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008. v.2.

_____. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____. *Communication power*. New York: Oxford University, 2009.

_____. *The network society: a cross-cultural perspective*. Cheltenham: Edward Elgar, 2004.

CELAM. *Documento de Puebla*. 1979. Disponível em: <http://www.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130906182452.pdf?PHPSESSID=6fa1b33e3b82de1acf51b1db1e7654e7>. Acesso em: 21 de nov. de 2014.

_____. *Documento de Aparecida*. 10. ed. São Paulo: Paulus, 2009.

COBB, Jennifer. *Cybergrace: the research of God in the digital world*. New York: Crown, 1998.

COSTA, M. E. B. Grupo focal. In: DUARTE, J. e BARROS, A. *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2006.

DASHEVSKY, Evan. *Eight new mental illnesses brought to you by the Internet*, 2013. Disponível em: <<http://www.techhive.com/article/2054386/eight-new-mental-illnesses-brought-to-you-by-wait-for-it-the-internet.html>>. Acesso em: 06 de abr. de 2014.

DELICATA, Nadia. *Theology as Persuasive Communication*. 2012. Capítulo de Tese (Doutorado em Teologia) Faculdade de Teologia, Universidade de Malta, Malta, 2012.

DESOUICHE, Marie-Thérèse. *L'histoire comme lieu théologique et fondement de la théologie pastorale*. Disponível em: <<http://www.nrt.be/docs/articles/1994/116-3/118-L'histoire+comme+lieu+th%C3%A9ologique+et+fondement+de+la+th%C3%A9ologie+pastorale.pdf>>. Acesso em: 08 de mai. de 2013.

DIOCESE DE ANÁPOLIS. *Fontes da teologia*. Disponível em: <http://www.diocesedeanapolis.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2108:fontes-da-teologia&catid=129:teologia&Itemid=662> Acesso em: 07 de set. de 2014.

DYSON, Esther et al. *Cyberspace and the American Dream: A Magna Carta for the Knowledge Age* (Release 1.2, August 22, 1994). Disponível em: <<http://www.pff.org/issues-pubs/futureinsights/fi1.2magnacarta.html>>. Acesso em: 10 de nov. de 2014.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ESQUERDA, Juan Bifet. *Misionología: evangelizar em um mundo global*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2008.

ETCHICHURY, Carlos. *Adolescente gaúcho tem morte assistida na internet*. 10 de ago. de 2006. Disponível em: <<http://www.safernet.org.br/site/noticias/adolescente-ga%C3%BAcho-tem-morte-assistida-pela-internet>>. Acesso em: 26 de nov. de 2013.

FEIXA, Carles; LECCARDI, Carmem. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. *Soc. Estado*, Brasília, v.25, n. 2, ago. de 2010. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922010000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 de jun. de 2014.

FERDINAND, Peter. Ciberpoder. *Concilium: Revista Internacional de Teologia*, n. 309, pp. 28-37. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005/1.

FORMENTI, Carlo. *Incantati dalla rete: Immaginari, utopie e conflitti nell'epoca di internet*. Milano: Raffaello Cortina, 2000.

FRANCISCO. Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*. Roma, 2013. Disponível em: <<http://www.vatican.va/evangelii-gaudium/po/index.html>>. Acesso em: 04 de dez. de 2013.

_____. *Mensagem para o 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais: Comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro*. Roma, 2014. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html>. Acesso em: 08 de ago. de 2014.

_____. *Mensagem do Papa ao 4º Encontro Nacional da Pastoral da Comunicação*. Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br/comissoes-episcopais-1/comunicacao/14639-papa-envia-mensagem-ao-iv-encontro-nacional-da-pascom>>. Acesso em: 08 de ago. de 2014.

FRIESEN, Dwight J. *Thy Kingdom Connected: What the Church Can Learn from Facebook, the Internet, and Other Networks*. Ada, MI: Baker Books, 2009.

GALOT, J. Graça. In: BORRIELO, L. *Dicionário de mística*. São Paulo: Paulus – Loyola, 2003.

GALVÃO, Marícia Lopes. *O encontro de Jesus com a Samaritana: estudo bíblico-teológico de Jo 4,1-42*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: FATEO/PUCRS, 2005.

GEORGE, Susan. *Religion and technology in the 21st Century: Faith in the e-World*. Hershey (PA): Information Science Publishing, 2006.

GOMES, Pedro Gilberto. *Da Igreja eletrônica à sociedade em midiatização*. São Paulo: Paulinas, 2010.

GRESHAKE, Gisbert. *El Dios Uno y Trino: una teologia de la Trinidad*. Barcelona: Herder, 2001.

HEMMERLE, K. *Glauben – wie geht das?* Freiburg. Br. 1978, 147. In: GRESHAKE, Gisbert. *El Dios Uno y Trino: una teologia de la Trinidad*. Barcelona: Herder, 2001, p. 39.

HILBERATH, Bernd Jochen. F. Doutrina da Graça. In: SCHNEIDER, Theodor. *Manual de dogmática*. Petrópolis: Vozes, 2009.

HURTADO, Manuel. Fé e seguimento. *Itaici: Revista de Espiritualidade Inaciana*, n. 91, pp. 09-22. Itaici, São Paulo: CEI – Itaici, mar. de 2013.

HUTCHINGS, Tim. Creating Church Online: Networks and Collectives in Contemporary Christianity. In: CHEONG, Pauline Hope (Org.) et al. *Digital Religion, Social Media and*

Culture: Perspectives, Practices and Futures. New York: Peter Lang, 2012 (Digital Information, v. 78).

IGREJA CATÓLICA. *Gaudium et spes: a Igreja no mundo atual*. Roma, 1965. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html>. Acesso em: 30 de set. de 2013.

_____. *A Nova Evangelização para a Transmissão da Fé Cristã: Instrumentum laboris do Sínodo sobre a Nova Evangelização*. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20120619_instrumentum-xiii_po.html>. Acesso em: 27 de out. de 2014.

ILHA, Flávio. *Jovem comete suicídio depois de ter fotos íntimas vazadas na internet*, 20 de nov. de 2013. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/jovem-comete-suicidio-depois-de-ter-fotos-intimas-vazadas-na-internet-10831415>>. Acesso em: 26 de nov. de 2013.

JENKINS, Henry. *Convergence Culture*. New York: New York University Press, 2006.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Redemptoris Missio: sobre a validade permanente do mandato missionário*. Roma, 1990. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio_po.html>. Acesso em: 21 de ago. de 2011.

_____. *Carta Apostólica Rápido Desenvolvimento*. Roma, 2005. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_letters/documents/hf_jp-ii_apl_20050124_il-rapido-sviluppo_po.html>. Acesso em: 16 de jan. de 2015.

_____. *Exortação Apostólica Christifideles Laici: sobre vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo*. Roma, 1988. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_30121988_christifideles-laici_po.html>. Acesso em: 24 de nov. de 2014.

KONINGS, Johans. *Evangelho segundo João*. Petrópolis: Vozes, 2000.

LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas – Loyola, 2004.

LANIER, Jaron. *Gadget: você não é um aplicativo*. São Paulo: Saraiva, 2010.

LAS CASAS, Bartolomeu. *Único modo de atrair todos os povos à verdadeira religião*. São Paulo: Paulus, 2005.

LEMONS, André. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. 2.ed. Porto Alegre: Sulinas, 2004.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. 2.ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

LOYOLA, Inácio. *Exercícios espirituais de Santo Inácio de Loyola*. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

MCLUHAN, Marshal. *Os meios de comunicação como extensão do homem*. São Paulo: Cultrix, 1964.

MARTÍNEZ, Felicísimo D. *Teologia da comunicação*. São Paulo: Paulinas, 1997.

MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *O evangelho de São João: grande comentário bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1989.

_____. *Vocabulário teológico do evangelho de São João*. São Paulo: Paulinas, 1989.

MOLTMANN, Jürgen. *A fonte da vida: o Espírito Santo e a teologia da vida*. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. *O espírito da vida: uma pneumatologia integral*. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. *Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a teologia*. Petrópolis: Vozes, 2000.

NEUTZLING, Inácio. Uma época de mudanças. Uma mudança de época. Algumas observações. *Convergência*, Ano 43, n. 409, p. 107.

OCCHIPINTI, G. Lugar Teológico. In: MANCUSO, Vito; PACOMIO, Luciano. *Lexicon: Dicionario Teologico Enciclopedico*. Itália: Edizioni Piemme Spa, 193, pp. 449-450.

O'DONOHUE, John. *Person als Vermittlung: Die Dialektik von Individualität und Allgemeinheit in Hegels *Phänomenologie des Geistes+*. Eine philosophisch-theologische Interpretation. Mainz: Mathias-Grünwald-Verlag, 1993 (Tübinger Studien zur Theologie und Philosophie 4).

OLIVARES, R. S. Graça. In: PIKAZA, Xabier (Org.). *Dicionário Teológico O Deus Cristão*. São Paulo: Paulus, 1988.

OLIVEIRA, Sidnei. *Geração Y: o nascimento de uma nova versão de líderes*. São Paulo: Integrare Editora, 2010.

PAULO VI. *Discorso di Paolo VI al Personale del Centro Automazione Analisi Linguistica Dell'Aloysianum*. 19 jun. de 1964. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/speeches/1964/documents/hf_p-vi_spe_19640619_analisi-linguistica_it.html>. Acesso em: 10 de jan. de 2015.

PAVAN, A.; MILANO, A. (Org.). *Persona e personalismo*. Napoli: Dehoniana, 1987.

PEDROSA, V. M. Catequese Trinitária. In: PIKAZA, Xabier; SILANES, Nereo (Orgs.). *Dicionário Teológico O Deus Cristão*. São Paulo: Paulus, 1988, pp. 149-150.

PFISTER, Wally (Dir.). *Transcendence*. Filme, Ficção Científica, 119 min. Estados Unidos, Reino Unido: Warner Bros Pictures, Alcon Entertainment, 19 de jun. de 2014.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. *Instrução*

Pastoral Aetatis Novae: sobre as comunicações sociais novigésimo aniversário de *Communio et Progressio*. Roma, 1992.

Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_22021992_aetatis_po.html>. Acesso em: 25 de ago. de 2011.

PUNTEL, Joana. Inter Mirifica: a comunicação pela primeira vez num Concílio. *Espaços*, v.11, n.2, pp. 175-182. São Paulo: 2003.

RABUSKE, Irineu J; DIAS DA SILVA, Cássio M. *Evangelhos e Atos dos Apóstolos*: novíssima tradução dos originais. São Paulo: Loyola, 2011.

RAMOS, M. Evangelização e Liturgia. In: *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 424.

RAYMOND, E.S. *How to become a hacker*. Disponível em: <<http://catb.org/~esr/faqs/hacker-howto.html>>. Acesso em: 11 de jan. de 2015.

REVISTA PUCRS. *Cyberbulling*: relações que machucam a alma. Porto Alegre, n.169, Ano XXXVI, p. 30-31, mai. jun. de 2014.

REPUBBLICA.IT. *Facebook, droni solari per connettere l'Africa*. Sfida nei cieli con Google. Disponível em: <http://www.repubblica.it/tecnologia/2014/03/04/news/facebook_droni_per_connettere_1_africa-80201797/>. Acesso em: 25 de jan. de 2015.

REYES, Paulo Edison. *A cidade afetada pela cultura digital*. IHU Idéias. Ano 2, n. 24. São Leopoldo: UNISINOS, 2004.

RIBEIRO, Jorge Cláudio. *Bento XVI e a juventude*. 27 de julho de 2011. Ciberteologia. Ano VII, n. 36, p. 101-129. Disponível em: <<http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/downloads/2011/10/02Juventudeemissao.pdf>>. Acesso em: 10 de jun. de 2014.

ROSSI, T. Pecado. In: MANCUSO, Vito; PACOMIO, Luciano. *Lexicon*: Dicionario Teologico Enciclopedico. Itália: Edizioni Piemme Spa, 193, pp. 579-580.

SBARDELOTTO, Moisés. *Deus digital, religiosidade online, fiel conectado*: estudos sobre religião e internet. Cadernos Teologia Pública, Ano IX, n. 70. São Leopoldo: IHU – Unisinos, 2012.

_____. *“E o Verbo se fez bit”*: a comunicação e a experiência religiosas na internet. Aparecida: Santuário, 2013.

SESBOÛÉ, Bernard. *História dos dogmas*. Tomo 1: O Deus da salvação. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. *História dos dogmas*. Tomo 4: A Palavra da Salvação. São Paulo: Loyola, 2002.

SILVA, Aline Amaro da. *Igreja e Cultura Digital*: a nova evangelização dos nativos virtuais. 2011, 120f. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social com Habilitação em

Jornalismo). Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2011.

_____. Teologia e comunicação digital: a nova evangelização dos nativos virtuais. *Anais do Congresso Estadual de Teologia*. São Leopoldo: Faculdades EST, 2013. Disponível em: <<http://anais.est.edu.br/index.php/teologians/article/view/178>>. Acesso em: 08 de jan. de 2015.

_____. Cibergraça: a comunhão do Espírito nos tempos da rede. *Anais do IV Congresso da ANPTECRE: O Futuro das Religiões no Brasil*. Recife: Unicap, 2013. Disponível em: <http://www.unicap.br/anptecre/wp-content/uploads/2013/12/ANPTECRE_IV-Congresso.pdf>. Acesso em: 08 de jan. de 2015.

_____. Bem comum, conexão e comunhão: Movimentos sociais e espiritualidades do ciberespaço. *Anais do 27º Congresso Internacional da SOTER: espiritualidades e dinâmicas sociais: memória – prospectivas*. Organização SOTER. Belo Horizonte: SOTER, 2014. Disponível em: <<http://www.soter.org.br/documentos/documento-b76alpGfrS3eYkK6.pdf>>. Acesso em: 08 de jan. de 2015.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Leia a Bíblia como literatura*. São Paulo: Loyola, 2007.

SPADARO, Antonio. *Ciberteologia: pensar o cristianismo nos tempos da rede*. São Paulo: Paulinas, 2012.

_____. *O Mistério da Igreja na era das mídias digitais*. Cadernos Teologia Pública, Ano IX, n. 73. São Leopoldo: IHU – Unisinos, 2012.

_____. E-book Kindle. *Cybergrace*. Milano: 40K, 2013.

_____. *Ama il tuo link come te stesso*. Disponível em: <<http://www.lastampa.it/2013/09/27/cultura/ama-il-link-tuo-come-te-stesso-OoVl8GKyczzTU7Udk1e4wJ/pagina.html>>. Acesso em: 27 de set. de 2013.

_____. *Entrevista ao Papa Francisco*. Roma, 2013. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/papa-francesco_20130921_intervista-spadaro.pdf>. Acesso em: 10 de dez. de 2014.

_____. *Os seis principais desafios da comunicação digital para a pastoral*. Disponível em: <<http://www.cyberteologia.it/2014/11/le-6-grandi-sfide-della-comunicazione-digitale-alla-pastorale/>>. Acesso em: 07 de nov. de 2014.

_____. La fede nella rete delle relazione. *La Civiltà Cattolica*, Roma, v. II, caderno 3837, p. 258-271, mai. 2010.

STANCATI, T. Graça. In: MANCUSO, Vito; PACOMIO, Luciano. *Lexicon: Dicionario Teologico Enciclopedico*. Itália: Edizioni Piemme Spa, 193, pp. 325-326.

SUREKI, Luiz Carlos. Ferdinand Ebner: Filósofo-teólogo da Palavra. *Perspectiva Teológica*, Ano 43, n. 119, pp. 103-115. Belo Horizonte, Jan/Abr 2011.

TAPSCOTT, Don. *Geração Digital: a crescente e irreversível ascensão da geração net*. 1. ed. São Paulo: Makron Books, 1999.

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. *O meio divino: ensaio de vida interior*. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. *O fenômeno humano*. São Paulo: Cultrix, 1995.

_____. *Ciência e Cristo*. Petrópolis: Vozes, 1974.

TILLARD, Jean-Marie Rene. *Iglesia de iglesias: eclesiología de comunión*. Salamanca: Sígueme, 1999.

WAGNER, Rachel. *Godwired: Religion, Ritual and Virtual Reality*. New York: Routledge, 2012.

WARBURG, Margit. HOJSGAARD, Morten T. (Orgs.) *Religion and Cyberspace*. New York: Routledge, 2012.

WERTHEIM, Margaret. *Uma história do espaço: de Dante à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

WHITSITT, Landon. *Open Source Church: Making Room for the Wisdom of All*. Herndon, Virginia: Alban, 2011.

VAZ, Henrique C. de Lima. *Escritos de Filosofia VII: raízes da modernidade*. São Paulo: Loyola, 2002.

VERASZTO, Estéfano Vizconde et al. Tecnologia: buscando uma definição para o conceito. *Prisma.com*, n.7, 2008. Disponível em: <<http://revistas.ua.pt/index.php/prismacom/article/viewFile/681/pdf>>. Acesso em: 25 de ago. de 2014.

VIDOSSICH, F.; FURLAN, O. Tecnologia. *Dicionário de novos termos de ciências e tecnologias: empréstimos, locuções, siglas, cruzamentos e acrônimos*. São Paulo: Pioneira, 1996.

ZILLES, Urbano. *Antropologia teológica*. São Paulo: Paulus, 2011.

_____. *Pessoa e dignidade humana*. Curitiba: Editora CRV, 2012.

_____. *Desafios atuais para a teologia*. São Paulo: Paulus, 2011.

ZIZIOULAS, John D. *Being as communion*. New York: Vladimir's Seminary Press, 1985.